

DM

Boaventura / Boa Ventura
Um Património Linguístico e Cultural a descobrir

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Andreia Raquel Andrade Sousa
MESTRADO EM ESTUDOS REGIONAIS E LOCAIS



UNIVERSIDADE da MADEIRA

A Nossa Universidade

www.uma.pt

março | 2025

Boaventura / Boa Ventura
Um Património Linguístico e Cultural a descobrir
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Andreia Raquel Andrade Sousa
MESTRADO EM ESTUDOS REGIONAIS E LOCAIS

ORIENTAÇÃO
Maria Helena Dias Rebelo

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos aqueles que contribuíram para a concretização desta Dissertação, especialmente aos informantes que me dispensaram o seu tempo e partilharam a sua sabedoria. Engenheiro Rocha da Silva, grata pelo seu precioso contributo, e António da Silva Joaquim, agradecida pelo seu incrível conhecimento das serras que de fio a pavio percorreu e partilhou, enriquecendo ainda mais esta Dissertação. Um agradecimento especial à Professora Doutora Helena Rebelo, que acreditou desde o primeiro momento nesta Dissertação. A si, muito obrigada por toda a ajuda e por todo o tempo que investiu em mim!

Resumo:

A freguesia da Boaventura / Boa Ventura, situada no concelho de São Vicente, na costa norte da ilha da Madeira, é um território marcado por uma paisagem natural singular e uma identidade cultural profunda. Este estudo visa valorizar o seu património, com especial enfoque na toponímia, e esclarecer a dualidade gráfica do seu topónimo: “Boaventura” ou “Boa Ventura”. A investigação assenta numa metodologia mista, integrando a análise documental e a bibliográfica com a recolha de dados orais, através de entrevistas e questionário. A partir do cruzamento dessas fontes, foi elaborado um levantamento toponímico bastante completo da freguesia, em que a área habitada foi categorizada segundo a taxonomia de Maria Amaral Dick. A análise evidenciou a toponímia como reflexo da geografia, da flora e das tradições agrícolas locais. Quanto à grafia do topónimo, os dados recolhidos indicam que, embora ambas as formas tenham coexistido ao longo do tempo, “Boaventura” se afirma como a forma predominante e mais consolidada. Este trabalho contribui para a preservação do património linguístico e cultural da freguesia, reforçando o papel da toponímia na construção da identidade e da memória coletivas.

Palavras-chave:

Boaventura / Boa Ventura, Património Linguístico, Património Cultural, Lugares, Toponímia.

Abstract

The parish of Boaventura / Boa Ventura, located in the municipality of São Vicente on the north coast of Madeira Island, is a territory marked by a unique natural landscape and a deep cultural identity. This study aims to highlight its heritage, with a special focus on toponymy, and to clarify the graphic duality of its name: “Boaventura” or “Boa Ventura.” The research is based on a mixed methodology, combining documentary and bibliographic analysis with the collection of oral data through interviews and a questionnaire. By cross-referencing these sources, a comprehensive toponymic survey of the parish was carried out, with the inhabited area categorized according to Maria Amaral Dick’s taxonomy. The analysis revealed that the toponymy reflects the local geography, flora, and agricultural traditions. Regarding the spelling of the toponym, the collected data indicate that, although both forms have coexisted over time, “Boaventura” stands out as the predominant and more consolidated form. This work contributes to the preservation of the parish’s linguistic and cultural heritage, reinforcing the role of toponymy in the construction of collective identity and memory.

Keywords: Boaventura / Boa Ventura, Linguistic Heritage, Cultural Heritage, Places, Toponymy.

Índice

Agradecimentos	II
Resumo	III
Abstract	IV
Índice de Mapas	VII
Índice de Figuras.....	VII
Índice de Fotografias	VII
Índice de Gráficos	VIII
Índice de Tabelas	VIII
Introdução	9
Capítulo I - São Vicente e Boaventura / Boa Ventura: Terras de Heranças	11
1. Contextualização: o território, as gentes e o património	11
2. O território e a sua história.....	12
3. As gentes: caracterização da população	22
4. Património.....	27
4.1. Património Natural	28
4.2. Património Cultural	31
4.2.1. Os solares: património material e imaterial	33
4.3. Património Linguístico	35
Capítulo II – Boaventura / Boa Ventura: o nome e as suas histórias.....	38
1. Reflexão sobre a origem do macrotópónimo	38
2. O topónimo segundo as autoridades	41
2.1. Autoridades locais.....	41
2.2. Instituições locais.....	45
2.3. Autoridades Regionais	47
2.4. Autoridades externas.....	48
3. Questionário aos residentes	50
3.1. O questionário e as suas motivações.....	50
3.2. Os resultados	51
Capítulo III – A toponímia como Património Linguístico.....	59
1. A toponímia e a sua motivação	59
1.1. Topónimos das serras: tradição oral	69
2. Topónimos da área habitada da freguesia.....	71

2.1. Análise das listas: Sítios, lugares e caminhos que unem.....	72
2.2. Microtoponímia: uma janela para o passado	76
2.3. Microtoponímia: análise quantitativa e qualitativa	79
Conclusão.....	90
Referências Bibliográficas	93
Webgrafia.....	96
Apêndice e Anexos.....	99

Índice de Mapas

Mapa 1 - Concelhos da Região Autónoma da Madeira

Mapa 2 - Freguesias do concelho de São Vicente

Mapa 3 - Dualidade de grafia do topónimo Boaventura / Boa Ventura

Mapa 4 - Localização do topónimo grafado “Boaventura” face às restantes freguesias do concelho

Mapa 5 - Mapa da ilha da Madeira com localização do topónimo registado “Boaventura”, disponível nos Postos de Turismo da Região

Mapa 6 - Mapa regional com o topónimo “Boa Ventura”

Mapa 7 - Outro exemplo de mapa regional com o topónimo grafado “Boa Ventura”

Índice de Figuras

Figura 1 - Brasão da Junta de Freguesia

Figura 2 - Bandeira da freguesia

Figura 3 - Logótipo da “Casa do Povo de Boaventura - 1959”

Índice de Fotografias

Fotografia 1 - Grafia justaposta do topónimo na fachada da Junta de Freguesia

Fotografia 2 - Homenagem ao fotógrafo na qual está patente a dualidade de escrita do topónimo em estudo, no qual podemos ler: «Homenagem ao fotógrafo DIOGO GUALTER ANDRADE DA SILVA, pela dedicação e empenho na promoção e divulgação da Freguesia de Boaventura, no mundo digital. “... se isto é o paraíso já não preciso de outro lugar.” Boa Ventura, 18 de novembro de 2024»

Fotografia 3 - Placa do Hotel Rural: “Solar de Boaventura, Hotel Rural – Restaurante”

Fotografia 4 - Fachada da Escola da “Boaventura”

Fotografia 5 - Inscrição na igreja Matriz da freguesia «“Fazei o que ele vos disser” (JO 2,5) A paróquia de Boaventura e o seu pároco padre Élio Gomes, pretendem recordar para todo o sempre, a visita da Virgem Peregrina à nossa Paróquia de 19 a 21-10-2009»

Fotografia 6 - Grafia aglutinada do topónimo em estudo no logótipo da farmácia

Fotografia 7 - mercearia local

Fotografia 8 - Placa toponímica na entrada da freguesia

Fotografia 9 - Placa da Via Expresso

Fotografia 10 - Pormenor do Caminho da Entrosa

Índice de Gráficos

Gráfico 1 - Evolução da população na freguesia da Boaventura / Boa Ventura entre 1864 e 2021

Gráfico 2 - Sexo dos inquiridos

Gráfico 3 - Intervalos de idade da população inquirida Gráfico 4 - Nível de escolaridade

Gráfico 5 - Nível de escolaridade e grafia escolhida

Gráfico 6 - Gentílico dos fregueses da Boaventura / Boa Ventura Gráfico 7 - Contabilização de nomes

Gráfico 8 - Taxonomia dos topónimos da freguesia da Boaventura (natureza física e natureza antroponímico-cultural)

Gráfico 9 - Categorias dos topónimos referentes a vias de comunicação com base na natureza física e antroponímico-cultural

Gráfico 10 - Categorização dos topónimos das vias com base na natureza física

Gráfico 11 - Categorização dos topónimos das vias com base na natureza física e antroponímico-cultural

Gráfico 12 - Categorização dos topónimos das vias com base na natureza antroponímico-cultural

Gráfico 13 - Categorização dos topónimos das vias com base na natureza antroponímico-cultural e natureza-física

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Definições recolhidas no *Dicionário Corográfico do Arquipélago da Madeira*

Tabela 2 - Definições de alguns nomes que constituem topónimos na freguesia da Boaventura e levantam dúvidas

Tabela 3 - Número de repetições dos topónimos da Lista 1

Tabela 4 - Verificação de existência dos microtopónimos na freguesia

Tabela 5 - Classificação taxonómica dos sítios da freguesia da Boaventura

Introdução

A freguesia da Boaventura / Boa Ventura¹, localizada no norte da ilha da Madeira, distingue-se por uma forte herança histórica, marcada pela emigração, pela transmissão oral do conhecimento e pela conservação de práticas culturais tradicionais, num território de rara beleza natural. Este estudo parte da premissa de que cada lugar carrega em si uma narrativa própria, muitas vezes refletida na toponímia, ou seja, nos nomes atribuídos a espaços geográficos específicos. No caso da Boaventura / Boa Ventura, esses topónimos não apenas designam espaços físicos, mas encerram memórias, modos de vida, dinâmicas familiares e estruturas de organização territorial herdadas ao longo das gerações.

O objetivo geral desta investigação consiste em valorizar a história, a cultura e o património linguístico da freguesia da Boaventura / Boa Ventura, através de recolha, sistematização e análise crítica dos topónimos locais. A investigação propõe-se, assim, contribuir para uma melhor compreensão da identidade cultural da comunidade, preservando o património imaterial que se manifesta nas designações tradicionais dos lugares.

O problema central que orienta esta dissertação reside na seguinte questão: de que forma a toponímia da freguesia em estudo pode refletir e preservar a identidade cultural e a memória coletiva da comunidade local, num contexto de mudanças demográficas, sociais e linguísticas? Esta problemática torna-se ainda mais pertinente perante fenómenos como a emigração histórica da população para diversos destinos como Suíça, França, Alemanha, Venezuela, Curaçau, África do Sul, Brasil e Estados Unidos², e a posterior transformação da freguesia em função de novas dinâmicas de mobilidade, envelhecimento populacional e renovação infraestrutural.

Partindo dessa questão, formulam-se as seguintes hipóteses: em primeiro lugar, presume-se que a toponímia da freguesia, mesmo que predominantemente transmitida de forma oral, constitui um repositório de memória social e cultural, ainda não totalmente registado ou valorizado. Em segundo lugar, defende-se que a coexistência das grafias “Boaventura” e “Boa Ventura” revela não apenas variações ortográficas, mas também diferentes visões identitárias e usos institucionais do nome da freguesia. Por fim, admite-se que o levantamento e o estudo sistemático dos topónimos podem contribuir para a valorização do património local.

¹ Grafamos as duas formas por serem coexistentes na comunidade. Mais adiante, será escolhida uma delas.

² Vieira, Aires dos Passos (2012), “Elevação a Paróquia de Boaventura (São Vicente, Madeira)”, *Isleña*, n.º 50, Funchal: SRTC, p. 125

A relevância deste trabalho justifica-se pela necessidade de documentar e estudar o património linguístico da freguesia, frequentemente negligenciado nas grandes narrativas históricas e culturais da ilha da Madeira. O presente estudo insere-se no campo dos Estudos Regionais e Locais, enquanto instrumento que dialoga com a linguística, a etnografia e a história oral. Ao registar os topónimos locais e ao analisar a sua origem e significação, contribui-se para a preservação de uma herança cultural em risco de desaparecimento, bem como para o fortalecimento da identidade coletiva da comunidade. Sendo habitante de São Vicente, efetuar um trabalho sobre o concelho era um objetivo pessoal.

De forma a alcançar os objetivos propostos, estabelecem-se os seguintes objetivos específicos: estudar a origem e a evolução do topónimo “Boaventura / Boa Ventura” com base em fontes históricas e linguísticas; identificar e registar os topónimos da freguesia, incluindo a microtoponímia; analisar as motivações culturais, históricas e linguísticas associadas a esses nomes; recolher testemunhos orais de residentes mais velhos sobre as suas vivências e a utilização com significado dos topónimos; refletir sobre a importância da toponímia enquanto instrumento de valorização patrimonial e identitária.

A metodologia adotada nesta dissertação combina uma abordagem qualitativa com ferramentas de investigação empírica. A componente teórica é fundamentada numa pesquisa bibliográfica abrangente. A vertente prática inclui a aplicação de um questionário a 50 residentes da freguesia, pertencentes a diferentes faixas etárias, com o objetivo de apurar as preferências relativamente à grafia do nome da localidade e ao uso do respetivo gentílico. Foram ainda realizadas entrevistas a três informantes com mais de 76 anos - duas individuais e uma coletiva - com o objetivo de aceder a memórias orais sobre as vivências e a designação dos lugares.

A dualidade gráfica do nome da freguesia é objeto de análise, sendo igualmente apresentada a fundamentação da forma ortográfica adotada ao longo da dissertação, depois de ter optado por uma das grafias. A construção de uma lista única e congregadora de topónimos baseou-se na recolha e cruzamento de dados provenientes de listas previamente existentes, de diversas fontes bibliográficas e da tradição oral local.

Ao longo dos capítulos que compõem este trabalho, evidenciar-se-á que Boaventura / Boa Ventura é muito mais do que um simples “santuário da natureza”. Esta dissertação procura, acima de tudo, contribuir para um conhecimento mais aprofundado da freguesia, destacando a importância do património linguístico como via alternativa para compreender a sua identidade e a especificidade cultural.

CAPÍTULO I

SÃO VICENTE E BOAVENTURA / BOA VENTURA: TERRAS DE HERANÇA

1. Contextualização: o território, as gentes e o património

Relacionar conceitos como “território”, “gentes” e “património” para investigar sobre uma freguesia do norte da ilha da Madeira, como é a Boaventura / Boa Ventura, implica procurar referências bibliográficas de diversas áreas, nomeadamente: geografia, história, cultura, literatura, entre outras, como a linguística. Esta será a área predominante na vertente do conceito de “património linguístico”, uma vez que nos vai interessar observar os dados nesse âmbito, interligando-o com a freguesia da Boaventura / Boa Ventura, território do concelho de São Vicente, ligado, no passado, à freguesia de Ponta Delgada. Nesse território, as populações (as gentes)³ foram ocupando terras durante séculos, vivendo de algum modo isoladas, o que pressupõe uma conservação cultural e linguística acentuada. Não será por acaso que Paula Freitas (1994, 77) escreveu uma obra dedicada ao falar de São Vicente, apresentando uma metáfora específica como a do “congelador” para a conservação linguística:

Em primeiro lugar, é relevante, neste falar, uma semelhança com a língua portuguesa do século XVI, pela presença de formas arcaicas, o que pode fazer crer que o isolamento, anteriormente, referido, funcionou como uma espécie de “congelador” de alguns aspetos fónicos da língua recebida.

Assim sendo, importa-nos, primeiro, apresentar os dados sobre o território e a sua história, para, de seguida, tratar de aspetos ligados à população. Finalizaremos, esta parte com questões ligadas ao património, que podem estar ligadas ao início do povoamento.

2. O Território e a sua história

Os encantos do território em apreço são enaltecidos por diversos autores, sob os mais diversos ângulos. Vejam-se os seguintes versos, havendo dúvidas sobre a área que abrange, apenas a parte habitada ou incluindo a das serras:

A Natureza canta,
Boa Ventura como és Santa,

³ O termo “população” é mais geral e neutro do que o de “gentes” que, do nosso ponto de vista, remete para a simplicidade do povo, para a maioria dos habitantes da freguesia, tanto no passado como no presente (cf. Andreia Silva *Histórias de Vida das Gentes de Cima* (2021).

Toda gente se espanta ao te ver,
Em toda a parte és falada sem ninguém se aperceber.
Que és parte de São Vicente,
A parte mais bonita, a parte mais reluzente,
A parte em que todos querem viver.
Diogo Gualter⁴

Quanto à localização geográfica da freguesia, não há dúvidas. Os mapas localizam-na há muito, embora não seja de momento possível assinalar o primeiro mapa onde venha mencionada. No arquipélago da Madeira, há, hoje, 11 concelhos (cf. mapa 1), encontrando-se na ilha da Madeira, a Norte, entre outros, o concelho de São Vicente (cf. mapa 2), com as suas três freguesias: São Vicente, a Ponta Delgada e, de assento mais recente, a Boaventura / Boa Ventura. Os mapas, enquanto figuras, são fontes documentais que registam a toponímia e servem, no presente caso, para ilustrar a instabilidade gráfica relativamente ao nome do lugar em estudo. Os que se seguem representam, de alguma forma, isso mesmo. Trata-se, apenas, de alguns exemplos, para revelar o interesse do assunto, que será abordado no capítulo II e que já se pode enunciar, “Boaventura / Boa Ventura: o nome e as suas histórias”.

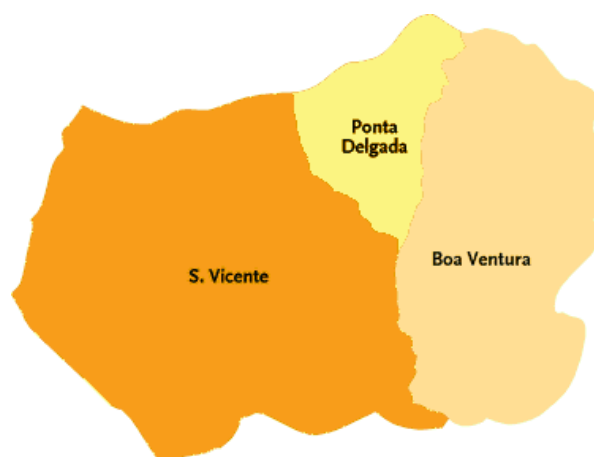


Mapa 1 - Concelhos da Região Autónoma da Madeira

Fonte - <https://geneall.net/pt/mapa/20/madeira/>, consultado a 16 de abril de 2024

⁴ Verso retirado das redes sociais do *Visit Boaventura* a 27 de janeiro de 2025.

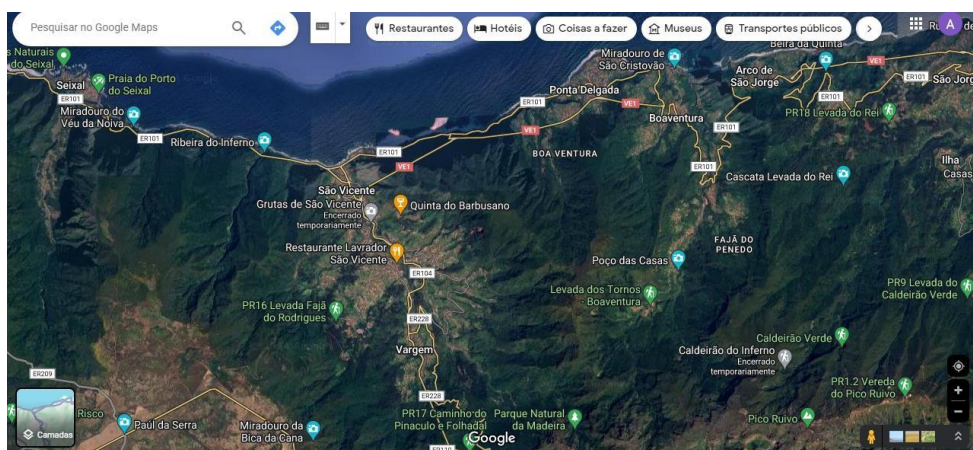
No sentido de compreender melhor as diferenças entre as três freguesias, as suas áreas e a população residente (cf. mapa 2), consultámos algumas fontes, na Internet. Nas páginas oficiais das instituições locais, como a Câmara Municipal e as Juntas de Freguesia, São Vicente tem uma área de 43,70 km² para 2.794 habitantes (cf. censos de 2021). A Ponta Delgada com 1.045 habitantes expande-se por uma área de 8,80 km² (cf. censos de 2021). A Boaventura / Boa Ventura, possuindo uma área de 26,20 km², comporta uma população de 1.035 habitantes (cf. censos de 2021). Da comparação, verificamos que a freguesia sede de concelho é a maior e tem mais população. Embora seja a mais nova, a freguesia em análise possui uma extensão territorial maior do que a de Ponta Delgada, da qual foi desmembrada. Curiosamente, a diferença populacional entre ambas é mínima, com apenas dez habitantes a mais na freguesia mais antiga. Atualmente, os limites territoriais entre as freguesias ainda são objeto de algumas disputas. Outrora, os limites das freguesias eram definidos pela paróquia. Com o desmembramento da freguesia de Ponta Delgada, os moradores do sítio da Levada ficaram a pertencer à Boaventura / Boa Ventura. A prova disso é que são eleitores dessa freguesia e o seu código postal também é de lá. No entanto, os censos não reconhecem esta situação, atribuindo duas casas do local à freguesia de Ponta Delgada. Além de não serem contabilizados nos registos de população residente na Boaventura / Boa Ventura, esses moradores recusam-se a ser considerados como fregueses de Ponta Delgada, chegando mesmo ao ponto de não quererem fornecer os seus dados para os censos, segundo testemunhos ouvidos.



Mapa 2 - Freguesias do concelho de São Vicente

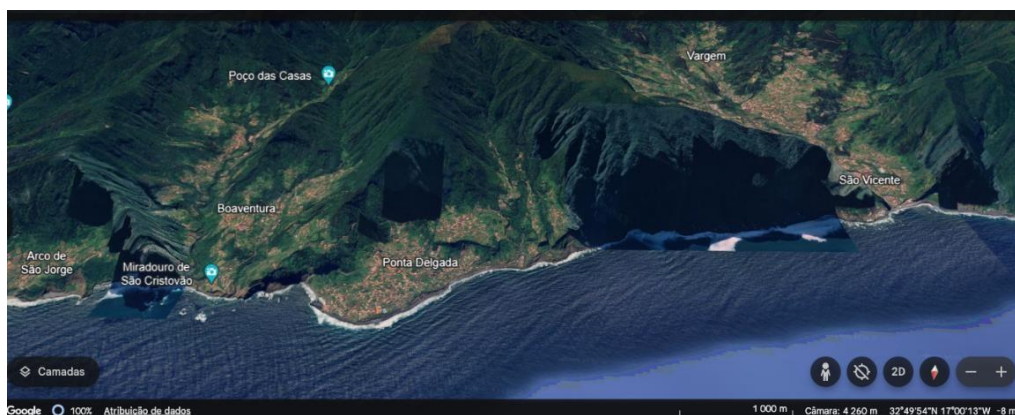
Fonte: <https://geneall.net/pt/mapa/325/sao-vicente/>, consultado a 16 de abril de 2024

A confusão não se resume apenas a este caso de 2021. De acordo com os dados da Direção Regional do Ordenamento do Território, e como se pode ver no Google Maps, existe um marco no sítio da Levada que define a linha de separação das freguesias. Mais do que as duas casas mencionadas pelos censos, várias habitações ficam na realidade do lado de Ponta Delgada. O mesmo problema se verifica com o miradouro da Boca das Voltas. Segundo as delimitações territoriais, o miradouro não pertence à Boaventura / Boa Ventura, mas a vereda logo acima já faz parte da freguesia, sendo que a Junta de Freguesia da Boaventura / Boa Ventura é a responsável pela sua manutenção. Inconformado com a situação, o Presidente da Junta de Freguesia, Joaquim dos Santos, questionou a Direção Regional do Património, que o informou acerca das “delimitações não precisam de ser em linha reta”. Seguindo esta afirmação, casas que pertencem à Boaventura / Boa Ventura estão registadas como sendo de Ponta Delgada, e o ilhéu, que está, inclusive, patente na bandeira da freguesia seria pertencente a São Jorge. A Direção Regional do Ordenamento do Território indica que a divisão deve ser feita no marco mais abaixo do miradouro, o que inclui mais casas. No entanto, os censos só consideram duas. A tensão escalou recentemente, quando o Governo Regional, ao realizar uma intervenção no miradouro da Boca das Voltas, colocou uma placa, indicando que o mesmo pertence ao concelho de Santana. Esta situação indignou ainda mais os habitantes e está a ser monitorizada pelo presidente da Junta de Freguesia da Boaventura / Boa Ventura. Situações como estas demonstram que a delimitação territorial da freguesia continua a ser um ponto controverso, com as freguesias vizinhas.



Mapa 3 - Dualidade de grafia do topónimo Boaventura / Boa Ventura

Fonte: Google Maps - São Vicente, consultado a 16 de abril de 2024



Mapa 4 - Localização do topónimo grafado “Boaventura” face às restantes freguesias do concelho

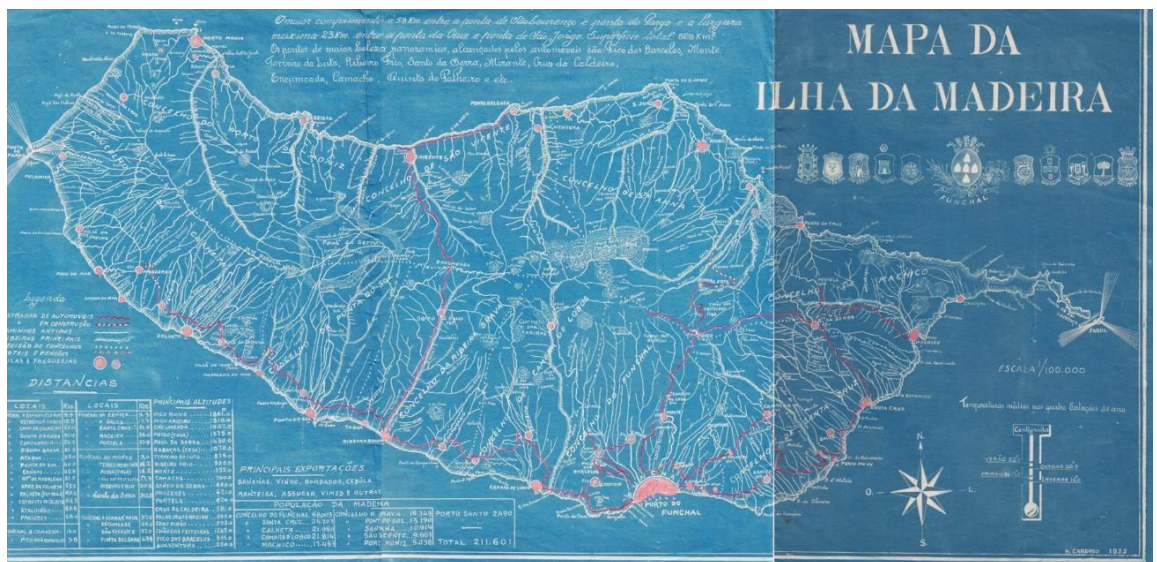
Fonte: Google Earth – “Boaventura”, consultado a 16 de abril de 2024

A par dos limites territoriais, outro ponto de incerteza diz respeito à escrita adequada do nome da freguesia. Mesmo as novas tecnologias de cartografia, como o Google Earth e o Google Maps, não apresentam consenso sobre a grafia do topónimo. Os recortes dos mapas 3 e 4 ilustram isso mesmo. É sobretudo o mapa 3 que revela a dificuldade na opção acertada da grafia do topónimo, já que regista a dualidade que se vai encontrando noutras fontes, ou seja, o processo por justaposição, separando “Boa” de “Ventura”, e o processo morfológico de aglutinação, juntando ambas numa única unidade: “Boaventura”. Idêntica problemática se regista, se compararmos mapas mais recentes (cf. mapa 5 – 2023-2024, “Boaventura”) com mapas mais antigos (cf. mapas 6 e 7 – 1935, séc. 19 – “Boa Ventura”). Verificámos que, apesar de serem de épocas diferentes, um mapa é do século XX e o outro do século XIX, apresentam configuração e grafia semelhantes, escrevendo ambos o topónimo “Santana” por justaposição e abreviado: “St. Anna”, o que poderá indicar que a grafia de “Boa Ventura”, justaposta, será mais antiga do que a aglutinada, temática que abordaremos, a seu tempo, no capítulo II.



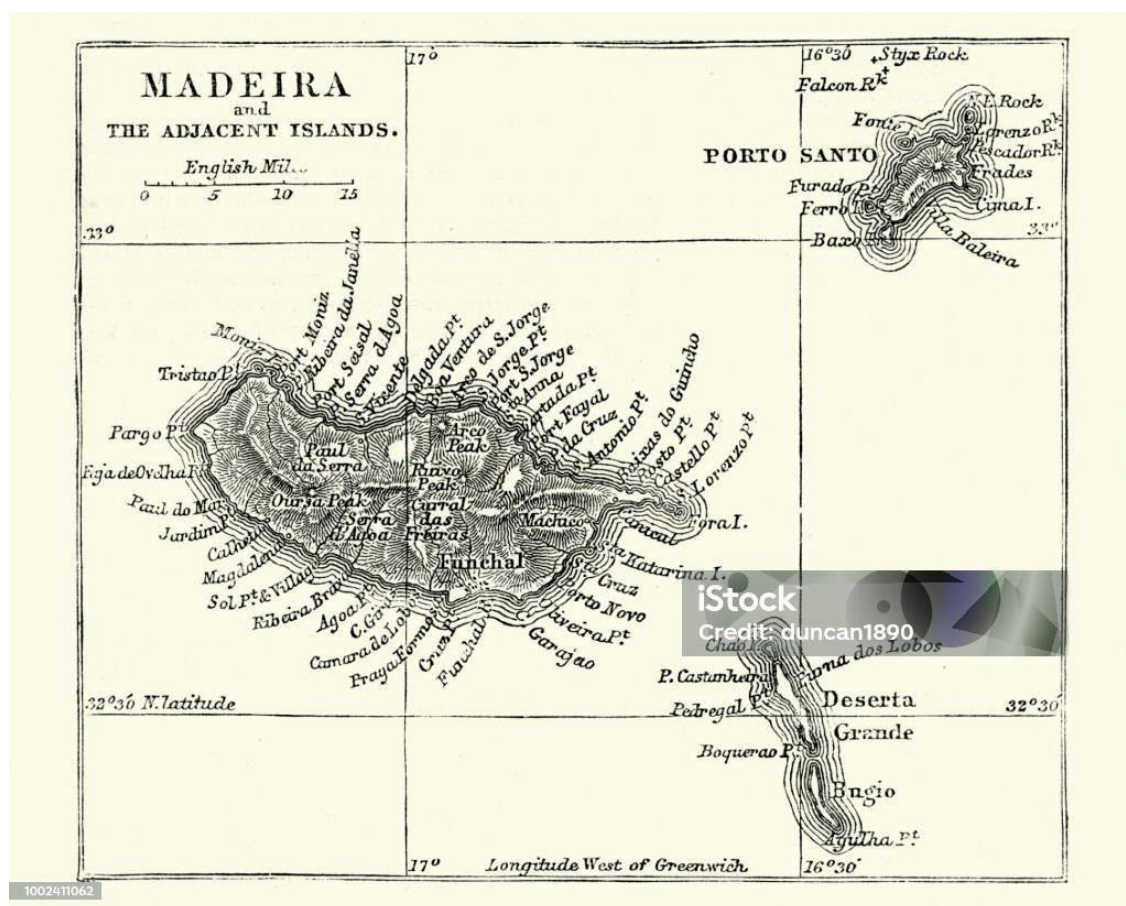
Mapa 5 - Mapa da ilha da Madeira com localização do topónimo registado “Boaventura”, disponível nos Postos de Turismo da Região

Fonte: Secretaria Regional do Turismo e Cultura, consultado a 16 de abril de 2024



Mapa 6 - Mapa regional com o topónimo “Boa Ventura”

Fonte: <https://archive.org/download/MapaMadeira1935/MapaMadeira1935.jpg> (Cardoso, M., 1935), consultado a 16 de abril de 2024



Mapa 7 - Outro exemplo de mapa regional com o topónimo grafado “Boa Ventura”

Fonte: <https://www.istockphoto.com/pt/vetorial/map-of-madeira-19th-century-gm1002411062-270892706>, consultado a 16 de abril de 2024

São Vicente, além de freguesia, como verificado (cf. mapa 1 e mapa 2), dá nome ao concelho. Em termos de área, atinge, como referido, os 78,82 km², o que se lê em qualquer prospeto de divulgação municipal. Está limitado a leste pelo município de Santana, a sul por Câmara de Lobos, Ribeira Brava, Ponta do Sol e Calheta e a Oeste pelo Porto Moniz. Geograficamente, situada entre as freguesias de Ponta Delgada e do Arco de São Jorge, Boaventura / Boa Ventura, com os seus 26,20 km² de extensão, faz fronteira a leste com São Jorge (concelho de Santana) a oeste com a Ponta Delgada (concelho de São Vicente) e a sul com o Curral das Freiras (concelho de Câmara de Lobos). A nível orográfico, o relevo da freguesia é mais acidentado do que nas outras duas freguesias do concelho, o que, em grande parte, causou o seu isolamento, tornando-a distante do Funchal e da própria sede de concelho, São Vicente. As acessibilidades foram, durante muito tempo, um entrave ao seu desenvolvimento, pela falta de contacto com outras localidades.

A geografia condicionou a sua população e marcou-a historicamente, como o revelam Vieira e Vieira (2019, 40):

Boaventura é uma freguesia grande, talvez uma das maiores da ilha, mas a sua orografia é marcada por vales profundos e altas montanhas, socalcos em declive, caminhos escarpados e acessos penosos. Isolada e sem mobilidade, a vida económica tornava-se quase impossível porque os produtos da terra, embora de belíssima qualidade, não podiam chegar ao mercado do Funchal, a 60 quilómetros de distância, sem transportes terrestres ou marítimos. Nem estrada nem porto, nem sequer um burro, nem sequer uma bicicleta, que de pouco serviria nestes caminhos de cabras.

É uma freguesia com duas ribeiras (Vieira, 2011, 19). A do Porco nasce na serra das Torrinhãs que faz a separação entre Boaventura / Boa Ventura e o Curral das Freiras. A ribeira dos Moinhos é responsável por “alimentar” as seis levadas que atravessam o território boaventurenses / boa venturense: Levada da Achada Grande, Levada Grande, Levada das Faias, Levada da Achada dos Alves e Pastel e Levada da Achada ou do Serrão. Todas elas têm origem nesta mesma ribeira que, como o próprio nome indica, servia vários moinhos. Na foz da Ribeira do Porco, havia um porto, que Ribeiro (2005, 32) menciona:

Em 1904, os moradores de Ponta Delgada enviaram uma petição ao Rei, pedindo o melhoramento do porto desta localidade. Referiram que, em 1893, foi celebrado um contrato para navegação costeira a vapor à volta da Ilha, escolhendo a empresa Insulana Ponta Delgada para o terminus da sua viagem (...) a partir de então passaram a chegar em médias, três vapores por semana, que partiam do Funchal, alternadamente, ora pelo Leste, ora pelo Oeste, servindo assim, também Boaventura e Arco de S. Jorge.

Pela sua importância, o porto é referido por outros autores, nomeadamente por Silva e Meneses (1934, 155), indicando que era “onde ancoram barcos e onde os vapores costeiros lançam cargas e passageiros”. A Ribeira do Porco era um elemento central na vida dos habitantes da freguesia, desempenhando diversas funções. Além de facilitar o escoamento de produtos por via marítima, era explorada como fonte de recursos naturais, como areia e barro, utilizados em atividades como a construção civil. Havia uma fábrica de telhas e um engenho⁵ de aguardente cuja força motriz era a água canalizada da ribeira. As ruínas existentes são um testemunho da importância histórica e económica que a Ribeira do Porco já teve para a freguesia e para o concelho. Por se tratar de um património cultural, a sua preservação deveria ser fundamental.

⁵ Construção de 1899 in <https://amc-cgm.blogspot.com/2020/03/engenhos.html>.

A caminho da praia de Calhau, de relativamente fácil acesso, porém não recomendada a banhos, devido à bravura do mar, situa-se a Entrosa que ligava os viandantes ao Arco de São Jorge, fazendo parte do Caminho Real 23, calçadado com pedra partida. É considerado o mais extenso, pois percorre toda a ilha, como lemos em Ribeiro (2005, 206):

O percurso da Entrosa é o da Estrada Real número 23, que dava a volta à Ilha e já estava concluída na década de 70 do século XIX. Depois de uma visita ao Calhau da Ribeira do Porco, é um dos passeios mais pitoresco da beira-mar. O viandante parece elevar-se pela montanha acima e vai observando ali mesmo o promontório de Ponta Delgada e a igreja do Bom Jesus (...) a Ribeira do Porto corre pitoresca e no final faz uma espécie de *meandro divagante*. Nalguns dias, forma-se um *borrifador*: a água do mar sai pelo ilhéu acima com uma grande pressão quase sob a forma de vapor. (...) abundam os buchos, uma espécie arbustiva um pouco rara, que poderão ser usados nos arcos de triunfo da festa do Bom Jesus.

É, claramente, pela sua orografia que assume uma dupla faceta: o isolamento pode ser entendido pela negativa e pela positiva. Por um lado, a população ficou sem contactos facilitados, mas, por outro lado, viveu rodeada por uma paisagem única. É considerada, por muitos, o “santuário” da Natureza porque a sua paisagem é pautada pelo verde da Laurissilva, estendendo-se até à costa marítima, onde já funcionou o porto mencionado, essencialmente de mercadorias, embora não fosse o principal, uma vez que o de São Vicente, enquanto sede de concelho, tinha maior relevância. Remontando ao período dos Descobrimentos, mais propriamente, ao séc. XV e ao descobrimento da ilha da Madeira, o Infante D. Henrique dividiu as ilhas, distribuindo as terras por capitães. Assim, as ilhas, Porto Santo e a Madeira, foram divididas em três capitánias. Bartolomeu Perestrelo ficou com a capitania do Porto Santo, enquanto a ilha da Madeira foi separada em duas. O Funchal e toda a vertente sul ficou a cargo de João Gonçalves Zarco e a vertente mais a norte sob domínio de Tristão Vaz Teixeira. A divisão em capitánias mostrou-se eficaz na contribuição para o povoamento e o desenvolvimento da ilha da Madeira, apesar das sedes de capitania serem beneficiadas, prejudicando as outras localidades, como verificamos no caso de São Vicente e Machico.

O topónimo “São Vicente” deve-se ao Santo Padroeiro, porque em sua honra erigiram uma pequena capela à beira-mar, a Capelinha do Calhau. São Vicente, como todas as localidades da costa norte da ilha, estava dependente, em termos administrativos, da capitania de Machico, sendo a maior jurisdição de toda a ilha, remontando a meados do século XV. Devido às condições geográficas limitantes e sobretudo ao mar revoltoso,

era muito difícil manter a comunicação com a sede de capitania, prejudicando os direitos daqueles que tinham de se deslocar até à sede de concelho. Havia a necessidade da criação de uma vila. A população de São Vicente ambicionava que este local se tornasse município contra a vontade da Câmara de Machico. Foram várias as tentativas, até que em 1744 a população de São Vicente e das freguesias adjacentes, formularam um pedido à coroa para a criação de um novo concelho, com sede em São Vicente. No dia 25 de agosto de 1744, El Rei, o Senhor D. João V, por carta régia, erigiu o lugar de São Vicente em sede de concelho e vila do mesmo nome. Assim, criou o primeiro concelho a norte, na ilha da Madeira, que, em 2024, celebrou 280 anos da sua fundação. O que sucedeu com o concelho de São Vicente aconteceu, posteriormente, com a freguesia da Boaventura / Boa Ventura. Integrada na Ponta Delgada, foi desagregada, ganhando autonomia administrativa e tornando-se freguesia.

A história boaventurenses / boa venturenses não é totalmente consensual porque a ocupação da terra na costa norte não tem fontes. Devido à ausência de documentação, não é possível datar o início do povoamento, como atesta Alberto Vieira (1996, 5):

Não se sabe ao certo quando começou o povoamento da encosta norte da ilha. As dificuldades de penetração, por via marítima e terrestre, terão sido factor de ponderação para os possíveis interessados e actuaram de certeza, como entrave à sua humanização. É provável que, desde meados do século XV, tenham afluído a esta costa norte alguns povoadores que traçaram os novos povoados nas clareiras abertas. S. Vicente foi, sem dúvida, o primeiro logo seguido de Ponta Delgada. Boaventura deverá ser lugar de assentamento muito mais recente e nunca assumiu a importância das anteriores.

Para “recontarmos” a história da Boaventura / Boa Ventura, recorreremos, entre outras obras, ao *Elucidário Madeirense*, à publicação *Freguesias da Madeira* e ao *Dicionário Corográfico do Arquipélago da Madeira*, visto serem obras valiosas, que abordam temáticas relacionadas com a história e a geografia, além de outros aspetos, fazendo uma caracterização da ilha. Apesar de não serem textos atuais, são referências incontornáveis, para as quais contribuiu o Padre Fernando Augusto da Silva. Por meio destas fontes, sabemos que terras de sesmaria a perder de vista foram desbravadas por Pedro Gomes de Galdo, o primeiro sesmeiro da freguesia, homenageado, ainda hoje, com uma estrada que leva o seu nome. Quanto à origem do macrotopónimo não conseguimos precisar. Alberto Sarmiento (1953, 17) atribui o motivo para esta freguesia se chamar “Boaventura” à alcunha do seu primeiro povoador: “Parece que primitivamente foram

terras do «boa-ventura» chamadas, da alcunha que teve o seu povoador. E bôa sorte coube a Pero Gomes de Galdo”. Porém, existem outras “teorias”, que iremos apresentar no capítulo II.

A história do lugar faz-se igualmente pela história religiosa, relacionada com o património cultural. Pedro Galdo terá mandado erigir uma capela em honra de São Cristóvão. Contudo, não há concordância entre os autores que se pronunciaram sobre o assunto. A quem se deve atribuir a construção da capela? Por um lado, Alberto Sarmiento (1953, 17) afirma que foi, sem dúvida, Pedro Galdo: “Pero Galdo aproveitou bem a sesmaria e dentro de 5 anos, na posse definitiva, vinculou suas terras e mandou edificar a capela de S. Cristovão.”. Por outro lado, o *Elucidário Madeirense* supõe que poderão ter sido também os descendentes de Pedro Galdo, se ele não foi o impulsionador da construção: “Pedro Galdo foi um dos mais antigos povoadores conhecidos da Boaventura, atribuindo-se-lhe ou a um dos seus descendentes a construção da capela de São Cristóvão, no sítio dêste nome.” (Silva e Meneses, 1934, 154). Dessa capela, não resta nada. Por isso, há quem duvide da sua existência, sendo o primeiro local de culto na Boaventura / Boa Ventura, nos dias de hoje, não sobra uma pedra. Apesar dos descréditos, existem provas efetivas da sua existência, como Ribeiro (2005, 77) refere: “Esta capela estava junto à beira-mar. Desde 1568 até 1628 celebraram-se ali 13 casamentos, apesar de estar sujeita à do Bom Jesus de Ponta Delgada”. Também encontramos provas da sua existência no livro de António Marinho Matos (2003) *Boaventura, Evangelização, devoção e património cultural (subsídios para a história da sua paróquia)*, que reproduz excertos dos Livros de Visitações que ele consultou. Conforme o *Dicionário Corográfico do Arquipélago da Madeira* de Fernando da Silva (1934, 26 e 326), no verbete dedicado ao sítio de São Cristóvão, é mencionada a existência de uma capela sob a invocação do santo homónimo. Essa capela teria sido erguida provavelmente no último quartel do século XV e demolida em 1748.

É de realçar que, antes da construção da capela, os moradores da Boaventura / Boa Ventura, de forma a exercerem a sua fé, tinham de se deslocar até à Ponta Delgada, o que não era uma tarefa fácil, principalmente no inverno. Dessa forma, reivindicaram ao pároco a criação de um curato com sede na freguesia e, em 1733, viram esse pedido ser satisfeito, como podemos comprovar no seguinte parágrafo do I volume do *Elucidário Madeirense* (Silva e Meneses, 1984, 154):

Por alvará régio de 4 de Fevereiro de 1733, D. João V autorizou ao prelado diocesano a criação deste curato, que não sabemos quando foi definitivamente provido, nem que jurisdição ou atribuições lhe foram conferidas. Ficou entretanto dependente da paróquia de Ponta Delgada, da qual se foi a pouco e pouco libertando até constituir uma freguesia autónoma. (...) A sede do curato foi a capela de Santa Quiteria, construída pelo povo no ano de 1731.

A título de curiosidade, podemos adicionar outras informações retiradas dessa mesma entrada. Por um lado, observemos o caso dos batizados que começaram a ser realizados em 1790 e o dos casamentos que o foram somente após a elevação a paróquia. Além disso, ficamos a saber que o pagamento conhecido como “côngrua”, que o cura tinha inicialmente, era de “um moio meio de trigo e uma pipa e meia de vinho”, tendo sido aumentado posteriormente. Por outro lado, Ribeiro (2005, 97), na sua entrada referenciada como “ourivesaria”, fruto de um levantamento aos testamentos do concelho, no século XVIII, inclusive relativos à freguesia, atesta que as peças de valor eram deixadas ou a alguém de grande estima ou a imagens religiosas que veneravam, “Em 1737, Maria Quitéria deixou o seu anel a Santa Quitéria, cuja ermida se acabava de construir e onde se iria, mais tarde, construir a sede da paróquia da Boaventura.”, revelando assim a importância da devoção e da esperança depositada na fé católica.

Apesar do curato estar instaurado na Boaventura / Boa Ventura, tinha a dependência da igreja matriz de Ponta Delgada. Por alvará de 18 de novembro de 1836, António Alfredo de Santa Catarina Braga, governador do bispado e vigário capitular, eleva o curato a paróquia e, a partir daí, a sede do novo curato e a da nova freguesia passaram a ser na capela de Santa Quitéria, localizada no sítio do Serrão, onde está atualmente a igreja de Santa Quitéria, junto à ER 101. Um informante faz referência a essa dependência de Ponta Delgada (cf. entrevista 2, em apêndice), “(...) Ponta Delgada é que mandava aqui”. Essa separação era desejada há muito tempo pelos fregueses como o confirma, novamente, Ribeiro (2005, 56): “A primeira pretensão dos moradores da Boaventura para quererem ser uma freguesia autónoma de Ponta Delgada é datada de 1804.”. No entanto, só em 1919, passou a haver nova paróquia, a da Fajã do Penedo, onde está edificado o primeiro templo no mundo em honra ao Imaculado Coração de Maria.

3. As Gentes: caracterização da população

Para o passado remoto da freguesia, não se conhecem dados relativamente à população. Contudo, pontualmente, há quem afirme que ela já foi numerosa, como lemos

na citação de Ribeiro (2005, 113), referindo Horácio Bento de Gouveia, autor originário de Ponta Delgada que conhecia bem aqueles territórios:

Boaventura era uma zona muito rural e onde as pessoas viviam mais *apinhadas*. Horácio Bento Gouveia, no livro *Crónicas do Norte*, até se referia [a] uma rapariguinha da Falca que veio como criada para Ponta Delgada, a qual, para grande espanto do autor, era acostumada a dormir sentada num banco.

Uma informante³, que foi enfermeira de profissão e exerceu na freguesia (cf. entrevista 1, em apêndice) durante o séc. XX, revelou que a situação estava de tal forma descontrolada que, superiormente, foi alertada a apoiar as mulheres que iam às consultas ao Centro de Saúde para não terem mais filhos, a fim de controlarem a natalidade. A iniciativa não foi bem aceite pela população, segundo a informante. Graças à mesma, podemos traçar um retrato da população da freguesia, em meados do século XX, mais concretamente anos da década de 60 e adiante. A informante enfatiza repetidamente a pobreza e as dificuldades que caracterizavam a vida na Boaventura / Boa Ventura. Relata como as pessoas lutavam para sobreviver, dependendo muitas da agricultura ou trabalhando para os proprietários de terras, trabalhos ingratos, pois, ainda tinham de pagar aos proprietários para lá trabalhar. O acesso à saúde e à educação era limitado. A falta de infraestruturas e transportes tornava a vida quotidiana desafiadora. Apesar das adversidades, a informante também descreve um período de significativa transformação social, assim como a chegada da eletricidade e novas instalações de saúde, com gradual melhoria nos padrões de vida. No entanto, essa evolução coincidiu com o declínio dos meios de subsistência tradicionais, como a agricultura e a produção de vime, bem como com o fluxo migratório de gerações mais jovens em busca de oportunidades noutros lugares. Os dados da entrevista 2 (cf. entrevista 2, em apêndice) corroboram o relato do informante sobre a pobreza da região e da freguesia. Faz referência à chegada da eletricidade como um marco importante, o informante relatou ter pagado oito contos pela instalação, naquela altura.

Os dados dos primeiros censos realizados na freguesia em estudo atestam indícios de ter sido um local populoso. Evidenciámos que os primeiros censos foram realizados em 1864, vinte e oito anos depois da Boaventura / Boa Ventura ter sido desmembrada de

³ Os participantes das entrevistas - designados como informantes - foram selecionados com base no seu profundo conhecimento sobre a freguesia e na sua idade superior a 76 anos. Por meio de uma conversa informal, foram abordadas diversas questões relacionadas às suas vivências e à forma como recordam a freguesia no passado. Questionou-se ainda a grafia do macrotopónimo em estudo: Boaventura ou Boa Ventura.

Ponta Delgada e de ter alcançado o estatuto de freguesia, em 1836. Compilámos a informação disponível, no gráfico da evolução populacional da freguesia desde 1864 até 2021. Observámos que os intervalos entre os censos foram irregulares. Por exemplo, passaram-se 14 anos entre o primeiro e o segundo censo, e 12 anos entre o segundo e o terceiro. Progressivamente, foram realizados censos de forma regular, a cada dez anos. Esse período foi estabelecido pela importância dos dados que os mesmos fornecem. Com o decorrer dos anos, foram introduzindo novos campos que atualmente permitem compreender a densidade populacional do território. Além dos dados demográficos, a partir de 2011, é possível obter informações sobre os aspetos sociais, económicos e culturais da população.

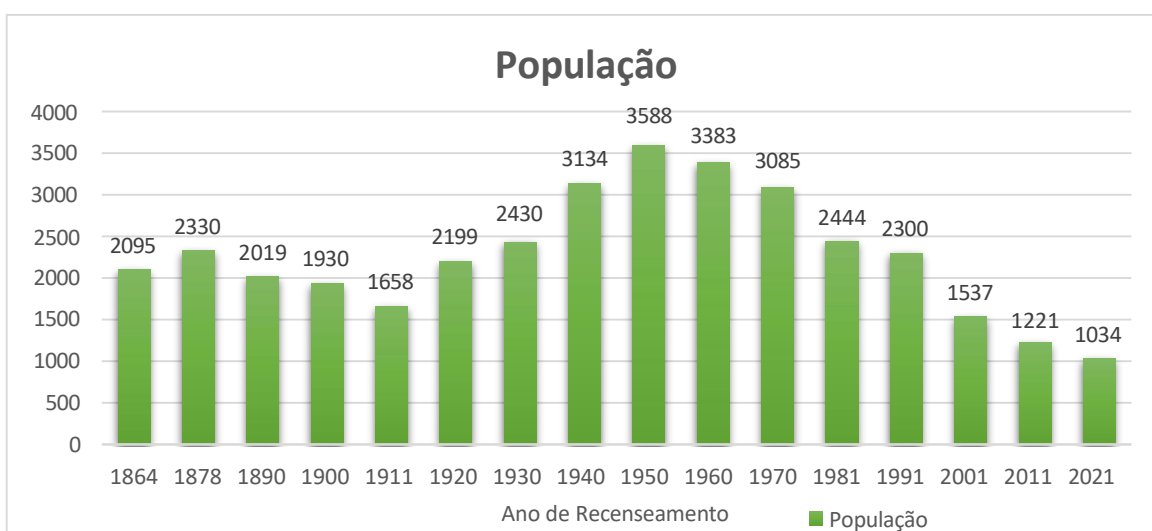


Gráfico 1 - Evolução da população na freguesia da Boaventura / Boa Ventura entre 1864 e 2021

Fonte: elaborado pela autora a partir dos censos

Analisando o gráfico da evolução da população na freguesia da Boaventura / Boa Ventura entre 1864 e 2021. Observamos que a população apresentou um ligeiro crescimento, seguido de um decréscimo, o que foi sucedido por um período de aceleração, culminando, por fim, num novo decréscimo populacional. Verificámos que os censos realizados em 1878, quatorze anos após os primeiros, de 1864, revelaram um aumento de 235 habitantes. Doze anos depois, em 1890, foi registado um decréscimo de 311 pessoas em relação ao ano anterior. Entre 1920 e 1950, a população cresceu, atingindo o pico histórico em 1950, com 3.588 habitantes, número que ainda não foi superado. A partir de 1960, iniciou-se um declínio populacional que culminou no menor número de habitantes registado de 2021, com 1.034 pessoas.

De forma a traçarmos um perfil atual e preciso da população, recorreremos, novamente, aos censos demográficos. De 1864 a 1970, não conseguimos ter dados concretos para caracterizar socialmente a população. Portanto, faremos o retrato da população tendo em conta os censos atuais, que são uma fonte fidedigna porque fornece dados precisos. Permitiu-nos obter uma visão da densidade populacional, do número e da idade média dos habitantes, do nível de escolaridade e do índice de envelhecimento. Há mais elementos. Porém, não são relevantes para a presente análise.

Apesar de a Boaventura / Boa Ventura ter uma grande área, a população, como já verificámos, tem vindo a decrescer. Segundo os dados dos dois últimos censos, em 2011, a população total concelhia era de 5.723 e, para a Boaventura / Boa Ventura, de 1.221. Em 2021, residiam no concelho de São Vicente 4.865 indivíduos, dos quais 1.034 na Boaventura / Boa Ventura. Esse decréscimo populacional (menos 187 habitantes na freguesia) não se restringe apenas ao concelho de São Vicente. De acordo com um artigo do Observador, intitulado “Censos 2021 revelam que Portugal tem menos 214 mil residentes do que em 2011: Saldo migratório positivo não compensa esta perda” (disponível na Webgrafia), que analisou dados do Instituto Nacional de Estatística (INE), este fenómeno de redução populacional não se restringe apenas à Região Autónoma da Madeira, mas estende-se também a Portugal Continental e ao arquipélago dos Açores. Em 2021, a freguesia apresentava uma densidade populacional de 40,9 habitantes por km² e a idade média da população boaventurenses / boa venturenses era de 50,9 anos, revelando um processo de envelhecimento populacional acelerado, como podemos verificar através do índice de envelhecimento que é de 352,2, ou seja, existiam para essa quantidade de idosos (com 65 anos ou mais) 100 jovens (menos de 15 anos). Podemos especificar que, no intervalo dos 0 aos 14 anos, contavam-se 90 habitantes; dos 15 aos 24 anos, 81; dos 25 aos 64 anos, 546 e com 65 anos ou mais, 317. Verificámos, uma vez mais, que estamos perante uma freguesia e um concelho que acompanham o retrato do país, apresentando, assim, uma população envelhecida, corroborado pelo artigo online “PORDATA retrata o perfil da população portuguesa”, mencionado na Webgrafia. Diante dessa realidade, a Casa do Povo da Boaventura tem feito um importante trabalho junto da camada mais idosa da população, promovendo um envelhecimento ativo e combatendo o isolamento social.

Quanto à população estrangeira residente, a freguesia em questão (cf. censos de 2021) contava com quinze estrangeiros, representando uma pequena parcela da população total. Destes indivíduos, sete eram provenientes de países europeus, enquanto os restantes oito eram originários do continente americano. Ao fazermos uma análise mais detalhada,

por faixa etária, obtivemos a seguinte distribuição: havia uma criança (10 aos 14 anos), dois adolescentes - jovens (15-19 anos), dois indivíduos entre os 20 e os 39 anos e outros dois entre os 40 e os 59 anos. O número de indivíduos com menor intervalo da faixa etária, dos 60 aos 64 anos, era de cinco pessoas. Atestamos que não havia nenhum idoso (65 anos ou mais). Apesar de os dados serem de 2021, não refletem a situação atual com grande precisão, sendo que é plausível supor que a população estrangeira residente tenha crescido significativamente em 2023-2024, pois temos assistido, há algum tempo, a um aumento de novos residentes, não apenas na freguesia, mas em todo o concelho.

Relativamente à taxa de desemprego, na freguesia em estudo, era de 116 pessoas em conformidade com os últimos censos. Este dado sugere várias leituras. Contudo, seriam necessários mais dados para poder interpretar a informação de forma mais concreta. Temos observado que muitas pessoas trabalham fora da freguesia, visto que esta não possui ofertas salariais suficientes para garantir trabalho.

A fim de caracterizar melhor a população, ainda com os dados dos censos de 2021, registamos uma taxa de analfabetismo de 11,2 %. Eram 399 os residentes apenas com o primeiro ciclo. Assinalaram-se 151 com a conclusão do segundo ciclo e 100 finalizaram o terceiro ciclo. Com o ensino secundário, tínhamos 143 habitantes, dos quais dois com o curso técnico superior profissional. Relativamente ao ensino superior, foram identificadas duas pessoas que obtiveram o bacharelato. Contaram-se 39 como licenciados e foram quatro os habitantes com mestrado. Denotamos a ausência de doutores na freguesia. Globalmente, quanto à educação formal, a população tem pouca escolaridade.

Um dado a realçar relaciona a orografia da freguesia com as gentes. Considerando-se a seguinte afirmação dos censos de 2021: “População residente nos alojamentos familiares clássicos, segundo a existência de entrada acessível a cadeira de rodas”, num universo de 465 alojamentos, 161 permitiam uma entrada acessível a cadeira de rodas, enquanto 304 não eram acessíveis devido à orografia. Relacionando pessoas idosas com fraca mobilidade, este aspeto permite compreender que, no presente, o isolamento populacional ainda é considerável, tendo sido muito mais acentuado no passado, como observámos. É de referir que a orografia, em termos gerais, foi o fator primordial do isolamento sentido pelas gentes, que, no seu conjunto, por ali habitavam e trabalhavam, sem ter contacto com as populações vizinhas, mesmo a nível concelhio e, inclusive, dentro da própria freguesia, como confirma a seguinte afirmação de Vieira e Vieira (2019, 67):

Assim viveram os habitantes desta freguesia durante alguns séculos, sepultados num isolamento que parecia ser eterno; entregues à sua sorte e apenas sujeitos à influência das forças da natureza, quase sem saberem que para além das cumeeiras das montanhas circundantes que roçam nas nuvens, existiam outras terras e outras gentes.

Nos dias de hoje, a realidade é bem diferente, uma vez que já não estão “num isolamento que parecia eterno”, conhecendo outras terras, até porque foram essas mesmas que levaram os “filhos da terra” além-mar. A emigração resultou num declínio significativo da população. Entre 2011 e 2021, como observámos, perdeu cerca de 15% dos residentes segundo os últimos censos. A maioria dos residentes era e continua a ser idosa. O problema não é exclusivo da freguesia porque se manifesta nos restantes concelhos da Região Autónoma da Madeira e no país. Contudo, importou-nos ter uma noção mais precisa da freguesia, da população que, ainda, a habita. Sendo, essencialmente, idosa transporta marcas patrimoniais que conservou e dela fazem parte os informantes deste estudo.

4. Património

Consideramos essencial colher algumas definições de “território” e de “património” (para a noção de “terras de herança”), assim como de património linguístico, cultural e natural. O território, além da sua dimensão geográfica, é um espaço de relações sociais, culturais e simbólicas, construído historicamente, fundamental para a formação de identidades. O património, que vai além da herança material, engloba um conjunto de bens, práticas e conhecimentos que conferem significado a um lugar e a um povo. Ele é um processo dinâmico, moldado por relações de poder e sujeito a constantes reinterpretações. A relação entre território e património é estreita, pois o território é onde o património se manifesta e se materializa. A compreensão dessa relação é fundamental para a valorização e a proteção do património cultural, especialmente se considerarmos um contexto de globalização e desenvolvimento.

Nesta sequência, e para um melhor entendimento da palavra “património”, uma rápida consulta ao *Grande Dicionário da Língua Portuguesa* (1991, 591) permitiu-nos recolher uma definição. Segundo este, o termo provém da palavra latina “patrimoniū”, nome masculino, com a seguinte definição:

Património, s. m. (do lat. *patrimoniū*-). Herança paterna; Bens de família; Bens indispensáveis para a ordenação de qualquer eclesiástico; Qualquer espécie de bens,

materiais ou morais, pertencentes a alguém ou a alguma instituição ou colectividade; Pequena povoação, no interior do Brasil; Instituir património, obrigar uma porção determinada de bens para sustentação de qualquer ordenando.

A definição anterior demonstra que o conceito “património” é um legado transmitido ao longo das gerações. Ao englobar bens materiais e imateriais, a definição do autor vai ao encontro das diretrizes da UNESCO, que ampliam o conceito de “património” para incluir não apenas bens tangíveis, como monumentos e objetos históricos, mas também elementos intangíveis, como saberes tradicionais, práticas culturais e expressões artísticas. Dessa forma, o património é considerado um conjunto de bens e valores que confere identidade a indivíduos, grupos sociais e à própria humanidade.

4.1. Património Natural

Nesse sentido, podemos criar uma subdivisão fundamental de “património”: “natural” e “cultural”. Para chegarmos à definição destas formas de herança que recebemos e que devemos preservar, consultámos no *Dicionário da Língua Portuguesa* (Costa e Sampaio, 2013, 987) da Porto Editora, o termo “natural”, que apresenta a seguinte definição:

ad. 2 gén. da natureza ou a ela respeitante; que nasce com o indivíduo; ingénito; que não tem artifício, composição ou mistura; simples; espontâneo; provável; justo; nacional; oriundo; próprio; peculiar; humano; s. m. indígena; índole; carácter. (Lat. *naturale*).

Notámos que temos várias aceções associadas ao conceito. Porém, a que nos interessa é apenas a parte da definição que diz respeito à natureza. O que é relevante apurar são as definições de “património cultural” e “património natural”. Após a consulta de diversas fontes, não encontramos uma definição. Desta forma, concluímos que a UNESCO criou definições para estes termos. Podemos consultá-las no documento elaborado a 16 de novembro de 1972 na *Convenção para a proteção do Património Mundial, Cultural e Natural* que foi desenvolvida para estabelecer um sistema de cooperação internacional de forma a proteger o “património cultural” e “natural” de “valor universal excecional para as gerações, presentes e futuras”.

Enquanto o “património cultural” engloba os monumentos, os conjuntos e os locais de interesse, o “património natural” inclui “os monumentos naturais, as formações

geológicas e fisiográficas e os locais de interesse naturais”. Apesar de os conceitos serem semelhantes, o que os distingue é a intervenção humana, ou seja, por um lado, um resulta da criação do ser humano em função das necessidades com as quais se confronta, por outro, como o próprio nome indica, o outro é natural, não há nele intervenção do ser humano. É puramente criação da natureza. Pudemos estabelecer uma interligação com a Boaventura / Boa Ventura, onde há claros exemplos deste tipo de património, como comprovamos na citação abaixo, de Alberto Vieira (2012, 124):

Outrora e ainda hoje, no interior e nas fronteiras da freguesia, podemos admirar as diversas tonalidades da vegetação, contraste das cores, os sons e os silêncios das florestas, a variedade e a beleza das serras, a verdejante *laurissilva*, enfim, as nascentes, os cursos de água e as levadas que alimentam a paisagem e fecundam a agricultura, a flora e a fruticultura... Tudo isto constituiu um cenário maravilhoso que podemos considerar o *ex libris* de Boaventura, e que, por isso, pode ser classificada como um monumento único de paisagem e uma harmonia de ambiente singular, dignos de referência.

Esta descrição rica e detalhada da natureza da Boaventura / Boa Ventura, além de inspiradora, demonstra haver uma beleza singular. Destaca-se a floresta nativa da região, com espaços onde o ser humano raramente se desloca. É parte essencial da biodiversidade, reconhecida pela UNESCO como área a proteger, visto que figura desde 1999 na lista do Património Mundial, na categoria de “património natural”. Alberto Vieira faz uma autêntica celebração à natureza, com destaque para a floresta Laurissilva, um *ex libris* já reconhecido, que importa preservar. Quando falamos em “património natural”, temos grandes exemplos na freguesia, nomeadamente: “a rocha que cai”, que a professora Helena Nunes (1999, 40) eterniza no livro *Crónicas de Dentro e de Fora da Ilha: Dez anos de recordações, 1987-1999*, descrevendo-a como um milagre da natureza:

Um dia fui ver o “milagre”!... Há muitos, muitos anos, um grande pedregulho estava preso ao solo por uma parcela do seu todo e desse modo se sustentando e resistindo às intempéries do tempo e aos baloiços que as pessoas lhe imprimiram por curiosidade.

Sem contar com esse monumento natural, existe, um geossítio⁶: “Movimentos de Massa”, que, segundo o sítio de Internet Geodiversidade Madeira, “é um dos melhores

⁶ “Ocorrência de um ou mais elementos da geodiversidade (aflorantes quer em resultado da acção de processos naturais quer devido à intervenção humana), bem delimitado geograficamente e que apresente valor singular do ponto de vista científico, pedagógico, cultural, turístico ou outro.” (Brilha, 2005, 52).

locais da ilha para se observar um depósito resultante de um deslizamento do tipo rotacional de grandes dimensões, em particular das suas características sedimentares e estruturas de deformação interna”. A zona da praia é, também, de grande interesse geológico, engloba vários elementos como o vale da Ribeira do Porco e os ilhéus do Porco e Vermelho. Estes resultaram da força erosiva e são marca identificativa da freguesia. O autor Alberto Vieira (1994, 90 e 91) faz, igualmente, referência aos aspetos geológicos do local, como verificamos na seguinte citação:

Ao longo dos vales onde correm as ribeiras de S. Vicente e Porco (Boaventura) aflora o complexo vulcânico de base constituído, essencialmente, por materiais piroclásticos, com algumas intercalações de escoadas basálticas recortados por uma densa rede de filões e diques predominantemente basálticos. As acumulações piroclásticas são constituídas por grandes blocos, bombas, lapilli e cinzas dispostas de forma caótica. (...) Assim, as ribeiras de S. Vicente e do Porco (Boaventura) e os seus mais importantes afluentes têm os seus vales instalados no complexo de base, desde as fozes até às nascentes. A existência de material lávico determina a existência de numerosas fendas, fraturas e falhas que resultaram quer do próprio fenómeno de consolidação, quer da dureza das rochas, apresentando-se por isso muito permeável à infiltração das águas.

O trecho extraído desta obra de Vieira descreve a geologia das ribeiras de São Vicente e do Porco, realçando como as características geológicas da região influenciam a hidrografia, com os vales das ribeiras a instalarem-se no complexo vulcânico desde a foz até às nascentes. Referindo a permeabilidade do terreno que, devido à presença de fendas, fraturas e falhas, facilita a infiltração da água. Sobressaem, claramente, vestígios de um património natural que é também toponímico, a começar pelos nomes das ribeiras. Não podíamos deixar de fazer referência a um fenómeno geológico que, moldando a paisagem, contribui para a beleza natural. Os habitantes souberem ver as suas potencialidades e tiraram proveito dessa dádiva da natureza para a construção das suas casas nas achadas e fajãs. Não obstante serem fenómenos geológicos, integram um “património linguístico e cultural” pela sua presença na toponímia, como é referido na citação de Alberto Vieira (1994, 93) abaixo:

Também é frequente a observação, de pequenas superfícies planas, mais ou menos inclinadas, localizadas ao longo das vertentes, que a população aproveita para construir as suas casas e cultivar as terras - são as “achadas”. A Achada da Madeira localizada no início do vale da Ribeira do Porco, em Boaventura, a da Serra de Água e a Achada Grande, também situadas ao longo daquele vale (...) Ao longo dos vales ou no litoral são frequentes os desmoronamentos de terras das camadas superiores das vertentes em a esta fora a acumulação de materiais na base destas, formando-se

as “fajãs”. Correspondem a esta forma de relevo a Falca de Baixo, a Fajã do Penedo e a Fajã Grande, situadas no vale da Ribeira do Porco, em Boaventura (...).

Assim, são descritas duas formas de relevo típicas da ilha da Madeira: “achadas” e “fajãs”. As achadas são pequenas áreas planas nas encostas, geralmente utilizadas para habitação e agricultura. As fajãs são faixas de terra plana formadas por desmoronamentos de encostas na base das vertentes, frequentemente utilizadas para cultivo (cf. Gouveia, 2022 – *O topónimo “Fajã”: um Património Linguístico da Macaronésia?*) que dá conta que fajã é de facto um património linguístico da Macaronésia. Na citação de Alberto Vieira, são também dados exemplos dos locais onde podemos encontrar estas formas de relevo. Após esta breve análise ao “património natural” da freguesia, há um tema que, apesar de já ter sido mencionado, nomeadamente quando referimos a história religiosa da freguesia, com as capelas de São Cristóvão e de Santa Quitéria, merece uma abordagem um pouco mais aprofundada: património cultural.

4.2. Património Cultural

Como já referido, o património cultural distingue-se do natural pela presença da intervenção humana. Enquanto o património natural se reporta a bens criados pela natureza, o património cultural abrange tudo aquilo que foi criado ou modificado pelo ser humano. De acordo com o *Dicionário da Língua Portuguesa* da Porto Editora (2013, 401) apresentamos a seguinte definição de “cultura”:

s.f. acção, efeito, arte ou maneira de cultivar; lavoura; (...) meio de conversar, aumentar e utilizar certos produtos naturais; aplicação do espírito a uma coisa; desenvolvimento dos conhecimentos e das capacidades intelectuais; maneiras colectivas de pensar e de sentir, conjunto de costumes, instituições e de obras que constituem a herança social de uma comunidade ou grupo de comunidades; conjunto das acções do meio que asseguram a integração dos indivíduos numa colectividade; sabedoria; apuro; elegância (Lat. *cultura*).

Verificamos que este é um termo abrangente, visto que engloba diferentes aspetos da vivência humana, toldando o indivíduo e dando-lhe um sentimento de pertença, neste caso, à comunidade em que está inserido. Cultura é, também, um conceito moldável, adapta-se às diferentes influências. O património cultural boaventurenses / boa venturenses constitui um legado inestimável que deve ser zelosamente preservado pelas gerações presentes e futuras. Este património, composto por bens materiais e imateriais, contribui

de forma singular para a identidade e a memória do povo, das gentes. No que concerne aos bens materiais, destacam-se as igrejas imponentes que desafiaram o tempo, como a Igreja de Santa Quitéria (igreja matriz), a Igreja do Imaculado Coração de Maria (Fajã do Penedo) e a Capela da Sagrada Família (Falca). De acordo com Fernando da Silva (1934, 33), o sítio da Fajã do Penedo, pertencente à freguesia da “Boaventura”, abrigou, a partir de 1768, uma pequena ermida dedicada a Santa Ana, erguida pelo morgado António Francisco de Caires. Contudo, essa estrutura foi demolida pouco após 1840. Posteriormente, em 1919, D. Maria dos Anjos Ribeiro mandou construir, no mesmo local, uma capela consagrada ao Imaculado Coração de Maria. O sítio também contava com uma escola oficial mista de ensino primário, e conforme os dados demográficos apresentados por Silva, havia, ali, 33 fogos e 124 habitantes.

As festividades religiosas que, ao longo do ano, marcam o calendário local constituem um elemento essencial do património cultural da freguesia, preservando tradições, celebrando a história local e expressando a identidade cultural. Cada festa é dedicada a um santo ou padroeiro, e todas elas se caracterizam por momentos de devoção e confraternização. São elas: Festa em honra a Santa Quitéria⁷, Festa do Santíssimo Sacramento⁸, Festa do Imaculado Coração de Maria⁹, Festa do Santíssimo Sacramento¹⁰ da Fajã do Penedo, e Festa da Sagrada Família¹¹. São uma importante expressão da fé católica e da cultura local. Representam momentos de devoção e agradecimento, mas também de convívio e confraternização entre os habitantes da freguesia. Rico em contos, lendas e tradições, o património cultural imaterial, no qual também estão inseridas as festividades, guarda contos e lendas alimentados pelo imaginário popular. Relacionando as crenças e os medos, criam, assim, “histórias” que se foram transmitindo oralmente. Há, inclusive, uma lenda que se destaca entre os habitantes da Silveira. É uma aparição. Uma mulher aparecia regularmente nas janelas do Solar desse mesmo local. Fruto da imaginação ou realidade não conseguimos comprovar. As tradições, os costumes, as histórias que passam de geração em geração garantem a preservação da identidade cultural da comunidade. Verificamo-lo igualmente no que se reporta à cultura imaterial boaventurenses / boa venturense, como no património edificado, mais propriamente, os solares.

⁷ 4.º domingo de maio.

⁸ 3.º domingo de agosto.

⁹ 2.º domingo de setembro, Fajã do Penedo.

¹⁰ 3.º domingo de setembro, Fajã do Penedo.

¹¹ 3.º domingo de julho, Falca.

4.2.1. Os solares: património material e imaterial

Há casas centenárias que datam do século XVII e, por isso, guardam histórias de outros tempos. Além de serem um importante legado histórico e cultural, são parte do património cultural edificado. Segundo o historiador Alberto Vieira, que dedica umas folhas a este tema, no *Roteiro para uma visita e Descoberta do concelho de S. Vicente*, os Solares são testemunhos da época áurea da produção vinícola e da riqueza da arquitetura tradicional da Madeira. As fachadas largas com quatro ou cinco janelas de postigo e “tapassóis”¹² escuros são características destas imponentes construções. As portas são simétricas; os telhados são de quatro águas, cobertos por telha portuguesa e com beiral simples ou duplo. Não existe presença de elementos que identifiquem o proprietário ou a família. Relativamente à volumetria, era consoante o pedido do proprietário. O rés-do-chão era destinado ao lagar, à arrecadação de alfaias agrícolas e aos produtos das colheitas. Já o sobrado, considerado a zona nobre da casa, era acessível por uma escadaria exterior em cantaria e ostentava tetos de caixotão ou “masseira” em madeira da ilha.

Segundo o mesmo livro de Alberto Vieira (1996, 11), por todo o concelho, havia, e ainda existem, testemunhos destas casas. Porém, é na freguesia de São Vicente que identificámos mais. Anotam-se, no sítio do Passo, a casa da família do Capitão Branco, que atualmente deu lugar à Biblioteca Municipal de São Vicente; nos Lameiros, a residência de João Vasconcelos e a casa da Ribeira Seca; no Loural, duas casas que se encontram em destroços; no Laranjal, a casa da família Sousa Brasão, que foi substituída pela Casa de Turismo Rural Casa da Piedade; no Saramago, a casa do Dr. Fernando Esmeraldo, que ainda permanece; nas Ginjas, as casas da família Sousa, que se encontram em ruínas; a casa da Fajã Alta de Horácio Abreu, situada no sítio da Fajã do Amo; na vila de São Vicente, o edifício do Tribunal e a antiga mercearia *A Lealdade* (Vieira, 1996, 12), que, após uma intervenção programada, irá dar lugar ao Centro Cultural Aragão; e, por fim, na freguesia de Ponta Delgada, a casa do Ladrilho, a casa do Aposento e a casa do Pico, sendo que, junto à casa do Pico, se encontravam dois antigos solares do século XVIII.

Na freguesia da Boaventura / Boa Ventura, dos três Solares originais, dois ainda persistem com o passar dos anos: o Solar da Boaventura, no sítio do Serrão, conhecido antigamente como Solar dos Banhos, e o Solar da Silveira, situado no sítio da Silveira.

¹² Segundo o livro do Padre Fernando Augusto da Silva, *Vocabulário Madeirense* (1950, 110), tem o mesmo significado que “persianas”.

Embora o Solar dos Regos tenha desaparecido, junto à Capela do Imaculado Coração de Maria, na Fajã do Penedo, a história dos três Solares permanece viva, na memória da população da Boaventura / Boa Ventura. Trata-se de uma história que nos leva a um passado rico e próspero, que convida a conhecer e preservar os tesouros que ainda restam.

O Solar dos Banhos, datado a finais do século XVIII, outrora uma imponente casa senhorial da família Banhos, ostenta uma história rica e multifacetada. Ao longo dos séculos, este edifício secular vivenciou diversas transformações, adaptando-se às necessidades da comunidade e assumindo diferentes funções. Durante algum tempo, esteve em funcionamento como Centro de Saúde e dispensário materno-infantil. Mais tarde, o espaço foi ocupado pela Casa do Povo e, nas décadas de 70 e 80 do século XX, por uma escola. Em 1992, converteu-o num acolhedor hotel rural, preservando os traços originais da construção e mantendo a sua autenticidade. No interior, alberga um pequeno espaço alusivo aos costumes e às ferramentas do quotidiano rural madeirense.

O Solar da Silveira, que se ergue majestoso na paisagem, ostenta uma aura de opulência e mistério, convidando a entrar num mundo de história e tradição, como evidencia Vieira (1996, 11): “Este último construído em aprazível vale, rodeado de luxuriante vegetação e campos de cultivo, encerra longa e penosa existência a par de interessantes episódios guardados na memória popular”. De forma a chegarmos a essa história, recorreremos novamente aos escritos de Alberto Vieira. Foi construído em 1783, ano que facilmente identificamos com uma simples visita ao local, visto que está patente junto à porta de entrada. Evidencia grandiosidade, apesar de, segundo alguns autores, nunca ter sido terminada a sua construção. Nos nossos dias ainda podemos ver um lagar no rés do chão e argolas na fachada que serviam para amarrar os cavalos. Pertenceu à família Lício de Lagos, morgados que detinham muitas e vastas terras na região. A tradição oral conta que o ilustre poeta português Antero de Quental visitou a sua tia neste solar, um facto que contribui para o misticismo que o rodeia, enquanto espaço cultural. Helena Nunes referencia-o no seu livro *Crónicas de Dentro e de Fora da Ilha: Dez anos de recordações, 1987-1997*: “Uma das conversas que mantivemos foi sobre Antero Quental...A ser verdade que ele estivera na Madeira, na Boaventura, como o diz, Alberto Sarmento, no seu livro «Freguesias da Madeira».” (1999, 43).

Como pudemos observar, a autora levanta dúvidas sobre a presença do poeta. Não foi possível confirmar, atestar, a verdade, apesar de ser uma presença que se diz estar associada ao Solar da Silveira. Este valioso património cultural está ao abandono, sujeito às vicissitudes do tempo como Helena Nunes (1999, 23) faz referência:

Há poucos dias fui à Silveira. Fiquei triste, desolada, revoltada ao verificar como aquela casa encontra...! “Um esqueleto”! Os vândalos passaram por lá. Mãos impuras, aos pouco e poucos têm destruído aquele símbolo de um passado que muito nos honra! Hoje, dia cinco, quarta-feira, fiquei muito satisfeita ao verificar que a Câmara Municipal de S. Vicente, na sua reunião deste dia, deliberou recuperar não só aquela Casa da Silveira, como a dos Lameiros e ainda a do Saramago (estas últimas em S.Vicente) com a finalidade de servirem a Pousadas para jovens. Esta recuperação far-se-á com o apoio do Governo Regional e da C.E.E.

Vinte e cinco anos após a deliberação da Câmara Municipal de São Vicente, referida na citação, verificamos que a realidade da Casa da Silveira, Solar, é a mesma, abandono e não se deu qualquer intervenção, como estava previsto. Em 2014, por breves horas, aquele local ganhou vida, através do projeto Cultural da Associação Retoiça com as Juntas de freguesia, “Música nas Ruínas”. Outras edições tiveram lugar em 2017 e em 2022. Em 2024 - 2025, notamos a presença constante das ervas que teimam em crescer e a tomar conta do local. Nunca foram tão poderosas como a opulência da construção que insiste em fazer-se notar a todos os que por ali passam.

Os solares da Boaventura / Boa Ventura são um importante legado histórico e cultural da freguesia, tendo especial destaque Solar da Silveira, que, apesar de estar em ruínas, tem o poder de transportar até ao passado, em que uma simples visita é capaz de nos fazer sentir a presença da história e a simplicidade da vida. Apesar de ser um local de gente abastada, estava rodeado por pessoas de fracos recursos, mas de grande valor. Não apenas o Solar da Silveira, mas os solares do concelho, são um tesouro cultural que deve ser preservado para as gerações futuras. Símbolos da nossa história e da nossa identidade, são representantes da riqueza da nossa cultura. Como constatámos, a freguesia da Boaventura / Boa Ventura, além de ser dona de uma beleza singular, tem um património repleto de história, em todos os seus componentes, tanto no natural, como no cultural, e, como iremos verificar, também no linguístico.

4.3. Património Linguístico

Na nossa busca pelas histórias de cultura da freguesia, há um elemento fundamental da identidade do povo que estabelece uma ponte com o passado: o património linguístico. Segundo a definição de Helena Rebelo (2016, 287), considera-se que é:

Conjunto de bens verbais, orais e/ou escritos, próprio de uma comunidade porque a identifica e distingue das restantes, nas suas formas de comunicar ou de vivenciar a própria experiência. Manifesta-se a diversos níveis, nomeadamente fonético, fonológico, morfológico, lexical e semântico. Inclui também a sintaxe e as especificidades fráscas, nomeadamente idiomáticas. Comporta várias vertentes relacionadas com a linguagem: geográfica, histórica, social e cultural. É transmitido de geração em geração e, se não o for, pode desaparecer.

A citação convida a reconhecer que o património linguístico é identitário de uma comunidade. Manifesta-se em diversos planos: fonético, fonológico, morfológico, lexical, semântico e sintático. Abrange, ainda, variedades linguísticas, como dialetos. É premente a sua preservação, pois, ao deixar de haver transmissão, irá cair no esquecimento. De forma a enriquecer os conceitos, considerámos importante destacar a definição retirada do artigo *Regionalismos Madeirenses* de Helena Rebelo e Naidea Nunes (2015, 3):

A Cultura local é um motor impulsionador da criatividade linguística e vai originar a existência de múltiplos regionalismos madeirenses. Portanto, apenas se pode indicar como sendo um regionalismo madeirense o vocábulo (a expressão, o ditado, o topónimo, o antropónimo, a alcunha, etc.) que a comunidade linguística nacional (em que se inclui a regional) identificar como tal, pela pertença a esta área geográfica restrita e exclusiva.

Depreendemos que a cultura é a grande responsável pela criação da linguagem regional que graças à sua criatividade origina regionalismos que, além de serem identificativos da região, contribuem para a diversidade da língua portuguesa. O património linguístico é um elemento fundamental da identidade cultural de um povo que reflete as tradições e os valores de uma comunidade. Servem para introduzir um novo conceito que não podemos descurar, visto que aborda o tema “gentes”, com toda a sua envolvimento, ou seja, as suas tradições e os seus costumes, que, também, fazem parte do universo do património cultural e imaterial. Para definir património imaterial, recorreremos à definição da UNESCO, tal como consta na Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial, disponível no sítio de internet da própria organização:

São as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefactos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu património cultural. Este património cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana.

A vertente imaterial estabelece uma ligação com o passado que nos influencia no presente e que transmitimos para o futuro não nos mesmo termos que vivemos, pois, é mutável e adapta-se ao sabor dos novos tempos, mas mantendo a sua essência que nos cabe preservar. O património linguístico é um elemento crucial para a difusão e a perpetuação do património cultural imaterial que abarca rituais e tradições, incluindo o vocabulário. Este é da esfera do património linguístico e os elementos linguísticos são ferramentas fundamentais para a transmissão do património cultural imaterial. São aspetos que contribuem para a identidade do povo, da memória coletiva e da preservação da herança cultural. No domínio do património linguístico, na freguesia em estudo, há termos na Fajã do Penedo, segundo a informação que recolhemos, que apenas se utilizam naquele “sítio”. Vocábulos que ganharam sentidos específicos que fazem parte do léxico comum daquelas “gentes”, como o «estrapagado»¹³ e o «postalete»¹⁴. A memória da fertilidade das terras e a abundância de madeiras que ajudaram a tornar esta freguesia próspera estão bem presentes na toponímia. Testemunham a existência de terras abundantes em madeiras e solos férteis. A título de exemplo, visto que iremos abordar os topónimos no capítulo II e no III, podemos desde já verificar que há topónimos relacionados com “madeira”. Encontramos: “Achada da Madeira”, “Estrada Achada da Madeira” e “Vereda Achada da Madeira”. Temos um maior número de topónimos ligados a diferentes elementos provenientes da terra como: “Ladeira Laranjeiras”, “Achada do Pereiro”, “Caminho Terra do Trigo”. Os nomes dos lugares remetem na sua maioria, para a importância da agricultura neste território. Este assunto, por ser de interesse relevante, iremos abordá-lo nos capítulos seguintes, procurando demonstrar a variedade e a riqueza de conteúdos existentes na freguesia aguardando investigação.

¹³ Nome atribuído à cagarra; “Estrapagado quando vem da serra para o mar, que as casas deles é na serra, dizem: tá cagado, tá cagado, tá cagado. Quando vão para cima mais tarde, já dizem: tá lavado, tá lavado. E vêm pa buscar lapas pa levar para os bichinhos comer lá nos ninhos. Fazem ninhos lá na serra” (cf. entrevista 2).

¹⁴ Designa o poste de luz.

CAPÍTULO II

BOAVENTURA / BOA VENTURA: O NOME E AS SUAS HISTÓRIAS

1. Reflexão sobre a origem do macrotopónimo

A grafia do nome da freguesia em questão, seja “Boaventura” ou “Boa Ventura”, parece gerar debate e desavenças desde os primórdios da sua história, sendo que a problemática linguística com a qual nos deparámos foi claramente colocada por vários autores, como as nossas referências bibliográficas o demonstram. Por exemplo, o *Elucidário Madeirense* (Silva e Meneses, 1984) não apresenta certezas quanto à grafia do nome, por se desconhecer a sua origem. Segundo esta referência bibliográfica, apesar de a forma aglutinada parecer ser a mais antiga, os autores referiram ainda que saber a origem do nome seria crucial para determinar a grafia adequada, até porque ainda hoje continua a haver flutuação e dupla grafia. Um caso singular, e que evidencia bem o problema, está patente no livro: *Padre Valente da Boaventura* (Vieira e Vieira, 2019), no qual existem diversos artigos de jornais regionais sobre a construção da primeira capela erigida em honra ao Imaculado Coração de Maria, na Fajã do Penedo, sítio da freguesia. Nesses periódicos que iniciam nas primeiras décadas do século XX, podemos observar a divergência entre jornalistas, quanto ao modo de escrita do topónimo em apreço, coexistindo no livro a forma aglutinada e a justaposta. Podemos observar as seguintes citações, escolhidas por mostrarem a dualidade de escrita do topónimo:

- a) *Diário de Notícias da Madeira*, 12 de julho de 1919: «Nova capela: No sítio da Fajã do Penedo, freguesia da Boaventura», p.122;
- b) *Diário de Notícias*, 20 de julho de 1920: «Foi construída a capela na freguesia de Boa Ventura», p.126;
- c) *Diário de Notícias*, 27 de agosto de 1920: «na nova capela do Coração de Maria, à freguesia da Boaventura», p.126;
- d) *Correio da Madeira*, 28 de maio de 1927: «Capela da Boa Ventura», p.127;
- e) *O Jornal*, 13 de abril de 1932: «Na Boa Ventura – Nova capela», p.111;
- f) *Jornal do Campo*, 9 de junho de 1945: «Coube à Boaventura a honra de levantar na Madeira o primeiro templo do Imaculado Coração de Maria», p.137.

Estes seis títulos foram escolhidos por apresentarem exemplos de escrita aglutinada e justaposta. A análise das citações b) e c) revela que a escrita varia entre os autores e que isso não é por escolha do jornal. Considerando que os títulos foram publicados no mesmo jornal (*Diário de Notícias*) no mesmo ano (1920), com apenas um mês e sete dias de intervalo, podemos concluir que a variação na escrita se deve à escolha individual.

Diversas “teorias”, autênticos pontos de vista individuais, tentam explicar a origem do nome, o que se reflete nas grafias. A verdade é que a incerteza persiste. Justaposta ou aglutinada, qual a melhor escrita para o topónimo? São várias as hipóteses que surgem para a explicação deste nome, que é o topónimo da freguesia em estudo. Poderá ter origem: a) histórico-religiosa, b) linguístico-etimológica e/ ou c) na tradição oral.

Em documentação, destacamos uma cédula de nascimento (cf. anexo 1), na qual, aparece “Bôa Ventura”, o que poderá estar relacionado com a pronúncia local, que com o tempo sofreu aglutinação. A realidade é que pessoas idosas, daquela localidade, ao referirem-se ao topónimo dão ênfase ao “Bôa”, havendo uma pequena pausa antes de referir “Ventura”. Assim, é possível que a forma como as pessoas pronunciavam o nome da freguesia em estudo tenha influenciado a maneira como era escrita.

Relativamente às origens acima mencionadas, começamos por abordar a histórico-religiosa em que o nome advém de um santo, um dos mais ilustres da Ordem Franciscana, São Boaventura. António Matos (2003, 35), no livro *Boaventura, Envangelização, devoção e património cultural (subsídios para a história da sua paróquia)*, propõe essa hipótese como explicação, apesar de referir que não tem qualquer fundamento:

Nasceu em Bagnora, perto de Viteverbo, Itália, no ano de 1221 e, sendo ainda menino, quando se chamava João de Fidenza, S. Francisco de Assis passou junto de sua casa, pôs-lhe na cabeça dolorida as mãos tremulas, curou-o duma grave doença e exclamou: *oh boa ventura!* Assim se pretende explicar a origem do seu nome de bom augúrio.

A citação, retirada da obra de Matos, apresenta uma narrativa interessante sobre a origem do nome do Santo (escrito com aglutinação, virá de “boa” e “ventura”). Segundo o autor, o menino, João de Fidenza, teria sido curado de uma grave doença por São Francisco de Assis, quando ainda era criança, e ao referir “oh boa ventura!” deu origem ao nome. Uma clara associação entre a cura milagrosa e à boa sorte. Assim, segundo este

ponto de vista, o nome do topónimo advém do santo franciscano do século XIII. Como os descobridores eram acompanhados por frades franciscanos nas suas viagens e, por esses anos, São Boaventura foi canonizado, tendo sido uma figura notável, cuja obra e ideologias eram seguidas pelos franciscanos, António Matos alvitrou que estes franciscanos quisessem homenagear o santo, atribuindo o seu nome a este local.

A hipótese linguístico-etimológica centra-se nas palavras “boa” e “ventura” que, provenientes do latim, significam “boa” e “sorte” (cf. as palavras de São Francisco referidas acima). A professora Helena Nunes terá defendido uma possibilidade linguística, associando “ventura” a “aventura” e explicando, oralmente,¹⁵ que o topónimo se deve a um grupo de viandantes espanhóis. Estes, ao passear pelas encostas, acharam que tinham tido uma “buena” “aventura”, surgindo o nome em forma de expressão: “boa aventura”, a partir da ligação de ambas as palavras. A origem já não seria latina, mas seria proveniente do espanhol. As duas línguas - espanhol e italiano - revelam a diferença entre “sorte” e “aventura”. Apesar de ambas serem provenientes, a nível etimológico, do latim, não são coincidentes.

Outra hipótese é a veiculada pela tradição oral, que também merece ser considerada. Apresentada por Alberto Sarmiento (1954), relaciona o nome da freguesia com a alcunha do primeiro sesmeiro da região, Pedro Gomes Galdo. Segundo essa teoria, “Boaventura” seria uma derivação de “Boa Ventura” (novamente a justaposição), alcunha que, possivelmente, teria sido atribuída a Pedro Gomes Galdo, por conta da sua sorte ou prosperidade. A hipótese, segundo o autor referido, baseia-se na tradição oral local, que transmitiu o caso de Pedro Gomes Galdo como um homem afortunado e bem-sucedido. É viável que, em sua homenagem, a pequena comunidade local tenha decidido batizar o território com o nome “Boaventura”, perpetuando e immortalizando, assim, a memória do nome do primeiro sesmeiro. É importante ressaltar que, embora essa seja uma hipótese plausível, não há documentos que comprovem essa teoria, visto ser apenas uma suposição presente no livro *Freguesias da Madeira* de Alberto Sarmiento. Um autor que corrobora a hipótese levantada por Sarmiento é Fernando de Luís Góis (2010, 67) que refere o apelido do primeiro sesmeiro como motivação para o aparecimento do topónimo:

O seu nome, segundo os historiadores, deriva do apelido do seu primeiro donatário, chamado Boaventura, que, estabelecendo-se num pequeno promontório, situado entre a foz das duas ribeiras que atravessam a freguesia no sentido Sul-Norte, aí

¹⁵ Cf. informação recolhida e tratada no questionário abaixo.

erigiu uma capela dedicada a S. Cristóvão, a qual é há muito desaparecida, mas o sítio ainda assim se chama.

As hipóteses são várias, e aqui apresentaram-se três. Como referido anteriormente, não há consenso quanto à origem e, por isso, também não existe escrita consensual do topónimo, inclusive a nível formal. As próprias autoridades locais divergem na opção que fazem de escrita do território que representam. Vejam-se, no próximo ponto, os casos de paisagem linguística das diversas instituições da freguesia, nomeadamente: Escola, Junta de Freguesia, Igreja e Farmácia. Adicionamos, também, a fotografia da placa toponímica, da mercearia local e a de uma unidade de turismo rural, o Solar de Boaventura, antigamente conhecido como o Solar dos Banhos.

2. O topónimo segundo as autoridades

2.1. Autoridades locais

A nível local, as duas instituições que representam mais significativamente a população são a Junta de Freguesia e a Casa do Povo. É fácil observar que elas perpetuam no século XXI a divergência de posição quanto à grafia do topónimo. A presente análise visa discutir a discrepância, na escrita, do nome da freguesia. Observa-se que a Junta de Freguesia opta pela forma justaposta (“Boa Ventura”), enquanto a Casa do Povo utiliza a forma aglutinada (“Boaventura”). Em grande parte, a Junta de Freguesia segue a posição da professora Helena Nunes que coloca, também ela, a questão da grafia no livro *Crónicas de dentro e de fora da ilha*. Reportando-se às suas memórias, organizou-o em diversos subtítulos como se fossem entradas para dias, em formato de diário. O problema da dupla grafia está evidenciado no subtítulo onde se lê “AFINAL, COMO SE DEVE ESCREVER? BOAVENTURA OU BOA VENTURA?” (1996, 183). Enquanto pessoa ilustre como ex-presidente de ambas as instituições (Junta de Freguesia e Casa do Povo), também revelou essa discrepância gráfica. Como podemos verificar na entrada referente a 17 e 18 de novembro de 1996 (desde a página 181), Helena Nunes muda a forma de escrita do topónimo: passa da forma aglutinada para a justaposta. Esta mudança, fê-la a partir das comemorações do 160.º aniversário da elevação a freguesia. Nas suas palavras, encontra-se a explicação (1999, 183):

Segundo o autor da bandeira, Arquitecto José Bernard Guedes, pessoa ligada, segundo creio saber, à onomatologia, ciência que trata dos nomes, foi perentório: por ser o nome e uma localidade, o nome desta Freguesia deve ser escrita tal como está na bandeira e não de outra. No Dicionário Onomástico Etimológico da Língua

Portuguesa, de José Pedro Machado, aonde fomos buscar um melhor ou maior esclarecimento, encontramos:
Boa Ventura, top.... S. Vicente (Funchal).¹⁶

A citação sugere que a grafia “Boa Ventura” é a mais correta etimologicamente. Para corroborar essa hipótese, foi realizada uma pesquisa no *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*. No mesmo, está registado o topónimo “Boa Ventura” para as localidades das Caldas da Rainha e São Vicente (Funchal), como podemos verificar em nota de rodapé. Para averiguar melhor a situação, estabelecemos contacto com a autarquia das Caldas da Rainha. Solicitámos o documento mais antigo onde aparecesse o topónimo para descobrir a forma de escrita utilizada e qual a origem do topónimo. Apresentaremos os resultados mais à frente.

Segundo a fotografia 1 e as figuras 1 e 2 verificámos que a Junta de Freguesia toma uma posição convicta quanto à grafia escolhida. Além de patente na bandeira e no brasão, está evidente na fachada do edifício, distinguindo-se dos edifícios em volta, como a farmácia e a mercearia, que optam pela forma aglutinada, como iremos demonstrar mais adiante. Essa grafia da Junta de Freguesia é seguida em todo o material que produz, como os cartazes de eventos organizados pela entidade (cf. anexo 4 e 5).



Fotografia 1 - Grafia justaposta do topónimo na fachada da Junta de Freguesia

Fonte: fotografia da autora, 2024

¹⁶ Após consulta ao referido dicionário, encontramos: “Boa Ventura, top. Caldas da Rainha; S. Vicente (Funchal). De origem e significação evidentes”. (Machado, 1993, 260).



Figura 1 - Brasão da Junta de Freguesia

Fonte: sítio da Internet da Junta de Freguesia, consultado a 4 de junho de 2024



Figura 2 - Bandeira da freguesia

Fonte: sítio da Internet da Junta de Freguesia, consultado a 4 de junho de 2024

Ordenados em 1996, com Helena Nunes como presidente de Junta (cf. anexo 2), o brasão de armas, verde com três castelos, ostenta três símbolos distintos: uma palma, dois cachos de uvas e um ilhéu. Cada um representa um aspeto fundamental da identidade da Boaventura / Boa Ventura. A Palma representa Santa Quitéria, a padroeira, simbolizando o martírio e a fé. Os cachos de uvas são uma homenagem à agricultura local, mais propriamente à vinha, e ao trabalho árduo das gerações passadas, enquanto o ilhéu é a imagem de marca da freguesia. Desta forma, tanto o brasão, como a bandeira e a fachada apresentam uma clara sintonia em relação à forma de escrita, sendo por justaposição.

Há dualidade de escrita a “separar” a Casa do Povo e a Junta de Freguesia (doravante também Junta), já que as opções são distintas. Torna-se algo confuso e isso mesmo está patente num cartaz produzido para assinalar o aniversário da Junta de Freguesia, em que podemos constatar a dualidade da grafia nesse mesmo cartaz (cf. anexo 3). Esta é uma situação nada habitual. Como já referido, por um lado, a Junta escolhe manter a forma de escrita justaposta. Por seu lado, a Casa do Povo da Boaventura (doravante também Casa do Povo) apresenta a forma aglutinada como está patente no logótipo identificativo desta instituição:



Figura 3 - Logótipo da “Casa do Povo de Boaventura - 1959”

Fonte: rede social da Casa do Povo, consultado a 4 de junho de 2024

Observamos que os elementos presentes no logótipo: a palma, o ilhéu e o cacho de uvas são os mesmos que figuram no brasão e na bandeira da Junta. O único elemento que difere é mesmo a forma de escrita do topónimo. Há um facto curioso e digno de registo, aquando da cerimónia dos 188 anos da freguesia da Boaventura / Boa Ventura a 18 de novembro de 2024, foi homenageado um filho da terra pelo seu bom trabalho na divulgação da freguesia através das redes sociais, como podemos visualizar na imagem seguinte:



Fotografia 2 - Homenagem ao fotógrafo na qual está patente a dualidade de escrita do topónimo em estudo, no qual podemos ler: «Homenagem ao fotógrafo DIOGO GUALTER ANDRADE DA SILVA, pela dedicação e empenho na promoção e divulgação da Freguesia de Boaventura, no mundo digital. “... se isto é o paraíso já não preciso de outro lugar.” Boa Ventura, 18 de novembro de 2024»

Fonte: rede social do fotógrafo, Diogo Gualter, consultada a 19 de novembro de 2024

Na placa produzida pela Junta, é possível verificar a dualidade de escrita. No texto podemos ler, “Freguesia de Boaventura” e na data, patente no final da placa, está escrito “Boa Ventura”. Algo não muito comum nesta instituição, visto que opta, quase religiosamente, pela forma justaposta. Após uma análise à opção de escrita destas duas forças motrizes da freguesia, resta averiguar qual é a forma por que optam outras instituições locais e demais autoridades.

2.2. Instituições locais

Neste subtópico, observamos que a grafia justaposta se destaca como uma peculiaridade da Junta de Freguesia, contrastando com a prática maioritária de outras autoridades / instituições locais. O “Solar de Boaventura”, a escola, a igreja matriz, a farmácia e a mercearia, por exemplo, adotam a grafia aglutinada (“Boaventura”). Essa discrepância na paisagem linguística evidencia a insistência da Junta em manter a grafia justaposta.



Fotografia 3 - Placa do Hotel Rural: “Solar de Boaventura, Hotel Rural - Restaurante”

Fonte: fotografia da autora, 2024



Fotografia 4 - Fachada da Escola da “Boaventura”

Fonte: fotografia da autora, 2024



Fotografia 5 - Inscrição na igreja Matriz da freguesia «“Fazei o que ele vos disser” (JO 2,5) A paróquia de Boaventura e o seu pároco padre Élio Gomes, pretendem recordar para todo o sempre, a visita da Virgem Peregrina à nossa Paróquia de 19 a 21-10-2009»

Fonte: fotografia da autora, 2024



Fotografia 6 - Grafia aglutinada do topónimo em estudo no logótipo da farmácia

Fonte: fotografia da autora, 2024



Fotografia 7 - Merceria local

Fonte: fotografia da autora, 2024

A paisagem linguística, composta pelos usos e costumes linguísticos de um determinado local, revela as características identitárias sociais e culturais de uma comunidade. No caso da Junta de Freguesia, a grafia justaposta “Boa Ventura” configura-se como um elemento marcante da paisagem. O edifício da Junta, estrategicamente situado no que podemos considerar o centro da freguesia, por concentrar diversas facilidades como mercearia, farmácia e a igreja. A forma de escrita da Junta contrasta com a grafia aglutinada utilizada por estes estabelecimentos e por outros na freguesia, alimentando a controvérsia. Para as autoridades regionais, averiguarmos a grafia utilizada.

2.3. Autoridades Regionais

Serve este subtópico para analisar a escolha de diferentes autoridades regionais, verificando se há coerência e se há uma formas mais frequentes. Isto é desenvolvido no sentido de compreendermos se a forma de escrita justaposta do topónimo “Boa Ventura” é utilizada exclusivamente pela Junta de Freguesia local.

Começamos pela Diocese do Funchal, uma importante instituição religiosa. Segundo a pesquisa efetuada no sítio de Internet da Diocese, mais concretamente na secção que diz respeito ao “Arciprestado de São Vicente/Porto Moniz”, refere-se à paróquia da “Boaventura”. Desta maneira, a forma de escrita que a paróquia assume está em concordância com a Diocese do Funchal.

Relativamente ao Governo Regional da Madeira, nas várias publicações, quer em notícias, quer em editais, a forma aglutinada é a única que aparece. A título de exemplo, podemos considerar o edital n.º 17/2024 “Encerramento de dois troços da ER 211 BOAVENTURA”, publicado a 07-03-2024, disponível no sítio oficial de Internet. O *Jornal Oficial da Região Autónoma da Madeira*, sob tutela do Governo Regional, segue a mesma opção, a aglutinada. Vale, inclusive, salientar o pedido de Helena Nunes, durante a normatização do brasão e da bandeira (cf. anexo 2) em que lemos “Listel branco com a legenda a negro, em maiúsculas «BOAVENTURA»”. Como vimos (cf. figura 1 e figura 2), o listel apresenta realmente o topónimo, mas com a grafia justaposta. Provavelmente, acharam que se tratava de um erro e corrigiram.

A Via Expresso – Concessões Rodoviárias da Madeira opta pela grafia aglutinada, como vemos na fotografia 9. Naquela, está a placa visível ao chegar à rotunda de Ponta Delgada, situação que vai ao encontro da grafia presente na placa toponímica da fotografia 8, que está a assinalar a chegada, junto ao centro da Boaventura / Boa Ventura.



Fotografia 8 - Placa toponímica na entrada da freguesia

Fonte: fotografia da autora, 2024



Fotografia 9 - Placa da Via Expresso

Fonte: fotografia da autora, 2024

Este subtópico teve o propósito de analisar a grafia da “Boaventura” utilizada por diferentes autoridades regionais, com o intuito de verificar a existência de coerência e identificar as formas mais frequentes. A breve pesquisa revelou que a grafia aglutinada, “Boaventura”, é a única forma utilizada pelas autoridades regionais. Essa grafia pode ser encontrada em documentos oficiais da Diocese do Funchal, no *Jornal Oficial da Região Autónoma da Madeira*, em placas de sinalização rodoviária e em diversos outros materiais. Resta-nos averiguar como o topónimo é visto noutros locais, fora da Região.

2.4. Autoridades externas

Ao abordarmos a escrita do topónimo Boaventura / Boa Ventura, é crucial ir além das autoridades regionais e considerar diversas fontes para garantir uniformização. Essa necessidade surge da existência do topónimo noutros locais, como nas Caldas da Rainha e no Brasil. Conforme consulta anterior no *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*, de José Pedro Machado (1993), o topónimo em estudo também aparece nas Caldas da Rainha. No entanto, pesquisas na Internet e no Google Maps não revelaram a presença do topónimo em nenhuma das 16 freguesias daquele concelho, havendo apenas referências a empresas com esse nome. Para esclarecer a situação, foi enviado um “email” à Câmara Municipal das Caldas da Rainha, solicitando informações

sobre a origem e a grafia do topónimo. A resposta, inesperadamente, indicou que, após consulta à documentação, não foi encontrado o topónimo “Boaventura”. Desta forma, podemos estar diante de um caso de desaparecimento do topónimo. Para aprofundar a investigação e determinar se realmente existia, seria crucial contar com o testemunho de um informante das Caldas, com idade avançada. Se a sua existência fosse confirmada, o topónimo “Boaventura” nas Caldas da Rainha se encaixaria provavelmente na categoria de topónimo de tradição oral, ou seja, não documentado pelas autoridades oficiais, visto que está documentado no dicionário acima mencionado.

Após pesquisas na Internet às fontes mencionadas na Webgrafia, verificámos que o topónimo Boaventura / Boa Ventura está presente em municípios, freguesias e até mesmo numa praça do Brasil. Através das suas formas de escrita, justaposta ou aglutinada, podemos desvendar origens distintas. Com raízes latinas que remontam às palavras “bona” (boa) e “ventura” (sorte), “Boa Ventura” acarreta um símbolo de positividade. Essa etimologia reflete-se em municípios como Boa Ventura de São Roque, no Paraná (onde o gentílico é “boa-venturense”), e Boa Ventura, no Ceará (localizada no município de Boa Viagem). A *Nova Enciclopédia Larousse* (1943) indica que o topónimo “Boa Ventura” se refere a diferentes localidades no Brasil: uma cidade e um município no Estado de Paraíba, enquanto “Boaventura” é vila e distrito no Rio de Janeiro.

Noutros casos, o topónimo Boaventura / Boa Ventura surge como uma homenagem a figuras importantes ou à fé católica. Em Paraíba, a cidade de Boa Ventura (com gentílico “boa-venturense”) homenageia São Boaventura, assim como a freguesia de São Boaventura do Puxim de Canavieiras, na Bahia, elevada à categoria de vila em 1832, tem São Boaventura como padroeiro. Encontrámos também a Praça Boaventura em Vila Nova, no Brasil, cuja etimologia revela uma homenagem ao vereador Boaventura Moreira de Andrade, perpetuando a sua memória e as suas relevantes contribuições para a comunidade.

A presença do topónimo em diversos estados e municípios brasileiros revela as origens que já são conhecidas, para além de estar relacionado com a referência religiosa a São Boaventura, pode ter outros significados, associando-se à boa sorte, à prosperidade que advém da junção do nome em latim que significa “boa sorte” ou que, então, se deve ao nome próprio de alguém que marcou a história da região e viu, assim, a sua memória imortalizada graças à toponímia.

Após conferirmos qual a forma de escrita utilizada pelas diferentes autoridades a

nível local, regional, nacional e internacional, como no caso do Brasil, importa-nos voltar à freguesia. Pretendemos saber qual é a escolha da população em relação à grafia do topónimo.

3. Questionário aos residentes

De forma a percebermos a tendência de escrita da população residente na freguesia em estudo, elaborámos um questionário em papel, em apêndice, com foco em dois tópicos: 1) grafia do nome do topónimo: justaposto ou aglutinado e 2) denominação do habitante da freguesia. Metodologicamente, a ideia foi obter dados claros e incisivos. O questionário foi aplicado presencial aos habitantes da freguesia, durante o mês de outubro de 2023. A coleta de dados foi realizada de forma abrangente, focando-se nas características dos entrevistados, para permitir uma análise o mais completa possível e rica em informações como o sexo, a idade e o nível de escolaridade. A combinação de dados quantitativos e qualitativos possibilitou uma análise sucinta das respostas dos inquiridos. No geral, os questionários foram autoadministrados. Porém, houve algumas situações em que ao perceber a dificuldade por parte do entrevistado, acabámos por preencher as respostas por ele ditadas. Por pretendermos uma breve amostra, estabelecemos a baliza de 50 inquiridos. Considerámos que a utilização de uma curta amostra é uma estratégia vantajosa para otimizar o tempo e os recursos.

3.1. O questionário e as suas motivações

Antes da aplicação, os participantes foram informados sobre os objetivos da pesquisa, a sua natureza voluntária e a garantia de anonimato e confidencialidade dos dados. Todos concordaram livremente em participar, sem qualquer tipo de coerção. Não foram coletadas informações sensíveis ou que pudessem identificar pessoalmente os respondentes. Além disso, os dados foram utilizados exclusivamente para fins académicos, conforme informado aos participantes. Uma das motivações para a aplicação do questionário à população foi procurar compreender a sua sensibilidade relativamente à questão linguística e gráfica evidenciada anteriormente, presente na bibliografia referida. A par do topónimo interessou também compreender o uso do gentílico por parte dos habitantes e a sua autoidentificação a nível comunitário. Como referenciado no sítio da Internet Aprender Madeira, no artigo “Gentílicos e alcunhas coletivas”: “A maioria dos gentílicos oficiais do arquipélago da Madeira é de origem recente; alguns datam do séc.

XIX e, sobretudo, do séc. XX”. Importou-nos saber se o da freguesia era visto como um símbolo de identidade local, se haveria um sentimento de orgulho em ser identificado como parte da comunidade e se o gentílico possuía alguma conotação negativa ou positiva.

Não foi questionada a etimologia do topónimo, visto ser algo em que não há certezas. A sua origem é um tópico controverso, por isso, não pode, a população, saber o motivo de o topónimo se chamar Boaventura / Boa Ventura. Ao reconhecer a incerteza inerente à origem do nome, o estudo opta por um caminho mais confiável, evitando especulações e conclusões infundadas, como o caso do gentílico. Curiosamente, houve casos em que alguns inquiridos criaram um nome para não admitirem que não sabiam.

A aplicação do questionário aos fregueses integra tanto a análise quantitativa quanto a qualitativa dos dados obtidos. A parte quantitativa refere-se à coleta de informações numéricas, como a frequência das opções de escrita e a frequência dos gentílicos utilizados. O questionário não só revela qual a opção de escrita do topónimo mais utilizada pelos fregueses, como também permite entender se eles conhecem ou não o gentílico.

3.2. Os resultados

O questionário foi aplicado a residentes da freguesia, de forma aleatória, a quem se disponibilizasse a fazê-lo. Obtivemos 50 respostas, divididas entre 30 mulheres (60%) e 20 homens (40%). Essa distribuição por género demonstra uma participação razoavelmente equilibrada, com uma ligeira predominância feminina.

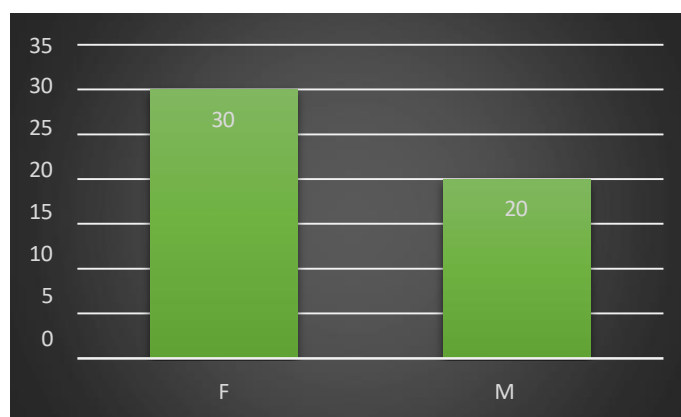


Gráfico 2 - Sexo dos inquiridos

Fonte: elaborado pela autora

Relativamente à idade dos inquiridos, obtivemos uma amostra com amplitude considerável, com idades entre os 14 e 82 anos. De forma a uniformizar, as idades foram agrupadas em intervalos de 18 anos (cf. gráfico 3). O intervalo etário com maior número de inquiridos foi o dos 50 aos 68 anos, embora essa predominância não seja expressiva.

A abrangência de sete décadas nas idades dos inquiridos demonstra a inclusão de diversas gerações na recolha de dados para a pesquisa, o que representa uma vantagem, pois cada geração possui características, valores e experiências distintas, o que enriquece os dados coletados.

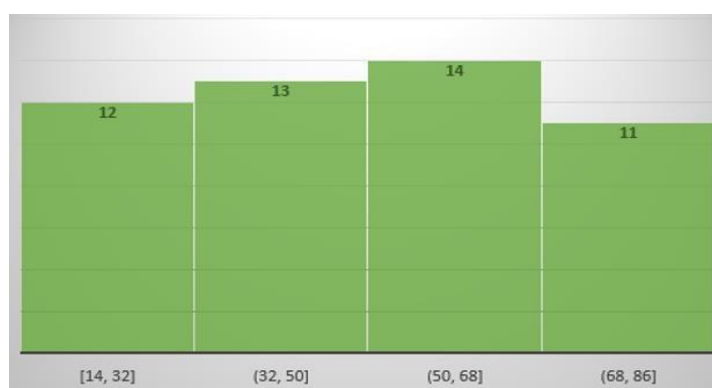


Gráfico 3 – Intervalos de idade da população inquirida

Fonte: elaborado pela autora

No que diz respeito às habilitações literárias dos residentes inquiridos, os dados apresentados (cf. gráfico 4) revelam uma diversidade de níveis de escolaridade, desde o ensino primário incompleto até à formação superior.

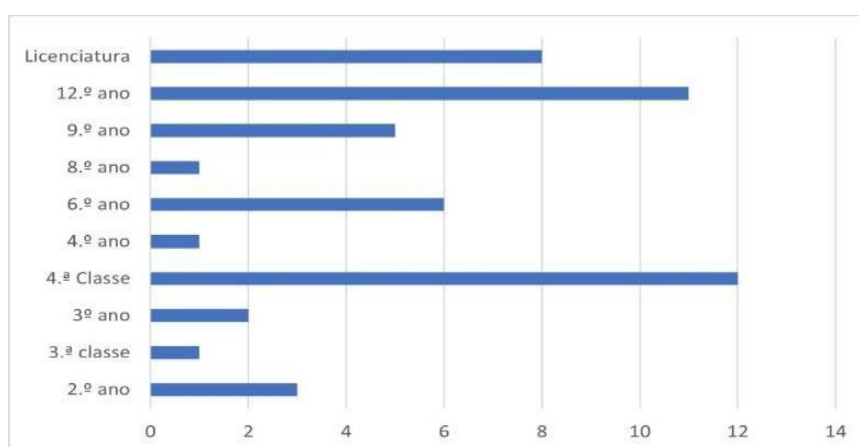


Gráfico 4 – Escolaridade dos inquiridos

Fonte: elaborado pela autora

Atestámos que 11 inquiridos concluíram o ensino secundário (12.º ano), representando um nível expressivo de educação. No entanto, apenas 8 residentes possuem formação superior, tendo concluído a licenciatura. Em contraste, uma parcela considerável dos inquiridos apresenta níveis mais baixos de escolaridade. Assim, 12 indivíduos concluíram apenas o ensino primário (a antiga 4.ª classe). Há ainda alguns casos de residentes com habilitações que variam entre o 2.º e o 9.º ano. Em suma, os dados indicam um grupo heterogéneo em termos de formação educacional, com predominância do ensino secundário completo, mas também com uma presença destacada de indivíduos com níveis de escolaridade mais baixos, incluindo o ensino primário incompleto.

Um dos objetivos principais da recolha de dados foi identificar as tendências de escrita para o topónimo, justaposto ou aglutinado. Trinta e sete pessoas responderam “Boaventura”, aglutinado, em oposição a treze que escolheram a justaposição. Verificámos que há uma predominância da grafia aglutinada “Boaventura” (cf. gráfico 5). A própria população inquirida mantém a dupla grafia, havendo umas pessoas que preferem de uma forma, enquanto outras optam pela outra. Cruzámos os dados da resposta para a grafia do topónimo com a escolarização - habilitações literárias. Uma leitura global dos resultados (cf. gráfico 5) permite concluir que, quanto maior o nível de escolarização, maior é a tendência para a aglutinação. Observámos uma tendência para a aglutinação por parte dos inquiridos com a chamada “4.ª classe” (equivalente, atualmente, ao 4.º ano do Ensino Básico), designação que se escolheu em função do uso constante na população com mais idade. Esta observação revela um ensino sistematizado, a partir desse ano de escolaridade, com a provável recomendação para a aglutinação por parte dos docentes e da própria instituição escolar, à semelhança do que acontecia ainda na década 90 do século XX, no concelho de São Vicente.

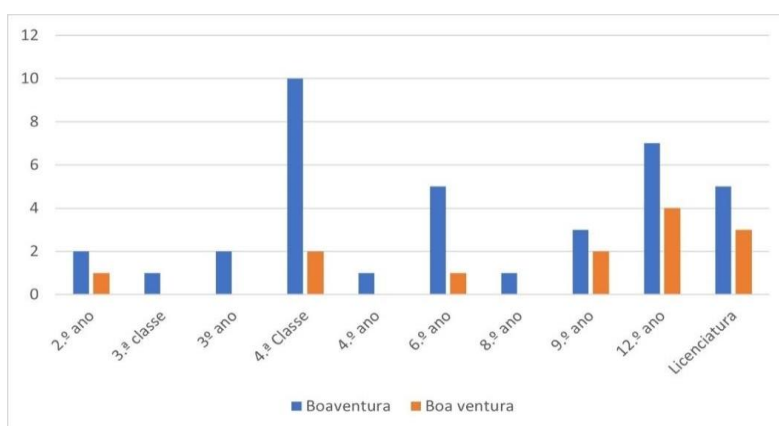


Gráfico 5 - Nível de escolaridade e grafia escolhida

Fonte: elaborado pela autora

Relativamente à segunda pergunta do questionário (cf. gráfico 6), ou seja, a posição da população inquirida quanto à denominação do habitante. Para o gentílico, vinte e cinco pessoas, 50%, responderam que não sabiam, enquanto catorze habitantes, 28%, afirmaram ser “boaventurenses” (com aglutinação) e três inquiridos, 6%, “boa venturenses” (com justaposição). É importante referir que, a 19 de novembro de 2024, uma notícia publicada no JM Online, sob o título “Freguesia da Boaventura celebra 188.º aniversário”, utiliza o gentílico “Boaventurenses”. Importa referir o artigo de Thierry Proença, *Gentílicos e alcunhas coletivas*, disponível no sítio de Internet Aprender Madeira:

A escolha e o uso de um gentílico traduzem a orientação cultural e ética daqueles que o entronaram. Além da força da tradição, a oficialização de um gentílico pode decorrer da vontade política, motivada pela busca de uma forma que reenvie uma imagem positiva ou, então, isenta de qualquer juízo de valor. Por exemplo, é compreensível a preferência do escritor Horácio Bento de Gouveia (em crónicas publicadas nos anos 1979 e 1980 [1994]) ao atribuir aos naturais das Lombadas (na freguesia de Ponta Delgada) (→Toponímia) ou a um conhecido seu de Boaventura, as respetivas designações “lombadenses” e “boaventurenses” através de formas, ditas, cultas, ainda que não atestadas ou dicionarizadas.

Denotámos que apesar de “boaventurenses” ser uma escolha a realidade é que não está comprovada, ou seja, “atestada” ou tão pouco “dicionarizada”. Nesse mesmo artigo, existe uma recolha muito interessante com os gentílicos da ilha da Madeira e do Porto Santo. Verificámos que aos habitantes da Boaventura / Boa Ventura ainda está associado o termo “labregos”, “caitanos” (leia-se “caetanos”) e para a mulher: “quitéria”. O termo “quitérias” designava os seios da mulher. É importante ressaltar que, na Entrevista 1, apresentada em apêndice, a informante demonstrou desconhecer o gentílico utilizado para designar os habitantes da freguesia. Inclusive, quando questionada sobre o termo “boaventurenses”, afirmou nunca o ter ouvido anteriormente.

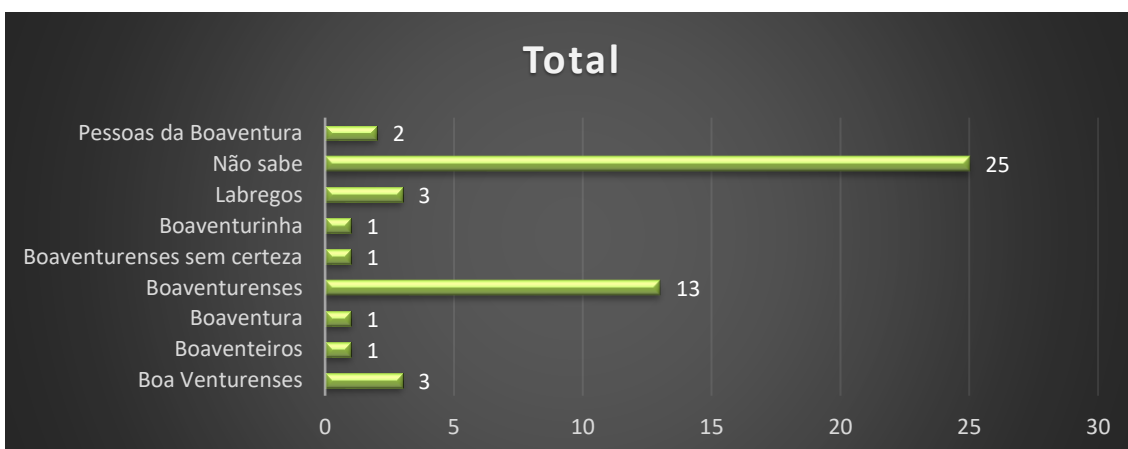


Gráfico 6 - Gentílico dos fregueses da Boaventura / Boa Ventura

Fonte: elaborado pela autora

Na análise ao gráfico, existem outras denominações, apesar de não tão expressivas, como “boaventura” (a própria designação do topónimo), “boaventurinha”, “boaventeiros”, “pessoas da Boaventura” e um termo considerado pejorativo: “labregos”. A forma diminutiva no feminino, assim como a designação do topónimo para o gentílico, não parece ter grande aceitação. O vocábulo “boaventeiros” assume-se como uma variante de “boaventurenses”, embora menos expressiva. A palavra “labregos”, acima mencionada, e que ocorreu em vários contactos com a população, mas não tanto no questionário como esperávamos, afigura-se uma alcunha, embora não assumida pelos próprios habitantes da freguesia. Os fregueses de Ponta Delgada são popularmente conhecidos como “lapeiros” como os habitantes da freguesia de São Gonçalo, Funchal, como referido no livro *Vocabulário Madeirense* (Silva, 1950, 71). No que diz respeito aos vicentinos, embora não haja uma alcunha específica consolidada, difundiu-se uma frase popular, depreciativa, não apenas pelos habitantes do concelho, mas também um pouco por toda a ilha: “De São Vicente, não são burros nem são gente”. A origem dessa expressão é incerta, mas a sua ampla difusão indica uma longa tradição oral. Havendo ainda o complemento da frase, no artigo acima referido de Thierry Porença, “São Vicente, nem burro nem gente; só o Santo e o vinho”. Nesse contexto, o artigo também menciona a resposta dos vicentinos às freguesias vizinhas: “Boaventura, há burros de fartura; Ponta Delgada, há burros à pancada”. As respostas de desconhecimento como “não sabe” indicam, no questionário, que o uso do gentílico, no passado, não era amplamente difundido. Observa-se que muitas pessoas se limitam a afirmar que “são nascidos em”, sem recorrer a uma forma gentílica específica. Segundo Thierry Porença, apesar de haver vários processos para a formação de um gentílico, não só a morfologia da língua, a forma mais recorrente é “a junção do topónimo (ou à sua forma latinizada) com o sufixo *-ense*”. Helena Rebelo em *A toponímia como Paisagem Linguística e Património Linguístico. Ruivós, no cruzamento de rotas para a Madeira?* (2021, 115 e 116), quanto à relação entre topónimo e gentílico, embora geralmente associada, nem sempre se manifesta de forma evidente. O texto evidencia essa complexidade ao analisar o caso das aldeias do concelho do Sabugal, onde a ausência de gentílicos específicos para localidades como Ruivós revela a preponderância do topónimo sobre a designação do habitante. A expressão perifrástica “ser de uma localidade” assume um papel fundamental na identificação dos indivíduos, substituindo o gentílico ausente e reforçando a importância do local de nascimento e criação como elemento definidor da identidade. Esse fenómeno demonstra a flexibilidade da língua e a capacidade das comunidades em criar mecanismos alternativos

para suprir lacunas linguísticas. No caso da Boaventura / Boa Ventura “ser de” é um marcador de origem que evidencia a força do vínculo com o local de nascimento e/ou residência.

No que diz respeito à grafia, por um lado, os resultados indicam que a aglutinada é a predominante entre os residentes inquiridos para o topónimo, como vimos anteriormente. Para o gentílico, verificámos que há muita incerteza e até desconhecimento. É interessante notar que, do conjunto dos inquiridos com alto nível de escolaridade (cf. gráfico 5), dois participantes, um de 29 e outro de 48 anos, respetivamente, apresentaram respostas divergentes quanto à grafia do topónimo optando pela justaposição e depois a aglutinação para o gentílico. Este cruzamento de dados revela a discrepância e a falta de consenso inclusive nos próprios informantes, quanto ao pormenor gráfico em estudo. Apesar de ambos bastante escolarizados, consideraram, tanto um como o outro, que a forma ortográfica apropriada para o topónimo poderia ser diferente da do gentílico. Ortograficamente, seria de supor que, se um deles fosse justaposto, o outro também o seria, mas, por razões desconhecidas, escolheram a justaposição para o topónimo, como defende a Junta de Freguesia, enquanto escrevem o gentílico aglutinado, como o faz a Casa do Povo, aceitando a dupla grafia topónimo/gentílico.

Em síntese, das hipóteses colocadas e do questionário aplicado, concluímos que a dupla grafia tanto para o topónimo como para o gentílico persiste, vindo de um passado remoto até ao presente, sem parecer haver solução para a questão ortográfica. Considerando que a língua portuguesa passou por diversas mudanças, fonéticas e ortográficas ao longo do tempo, levando à modificação da pronúncia e da escrita de algumas palavras, como “Santana”, que antigamente era escrita “Sant’ana” e “Bôa Ventura” (cf. mapa 6 e 7), não podemos descartar a possibilidade de que a grafia do nome da freguesia se tenha modificado ao longo do tempo, tendo passado da justaposição para a aglutinação sem haver ainda aceitação total por parte da comunidade local, já que a regional opta pela aglutinação (cf. anexo 2). A pronúncia local - o caso do informante 2 - pode ter sido um fator importante nessa mudança, levando à forma “Boaventura”. A falta de documentação histórica consistente dificulta a definição da grafia original, uma vez que até mesmo registos oficiais e mapas antigos apresentam ambas as formas: “Boaventura” e “Boa Ventura”. Diante da falta de consenso e de provas definitivas, não há como determinar qual é a grafia mais adequada. Ambas as formas, “Boaventura” e “Boa Ventura”, podem ser consideradas válidas e a escolha da grafia parece ser uma

questão de preferência pessoal para quem está consciente desta dualidade.

Neste caso, por predominar no questionário e nas opções de paisagem linguística, a nossa escolha recai sobre a forma aglutinada. Foi assim que a escola local ensinou o nome da freguesia e apenas recentemente nos deparámos com a possibilidade de a forma “correta” ser a justaposta. Embora optemos pela forma aglutinada, reconhecemos, pelos dados que obtivemos e pelas consultas que realizámos, que ambas as formas - “Boaventura” e “Boa Ventura” são utilizadas pela comunidade, e que a escolha individual deve ser respeitada, mesmo que isso possa gerar alguma dificuldade ou ambiguidade. Não consideramos uma única forma como a “verdadeira”, pois a origem do nome é incerta, como referiremos mais abaixo. Porém, fazemos uma opção e recomendaríamos às entidades locais que a fizessem também. Acreditamos que é importante para a preservação da história local e cultural da freguesia, independentemente da grafia utilizada poder ser considerada um pormenor.

Helena Nunes revelou uma opção pela justaposição, depois de ter muitos anos usado a aglutinação como verificámos numa entrada do seu livro¹⁷ “O maior mal da Falca e da Boaventura é a distância do Funchal... A Boaventura é um lugar bom para trabalhar, as pessoas são boas e tratam e respeitam os docentes que cá chegam!” (1999, 29). Nesse mesmo livro, manifestou a importância da escolha pela justaposição, citando José Pedro Machado e o seu *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Confirmámos isso, por exemplo, com o uso do gentílico, autorreferenciando-se, na passagem do livro¹⁸, “O Presidente da Câmara, o Prof. Duarte Mendes, para não ser repetitivo, fez suas as palavras de Helena Nunes, as que se referiam às obras realizadas pelas Autarquias nesta localidade, desejando aos Boa Venturenses as maiores felicidades.” (1996, 184).

Pela análise dos dados recolhidos, e uma vez que não é viável nem recomendável manter a dupla grafia, decidimos optar pela forma aglutinada, já que não temos dados concretos, factuais, sobre a origem do nome e a grafia etimológica. Havendo diversas hipóteses, considerámos que, se o nome estiver relacionado com uma pessoa, a grafia mais adequada será a aglutinada. Aliás, pesquisas revelam a existência de diversas figuras com esse nome¹⁹ hoje escrito dessa forma, até porque a forma justaposta não é utilizada nesse contexto. Um facto que reforça a ideia de a hipótese do nome estar veiculado a uma pessoa é de realçar. Contudo, a origem do nome da freguesia pode não estar relacionada com o santo italiano, mencionado em algumas fontes.

¹⁷ *Crónicas de Dentro e de Fora da Ilha, Dez anos de Recordações, 1987-1997.*

¹⁸ *Ibidem.*

¹⁹ São Boaventura; Boaventura de Sousa Santos; Boaventura Cardoso, etc

Se essa hipótese se afigurasse verdadeira, o padroeiro da freguesia seria mais provavelmente São Boaventura e não Santa Quitéria, embora na igreja matriz se encontre uma escultura deste santo italiano. A escultura foi doada por um paroquiano, há cerca de 30 anos, em agradecimento por ter as suas preces atendidas.

Neste contexto, corroboramos a hipótese levantada pelos autores do *Elucidário Madeirense*, ou seja, visto não sabermos a origem do nome próprio, não podemos atestar qual a grafia correta, aglutinada ou justaposta, se é que há alguma, já que a ortografia é uma convenção. A nossa preferência vai ao encontro da forma aglutinada pelo motivo apresentado. Portanto, do nosso ponto de vista, impõe-se uma escolha definitiva e homogênea para a identificação local, por parte das duas autoridades que alimentam a divergência, gerando até confusão, como podemos verificar num cartaz produzido para a Junta de Freguesia, em que o autor utiliza as grafias aglutinada e justaposta (cf. anexo 3). Neste momento, poder-se-ia empreender uma escolha definitiva e clara porque a Casa do Povo e a Junta de Freguesia têm o mesmo Presidente. Não compreendemos, por isso, que para este nome próprio e o gentílico associado, no presente, não haja consenso entre a Casa do Povo, que usa a forma aglutinada, e a Junta de Freguesia, que opta pela forma justaposta. Estas duas instituições, mais representativas da freguesia, parecem ser as únicas que mantêm a divergência gráfica. Se fizessem a mesma opção, ajudariam a reforçar a unidade da comunidade, na sua própria identificação, tanto através do topónimo, como do gentílico.

A toponímia testemunha a existência de património especificamente linguístico. Interessa, então, observar a toponímia presente na freguesia da Boaventura. Como surge registada? Qual a predominância de nomes? É o assunto em estudo no próximo capítulo.

CAPÍTULO III

A TOPONÍMIA COMO PATRIMÓNIO LINGUÍSTICO

1. A toponímia e a sua motivação

A linguística, enquanto ciência que se dedica ao estudo da linguagem humana em todas as suas dimensões, centrando-se na linguagem verbal, encontra na toponímia um campo fértil para as suas investigações. A toponímia, como ramo da linguística, concentra-se no estudo dos nomes próprios de lugares, os chamados “topónimos”, revelando um universo de significados que se entrelaçam com a história, a cultura e a identidade de um povo.

A relação existente entre a linguística e a toponímia é intrínseca. Ao analisar os topónimos, os linguistas e demais estudiosos podem desvendar a história de uma região, identificar a origem de uma língua e compreender a cultura de um povo. Vejamos o exemplo de “Ponte dos Ganchos” localizada nas serras da Boaventura. Em conversa com o Eng. Rocha da Silva²⁰, soubemos que um antigo habitante da Falca, Boaventura, defendia que a dita ponte era denominada “Ponte dos Guanches”²¹ e não “dos Ganchos”. É de referir que, inclusive, “Ganchos” é um nome muito comum na toponímia das serras da região, mas por uma razão diferente. Visto haver muitos folhados que (devido à extensa folhagem tornam os ramos carregados e pesados) formam um “gancho”. Dessa forma, a peculiaridade da árvore em formar “ganchos” é uma motivação como topónimo recorrente nas serras da ilha da Madeira.

A toponímia não se limita a um simples inventário de nomes. Ela é uma ferramenta poderosa para a compreensão das dinâmicas linguísticas e sociais. Como refere o artigo “Toponímia em destaque, um olhar para a História, a Cultura e a Língua de uma Comunidade” (Cavalcante, Santos e Santos, s.d, 801): “O ramo da lexicologia expande-se, dando abertura para a onomástica, a qual origina a toponímia, caracterizando uma vasta área de investigação histórica e cultural por meio do uso da língua”. Ao estudar a evolução da toponímia ao longo do tempo, podemos observar como as línguas se transformam, levando inclusive ao desaparecimento de certos nomes geográficos. Exemplos estão patentes na Lista 4, em apêndice, onde se encontram designações que

²⁰ Engenheiro Agrônomo e antigo Diretor das Florestas da RAM.

²¹ A definição retirada do sítio de internet Aprender Madeira, é a seguinte: “Guanches é a designação que mais se vulgarizou para os indígenas das Canárias, mas, na documentação camarária, são conhecidos como escravos «canarios». Na Madeira, estes aborígenes estão testemunhados, pelo menos, como escravos provenientes das ilhas Tenerife, La Palma, La Gomera e Gran Canária” (Vieira, 2020).

estão presentes nas fontes bibliográficas, mas já não constam na freguesia.

A toponímia é um campo de estudo que convida a explorar as raízes da identidade, a desvendar os mistérios da história e a compreender a complexidade das relações entre a linguagem, a cultura e o espaço, como está explícito na definição apresentada por José Lemos Silva no sítio de internet intitulado “madeira-gentes-lugares”:

A palavra “toponímia” deriva de duas palavras gregas τόπος (tópos), que significa lugar, e ὄνομα (ónoma), nome, ou seja, o nome de um lugar. A toponímia estuda os topónimos (nomes próprios dos lugares), a sua origem e evolução. Esta caracteriza-se como parte da linguística, com vínculo à história e geografia de uma determinada região e a interacção com esta por parte dos seus habitantes. Igualmente, os topónimos madeirenses estão ligados à história e geografia do arquipélago, onde os descobridores e primitivos povoadores empregaram vocábulos para designar coisas e lugares. Assim, estes vocábulos, convertidos em nomes próprios, em cinco séculos da história das ilhas conservaram-se alguns, quase inalteráveis até aos dias de hoje.

A afirmação apresenta uma visão abrangente da toponímia, destacando a origem etimológica do termo, a relação com outras áreas do conhecimento e a especificidade dos nomes de lugares num contexto histórico e geográfico particular. Através dos nomes atribuídos a locais, podemos identificar elementos relevantes que marcaram a paisagem e a vida das comunidades ao longo do tempo. Um exemplo dessa relação entre a toponímia e o passado encontra-se nos microtopónimos, relacionados ao topónimo “intermédio”, termo que iremos analisar mais à frente neste capítulo, “Serra de Água”, por exemplo: “Estrada Municipal da Serra de Água”, “Caminho Antigo da Serra de Água” e “Vereda da Serra de Água”. Estes evidenciam a importância histórica da água nesse local e o aproveitamento que deram desse mesmo recurso para benefício próprio, no seio da comunidade. Podemos, inclusive, complementar este aspeto com uma passagem de um livro de João Adriano (2005, 123): “As serras de água constituíram uma fonte importante da economia madeirense. A atestar isto está o facto de muitos sítios das várias localidades terem designação toponímica de Serra de Água, como é o caso da Boaventura”.

A análise da toponímia da Boaventura revela uma relação entre os nomes dos lugares e a identidade da freguesia. Verificámos a predominância de topónimos ligados à geografia e à agricultura, como iremos comprovar mais adiante, o que atesta a importância desses elementos na paisagem e na vida dos habitantes. A formação geográfica, com as suas características únicas, exerceu uma influência determinante na criação dos nomes, refletindo a íntima ligação entre os seres humanos e o ambiente natural. A ocorrência de

combinações temáticas, como agricultura e água, demonstra a interdependência entre as atividades humanas e os recursos naturais. A água, por exemplo, é um elemento essencial para a agricultura e, por isso mesmo, está presente em muitos topónimos, revelando a sua importância para a população. Tendo em conta a natureza herdada e mutável da língua, é plausível que existam topónimos originários de corruptelas. Um exemplo ilustrativo é o topónimo “Terra Tinho”, que parece ter origem na forma “Terra Ratinho”. Esta hipótese é sustentada pela entrevista conjunta transcrita em apêndice, na qual os informantes referem que, nos registos das Finanças, o local está identificado como “Terra Ratinho”.

Os nomes de lugares preservam a memória histórica e cultural da freguesia da Boaventura. Ao desvendar os significados ocultos por trás desses nomes, podemos reconstruir a história, estabelecendo uma conexão entre o passado e o presente. A análise da toponímia permite compreender como os habitantes da freguesia percebiam e interagiam com o meio ambiente, valorizando os recursos naturais e adaptando-se às condições geográficas. Verificámos que a toponímia da Boaventura constitui um rico património cultural que permite compreender a formação da identidade da freguesia. Ao estudarmos os nomes dos lugares, desvendamos uma parte importante da história e da cultura local. Como já foi referido, a predominância de topónimos ligados à agricultura revela a importância dessa atividade económica no quotidiano das gentes. Os nomes ligados a figuras ilustres da terra são incontornáveis, por exemplo, Helena Nunes, que dá nome à Rua da Casa do Povo, desempenhou um papel fundamental no desenvolvimento da freguesia. Outro exemplo é o do primeiro sesmeiro, Pedro Gomes Galdo, que dá nome à estrada mais longa da freguesia. Demonstram a relevância dessas pessoas na memória coletiva, fazendo parte da história da freguesia. A crença e as lendas também figuram na toponímia, como o “Caminho Fonte Boneca”, cujo significado iremos abordar posteriormente, o que revela a identidade de um povo crente no espiritismo.

A toponímia da Boaventura, como vimos, é um tesouro a ser desvendado. Para iniciarmos essa jornada, é fundamental estabelecermos algumas definições básicas. Ao compreendermos o significado de termos como “Impasse” e “Vereda”, podemos aprofundar o nosso conhecimento sobre a formação dos topónimos em geral. Vamos chegar a entender o motivo pelo qual se chama “Caminho da Fonte Boneca” ou como já vimos, o motivo de termos o “Caminho da Terra Tinho”.

Segundo o projeto SIGA, coordenado pelo professor de geografia Ricardo Fernando Carneiro Gomes²², em 2012, que serviu de base para a implementação da toponímia no concelho de São Vicente, temos acesso às seguintes definições:

- a) “Estrada”: utilizado em vias estruturantes da rede viária e malha urbana de sítios e freguesias. (p.6)
- b) “Beco” ou “impasse”: rua estreita ou curta, muitas vezes sem saída. (p. 23)
- c) “Escadas”, “Escadaria” ou “Escadinhas”: espaço em terreno declivoso, recorrendo ao uso de patamares e/ou degraus para tornar o percurso menos penoso. (p.24)
- d) “Rua”: Via de circulação pedonal e/ou viária (p. 26)
- e) “Travessa”: rua estreita que estabelece um elo entre duas ou mais vias urbanas. (p.26)
- f) “Vereda”: caminho pedonal tradicional característico de áreas rurais e frequentemente utilizado para acesso a terrenos agrícolas ou florestais. (p.26)

É mencionado que a escolha dos topónimos “Ladeira”, definido como “caminho ou rua muito inclinada” (p. 24) e “Escada” baseou-se em termos que já eram de uso corrente entre os moradores. Na nossa análise, registámos cinco topónimos com “Ladeira” (“Ladeira da Achada”; “Ladeira da Achadinha de Baixo”; “Ladeira da Travessa”; “Ladeira das Laranjeiras” e “Ladeira do Pastel”) e dois topónimos referentes a “Escadas” (“Escadas da Eirinha” e “Escadas do Serrado”). Além disso, considerando a sinonímia entre “Escada” e “Escaleira”, incluímos o topónimo “Escaleira das Paredes” na nossa análise, totalizando apenas uma ocorrência, “Escaleira das Paredes”.

É importante destacar que o *Dicionário Corográfico do Arquipélago da Madeira* (1934, 25) regista, “Beira”; “Casa do Meio” “Cóva”; “Ribeira dos Moinhos” e “Pico” como antigos sítios povoados da freguesia. Atualmente, esses topónimos já não designam sítios, sendo apenas encontradas referências a esses topónimos em: “Caminho da Beira”; “Caminho da Casa do Meio”; “Caminho da Cova”; “Caminho do Moinho”; “Caminho do Pico”. Os sítios “Sabugueiros”; “Achada do Moledo”; “Coquim” e “Vinha”, ao contrário dos exemplos acima, desapareceram completamente da toponímia local.

O *Dicionário Corográfico do Arquipélago da Madeira* (1934) e a obra de João Adriano, *S. Vicente: Subsídios para a História do Concelho* (2005), apesar dos 71 anos que separam as duas publicações, concordam em registar “Achada do Pereira” como um sítio habitado. No entanto, a denominação atual do local é “Achada do Pereiro”, uma

²² Docente de Geografia, em 2012, na Escola Básica e Secundária Dona Lucinda Andrade, ao qual a Câmara Municipal de São Vicente propôs que compilasse a toponímia de todo o concelho.

alteração que implica uma mudança significativa na interpretação histórica do nome. A mudança de “Pereira” para “Pereiro” não é meramente ortográfica, mas semântica. O *Dicionário Corográfico* sugere que “Pereira” é uma possível referência a um indivíduo, provavelmente um antigo proprietário ou habitante do local. Já “Pereiro” está associado à árvore “pereira” (pereiro dará pero como pereira dá pera), remetendo para características agrícolas do local. O sítio, originalmente grafado como “Roçada” no *Dicionário Corográfico* e nos dicionários consultados, já se encontra registado como “Rossada” na obra de João Adriano (2005, 55). Porém, no sítio da Internet Wikilock em 2024, pudemos ler “Roçada”.

Segundo as informações recolhidas na entrevista conjunta, realizada na Casa do Povo da Boaventura, e que pode ser consultada em apêndice (cf. entrevista 3), conseguimos apurar o significado de alguns topónimos que passamos a apresentar: “Caminho Fonte Boneca” adquire esse nome devido a uma lenda. Diz-se que, há muitos anos, uma senhora tinha uma filha doente. Ofereceram-lhe uma boneca que falou à menina. Atualmente essa boneca está na igreja e acredita-se ser a Nossa Senhora do Carmo. Quanto ao “Caminho Pico da Vigia”, há a hipótese de que os senhorios utilizavam um ponto de observação para “vigiar” as suas extensas propriedades agrícolas. Por sua vez, a “Achada do Linho” era onde semeavam o linho, que, depois, era colocado a curar na ribeira e que era utilizado para fazer cobertas e toalhas de linho.

Pela consulta ao *Dicionário Corográfico do Arquipélago da Madeira*, descobrimos três definições relevantes para o estudo, visto que também estão patentes na toponímia da Boaventura. Importa-nos analisar e compreendê-las. Podem ser consultadas na tabela abaixo, da qual será feita uma análise.

A tabela apresentada oferece um recorte interessante do *Dicionário Corográfico do Arquipélago da Madeira*, focando três termos-chave, que, além de estarem presentes na toponímia da freguesia da Boaventura, são muito representadas a nível regional, são: “Achada” e “Fajã”. Quanto à “Entrosa”, é apenas existente na freguesia em estudo. Estes nomes revelam a riqueza e complexidade da toponímia, evidenciando a forte relação entre a geografia da ilha e a cultura local. A definição de “Achada” sublinha o seu carácter arcaico e específico, referindo-se a pequenas planícies em regiões montanhosas. A persistência desse topónimo em diversas localidades da Madeira atesta a influência marcante da geologia na formação da paisagem e, conseqüentemente, na denominação dos lugares.

Definições	
Achada	Esta palavra arcaica (chada ou chaada), que significa uma pequena chã ou planície, geralmente entre terrenos acidentados deu, por semelhança, o nome a muitos sítios e lugares deste arquipélago, que ainda atualmente o conservam, sendo apenas usado em acepção toponímica. (V. Achada de...). p.2
Entrosa	Assim se chama a aprumada escarpa, que, subindo da margem direita e próximo da foz da ribeira do Porco, na Boaventura, vai entestar com a freguesia do Arco de São Jorge. Esta ravina é atravessada por um caminho em torcicolo, que liga as duas freguesias e que é um trecho da estrada que circunda a Madeira próxima do seu litoral. p.77
Fajãs	Dá-se na Madeira o nome de “Fajãs” a certos tratos de terreno, de maior ou menor extensão, formados pelo desmoronamento de terras situadas a montante constituindo em geral um sólo de notável fertilidade. As “Fajãs” formam-se tanto no interior da ilha pelo desabamento de terras que se desagregaram das vertentes das montanhas, como ao longo de toda a costa marítima. (...) o Termo “Fajã” é em geral usado toponimicamente e existem dezenas de sítios que teem o nome de Fajã. p.8

Tabela 1 - Definições recolhidas no *Dicionário Corográfico do Arquipélago da Madeira*

Fonte: elaborado pela autora

A definição de “Entrosa” é mais detalhada, descrevendo a formação geológica e a localização geográfica. O termo revela a adaptação da linguagem ao relevo acidentado da ilha, utilizando uma metáfora para descrever a junção de duas escarpas. A par dos ilhéus, junto à costa, é um dos marcos da freguesia que, além de ser parte do Caminho Real 23, serviu de via de comunicação entre povoações nortenhas, do concelho de São Vicente ao concelho de Santana. Hoje, é apenas atravessada por simples lazer, visto oferecer uma paisagem única aos mais aventureiros. A Entrosa pode ser categorizada como um património linguístico, natural e imaterial. O nome carrega um significado histórico e cultural. Geograficamente, a Entrosa representa um património natural de grande valor, resultado de processos geológicos únicos. Além disso, as histórias e memórias associadas ao local, especialmente às pessoas que percorreram o antigo caminho, transformam-na num património imaterial de inestimável valor, ao ponto de identificar a freguesia.

Quanto à definição de “Fajã”, aborda a origem geológica e a sua importância agrícola. A variedade de locais com esse topónimo evidencia a ocorrência frequente desse

tipo de formação geomorfológica na Madeira. Essa ocorrência do termo não existe só na ilha da Madeira, mas também nos outros territórios da Macaronésia. Sublinhamos o seu valor como um património linguístico e cultural, conforme comprovado na Dissertação de Mestrado “O topónimo “Fajã”: um património linguístico da Macaronésia?” de Gabriel Jardim (2021).

A partir de uma pesquisa em enciclopédias, entre as quais a *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* e o *Grande Dicionário Enciclopédico Ediclube*, foram reunidas algumas definições que esclarecem o significado de determinados nomes que também funcionam como topónimos da freguesia em estudo. Os nomes compilados na tabela seguinte levantam dúvidas quanto ao significado, sendo pouco conhecidos.

	Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira	Grande Dicionário Enciclopédico Ediclube
Arrebentão	s.m. Haste que rebenta do pé da planta, filho, o mesmo que rebentão. P.339	sem definição
Barranco	s.m. Escavação produzida por enxurrada, ou outra causa; Escavação natural. Talude íngreme; precipício, despenhadeiro; Prov. Alent. Ribeira, córrego que seca durante o verão. p.258	s.m. Despenhadeiro, precipício. p.775
Cabeço	s.m. Alto de um monte, cume; Elevação de terreno; colina, outeiro, ou fundo de águas. p.260	s.m. Monte isolado; Cume ou parte mais elevada de um monte ou serra; Penhasco; Penedo. p.1084
Cabouco	s.m. Cova que se abre no chão, especialmente para servir de alicerce. Fôso; Vão em que gira a roda da azenha; Prov. Estribo de pau; Em alguns pontos do Ribatejo chamam cabouco da cava do barro ao local onde vão buscar a argila com que fabricam telhas e tijolos. p.283	s.m. Fosso ou vala onde se assentam os alicerces de uma construção; cavouco; cova, fosso; O vão com que gira o rodízio do moinho. p.1088
Coadá	s.f. Aquilo que se coou, peneirou, filtrou: coada de legumes, de hortalíça; Barrela, o mesmo que decoada; certa rede de pesca; (de côado). p.997	s.f. Suco de legumes cozidos passados pelo coador; Água filtrada por cinza; barrela; certa rede de pesca. p.1533
Entrosa	s. f. Roda dentada em alguns moinhos ou lagares que engranza noutra; Endentação; o espaço entre os dentes da roda. (Do lat. hip. * intorsus, por intortus, torcido). p.823	s. f. Roda dentada que engrena noutra; Endentação; engrenagem; Espaço entre os dentes da roda. p.2300

Falca	s.f. Tôrno de madeira falquejado. Peça da borda das embarcações, que sai fora na ocasião de meter nelas a carga. Cada um dos dois tabuões de reparo de uma peça, que são unidos paralelamente pelas taleiras; Lasca fina de madeira. TÉCN, IND. Chama-se cortiça de falca, a cortiça das ramadas provenientes das podas e limpezas que é extraída com um machado, a que se dá o mesmo nome. p. 851	s.f. Toro de madeira desbastado, com quatro faces retangulares; Náut. Tábua delgada que se coloca na borda das pequenas embarcações, da popa à proa, para evitar que lhes entre água; Abertura semelhante a uma porta, no bordo de uma embarcação. p.2556
Ladeira	s.f. Inclinação mais ou menos acentuada de terreno; encosta, rampa. p. 654	s.f. Inclinação de terreno; encosta; declive; pendor; subida. P.3595
Lanço	s.m. Acção ou efeito de lançar; arremesso: impulso; jacto, tiro; lançamento: o lanço de uma pedra. Neste sent., usa sobretudo para o acto de atirar a rede ao mar, à água.; Espaço, extensão, tracto.; diz-se especialmente nos casos seguintes: lanço de casas, correr, correnteza, sucessão de casa contíguas, e, p, ext., quarteirão: todo aquele lanço de casas é do mesmo proprietário (...) Lanço de muro, certa extensão ou trecho de muro (...). p. 534	s. m. Acto ou efeito de lançar; Peixe apanhado de uma só vez na rede; Secção de estrada ou muro; Extensão de uma fachada. Correnteza de casas; Volta de lançadeira; Conjunto de degraus de uma escada p.3614
Lombada	s.f. Grande lomba ou lomba contínua de terreno. p.398	s.f. Lomba prolongada; Dorso do boi. p.3
Lombo	s.m. Cada uma das partes do dorso de um e outro lado da coluna vertebral, e em que ficam os rins. p.401	s.m. Parte carnuda pegada à espinha dorsal; Costas, dorso; Lombada. p. 3767
Pastel	s.m. Massa de farinha cozida no forno, a que se dá formas variadas e que contém carne, peixe, mariscos, doce, frutos, etc.; Fam. Pessoa indolente e branda, de pouco préstimo. Porção de caracteres tipográficos misturados em virtude de se ter desmanchado uma forma, uma coluna ou uma linha. p.570	s.m. Massa cozida no forno, feita de farinha e manteiga a que geralmente se adiciona um recheio doce ou salgado e que é cortada em unidades de formato semelhante; Matrizes ou caracteres tipográficos misturados por se ter desfeito uma composição. p.4686
Penedo	s.m. Grande pedra; calhau, penha; GEOL. Penedos erráticos: Fragmentos de rocha, grossos e isolados, de natureza diferente das camadas de terrenos sobre que assentam, e que em algumas regiões se acham à superfície da terra. p.970	s.m. Rochedo, penhasco, penha; Pedra grande; calhau. p.4742

Portada	s.f. Grande porta, geralmente com ornamentos: a portada do palácio; Peça de madeira que gira sobre gonzos e fecha por detrás ou pela frente da vidraça das casas, à maneira e porta; Frontespício, ou página do rosto de um livro; O mesmo que porta. p.547	s.f. Porta grande, em geral decorada, que se encontra nas fachadas principais de edifícios sumptuosos. Peça de madeira que assenta em gonzos e fecha atrás ou à frente da vidraça da casa, como se fosse uma porta. p. 4931
Quebrada	s.f. Ladeira, declive; cada uma das depressões intervaladas de saliências em terreno montanhoso; anfractuosidade de terreno produzido pela água. p.845	adj. fem. de quebrado Declive estreito e escarpado entre montanhas; prov. Derrocada de terra; ladeira; encosta; Anfractuosidade provocada pela acção erosiva das águas. p.5133
Redondo	adj. Designativo de um corpo, de uma figura cuja forma é tal, que todas as rectas tiradas de um ponto ou eixo central à circunferência são iguais (...); curvo, circular (...). p.681	Apelido que surge em Portugal tanto por origem toponímica como por alcunha. p.5241
Roçada	s. f. Acto ou efeito de roçar, de cortar rente (tojos, urzes, estevas, giestas, etc.); acto de cortar com a roçadoura; o mato roçado para estrumes; Bras. Operação a que se procede, quando se trata de derrubar uma mata, e consiste em cortar à fouce todos os pequenos arbustos, cipós e outras plantas que possam impedir o manejo do machado; o mesmo que roçagem. p.828	s. f. Bras. Corte, por meio de fouce, de pequenas plantas que embaraçam o manejo do machado nas matas; Trabalho de roçar. Porção roçada. p.5386
Travessa	s.f. Peça de madeira, atravessada sobre outra, ou posta horizontalmente entre duas outras peças verticais; viga; Verga da porta; Galeria subterrânea que estabelece comunicação entre duas outras galerias; Rua estreita, transversal, entre duas ruas mais importantes. Porção de terra ou de mar que forma limite. Acto de atravessar ou de vencer as distâncias de um lugar a outro; travessia. p.682	s.f. Peça de madeira atravessada, que liga duas outras; Peça de madeira ou de cimento para assentar os carris do caminho-de-ferro; Rua estreita e pequena, que faz ligação entre duas ruas principais. p.6105
Ulheiro	sem definição	sem definição
Serrado	adj. e p. p. Que se serrou.; Cortado com a serra ou serrote (...) Que tem aspeto de serra (De serrar). p.487	sem definição

Vigia	s. f. Acto ou efeito de vigiar; TOPON. Deve tratar-se da aplicação geográfica, relativamente recente, do n. comum «vigia» (de vigiar), com sentido sempre sensivelmente vizinho do próprio. Dificilmente se poderá opinar pela hipótese antroponímica, dadas as dificuldades fonéticas e ainda aqui é preferível pensar-se no apelativo de fac vigido de defesa, até porque o apelativo já aparece aplicado a um local, embora talvez sem absoluta função toponímica, nos meados do séc. XIII. p.315	s. f. Elemento de construção prismático de betão armado, madeira ou outro material; Trave. p.6331
--------------	--	---

Tabela 2 - Definições de alguns nomes que constituem topónimos na freguesia da Boaventura e levantam dúvidas

Fonte: elaborado pela autora

A tabela apresenta um conjunto de dados sobre a etimologia e o significado do que poderá ser a origem de alguns dos topónimos da freguesia da Boaventura. Verificámos que através destas definições não é possível compreender a origem de nomes como: “Arrebetão”; “Falca”; “Pastel” e “Ulheiro”, que figuram na toponímia da Boaventura. O topónimo “Lanço” também gera dúvidas, visto que, segundo a definição apresentada na separata *As “Levadas” da Madeira* (1944, 55), “Lanço é quando um canal se reparte, a fim de proceder-se à irrigação, em diversos pontos, aplica-se a cada uma dessas divisões a designação de «lanço» ou «ramal» sendo êste por vezes, susceptível de subdivisões”.

Quanto aos nomes “Rossada” e “Serrado”, embora não haja uma definição explícita na tabela, é provável que estejam relacionados com a atividade agrícola da região. O termo “roçar” é comumente utilizado para designar o ato de desmatar, sugerindo que essas áreas eram cobertas por densa vegetação que precisava de ser constantemente removida para dar lugar às atividades agrícolas. Quanto à “Entrosa”, cuja definição é “roda dentada”, se observarmos a fotografia abaixo, podemos verificar que o traçado do percurso se assemelha, de facto, a uma roda dentada.



Fotografia 10 - Pormenor do Caminho da Entrosa

Fonte: Sítio da Internet *Visit Boa Ventura*, 2025

Desta forma, podemos supor que o nome “Entrosa” se deve precisamente a isso: ao facto de o percurso se assemelhar a uma roda dentada. Esta hipótese é reforçada pelo traçado do caminho, que apresenta uma forma semelhante a uma engrenagem. Não obstante, é importante referir que, no local, também existia um Engenho de Açúcar, o que pode sugerir uma ligação adicional entre o nome e as estruturas mecânicas ou rodas dentadas utilizadas no funcionamento do engenho. Sendo a Entrosa um local também referenciado na tradição oral, pelas histórias que lhe estão associadas, somos naturalmente conduzidos ao tópico seguinte, dedicado às serras e à tradição oral.

1.1. Topónimos das serras: tradição oral

A tradição oral e a memória coletiva desempenham um papel crucial na preservação da história e da cultura de uma região. Em muitos casos, os nomes de lugares, especialmente de serras, são transmitidos de geração em geração através de histórias, lendas e costumes locais. No entanto, nem sempre esses nomes estão registados em mapas ou documentos, correndo o risco de caírem no esquecimento. É fundamental reconhecer a importância de registar esses topónimos não oficiais, pois eles carregam consigo um património cultural inestimável. Cada nome representa uma conexão com o passado, refletindo a relação das comunidades com a terra, crenças, atividades e modos de vida. Ao documentar esses nomes, preservamos não apenas a identidade local, mas também um conhecimento ancestral sobre a paisagem e os seus recursos.

As serras possuem um significado especial na história madeirense regional. Elas são frequentemente associadas a mitos, lendas e rituais, representando elementos sagrados ou míticos. Registrar esses nomes é um ato de reconhecimento e valorização da cultura popular e tradicional local. Trata-se de preservar a memória coletiva e de garantir que as futuras gerações possam conectar-se com as suas raízes e compreender a história da sua terra. Desta forma, esses que também são topónimos encontram-se compilados na Lista 4 (em apêndice) na parte referente à área não habitada da freguesia, contendo também os nomes de locais recônditos como os ilhéus, as Levadas e a Ribeira do Porco. A recolha foi realizada através de consulta bibliográfica e de testemunho oral, graças às entrevistas, em apêndice, e em conversa com conhecedores das serras da freguesia, resultando em 94 topónimos.

Todos os locais contam uma história, mas alguns destes nomes têm algo mais para contar. Por exemplo, a “Boca das Fontes” é um local de beleza singular, um mirante natural que deslumbra quem vem do Curral das Freiras, oferecendo um panorama espetacular de parte da Boaventura e das Fontes. A “Assoladinha” era um ponto de encontro dos pastores, uma vez por semana, e nas “Lapas” (duas grutas) era onde pernoitavam e até faziam as tosquiadas. No mês de maio / junho havia uma semana de “festa” em que cada um levava algo, de comer ou de beber, para o grande acontecimento que eram as tosquiadas, o que envolvia mais de 700 ovelhas. Eram mais os dias para as meter no curral dos que para as tosquiadas em que eram apenas dois. Nas “Lajinhas”, também faziam as tosquiadas.

As serras da região guardam um profundo misticismo, vindo especialmente nos tempos passados. Na “Carapita” e no “Cabouco da Carapita”, havia um caminho que ligava a Boaventura ao Funchal, percorrido a pé pelos moradores locais. Todavia, à meia-noite, o medo tomava conta dos viajantes, que temiam encontrar “coisas” inexplicáveis. Uma história curiosa, transmitida oralmente, ilustra bem esse temor. Um homem, conhecido pela sua linguagem irreverente, costumava “praguejar” e dizer que o diabo levaria a sua mulher. Um dia, ele acordou, inexplicavelmente, na “Boca da Carapita”, sem saber como tinha chegado lá, o que demonstra como as serras eram palco de mistérios e histórias fascinantes. O senhor António Silva um dos informantes que contribuiu para o registo dos topónimos das serras, era filho de um pastor, o que o levou a passar grande parte da sua infância a percorrer esses locais. Partilhou connosco uma das experiências marcantes da sua juventude. Aos 13 anos, enquanto dormia na “Rocha Alta”, foi abruptamente acordado por um barulho intenso. O medo impediu-o de investigar a origem

do som naquele momento. Tempo depois, vieram a saber que o ruído era provocado por um homem que, para evitar custos com transporte, subia a serra e ia até ao Funchal buscar folhas de zinco, carregando três de cada vez, a fim de construir um palheiro na Boaventura. Este episódio caricato demonstra a importância que os Caminhos Reais desempenhavam na vida dos habitantes da Boaventura. O Caminho Real 27 era uma importante rota comercial, que ligava a freguesia à Rua das Maravilhas, no Funchal. Essa via era percorrida para a venda de produtos, como ovos e porcos, em Santo António. Não se tratava de quantidades insignificantes, já que eram transportados entre 300 a 400 ovos. Para se manterem durante a viagem, os “vendeiros” levavam consigo papas de milho, que serviam como sustento ao longo do percurso.

Estes episódios, que também são estórias resultantes do quotidiano dos habitantes da freguesia, são uma amostra que serve como o registo dos topónimos da parte não habitada da freguesia. É provável que muitos outros nomes existissem, mas, infelizmente, já se perderam no tempo, juntamente com aqueles que os conheciam e faleceram sem deixar essa herança. Nesse sentido, o registo que realizámos assume-se como um processo de salvaguarda do património linguístico e também cultural imaterial, visando preservar e transmitir esse legado às gerações futuras. Ao fazê-lo, estamos a honrar a memória dos nossos antepassados e a fortalecer os laços que nos unem à terra e à nossa história.

2. Topónimos da área habitada da freguesia

Aprofundamos a discussão sobre os demais topónimos da freguesia, listados no Projeto SIGA, cujo objetivo principal foi padronizar e sinalizar a toponímia do município, visando tanto a preservação da memória local quanto a melhoria da qualidade de vida dos cidadãos. Uma toponímia organizada é fundamental para a eficiência dos serviços públicos, facilitando a localização de moradas e otimizando a prestação dos serviços essenciais. A iniciativa surgiu da necessidade de organizar o espaço povoado de forma clara e precisa, atribuindo nomes e números aos logradouros, enquanto se resguardavam as designações tradicionais que carregam consigo a língua, a história e a cultura da comunidade. A preservação dessas denominações é essencial, pois constituem um património linguístico e cultural de valor inestimável e fazem parte da identidade local.

A primeira fase do Projeto SIGA envolveu um levantamento detalhado da rede viária do município, seguido da atribuição de nomes e números aos logradouros. A Câmara Municipal de São Vicente submeteu o projeto de regulamentação da toponímia a consulta pública em 2013. O processo de implementação das placas toponímicas e de

números de polícia iniciou-se em 2018. É de realçar que, em 1997, a Câmara Municipal de São Vicente submeteu à Assembleia Municipal uma proposta de Regulamento Municipal de Toponímia que não foi concretizado. É de dizer que, como Duarte Mendes refere no livro *Perfil Toponímico de Ponta Delgada (Contributos para a sua identificação)* “a quase inexistência de denominações, quer nos caminhos, quer nas diversas ruas que a freguesia já tem, leva a grandes confusões, mesmo entre a população que ali vive”. (2008, 9).

Este projeto deu origem a duas listas, a Lista 1 e a Lista 3 (cf. anexo 8 e anexo 10), cuja data não podemos precisar, mas elaboradas após 2013. A Lista 3 dispõe os topónimos referentes à freguesia da Boaventura e foi fornecida pela Câmara Municipal de São Vicente, enquanto a Lista 1, *Relatório de Códigos Postais associados a Postos de Recenseamento*, foi cedida pela Junta de Freguesia da Boaventura. Considerámos esta última como a mais abrangente, dado que contém um maior número de topónimos, incluindo aqueles designados como “intermédios”. Torna-se relevante esclarecer o significado do conceito de “topónimo intermédio”²³. Considerámos alguns topónimos como “intermédios”, já que delimitam áreas postais da freguesia, às quais corresponde um código, o chamado “código postal”. Temos de considerar, nestas circunstâncias, 25 designações porque congregam, por associação ao topónimo “intermédio”, os “subtopónimos”, como microtopónimos. O termo “subtopónimo” surge da ramificação dos topónimos “intermédios”, que passaremos a nomear no próximo subtópico, em que efetuamos uma análise às três listas existentes para a toponímia da freguesia da Boaventura.

2.1. Análise das listas: Sítios, lugares e caminhos que unem

Dispomos de três listas de topónimos, disponíveis para consultada em anexo. Atribuímos o número 1 à Lista do *Relatório de Códigos Postais* (cf. anexo 8). Nela constam 215 topónimos. A Lista 2 corresponde ao Projeto SIGA que apresenta 158 topónimos (cf. anexo 9) e a Lista 3 (cf. anexo 10) dos topónimos da freguesia da Boaventura que foi cedida pela Câmara de São Vicente, apresentando 189 topónimos.

Analisando a Lista 1, temos assim 25 topónimos “intermédios”, os chamados “sítios”: “Achada da Madeira”; “Achada do Castanheiro”; “Achada do Pereiro”; “Achada Grande”; “Achadinha”; “Cabeço”; “Cabo da Ribeira”; “Esmoitada da Ribeira”; “Fajã do

²³ Termo que surgiu em conversa durante o Seminário da Dissertação com a orientadora, Helena Rebelo, não se encontrando na lista dos macrotopónimos nem dos microtopónimos.

Penedo”; “Fajã Grande”; “Falca”; “Igreja”; “Lamaceiros”; “Levada”; “Lombadinha”; “Lombo do Urzal”; “Pastel”; “Pomar”; “Quebradas”; “Rossada”; “São Cristóvão”; “Serra de Água”; “Serrão”; “Silveira” e “Travessa”. O termo “subtopónimo” surge da ramificação destes topónimos “intermédios”, ou seja, a “Falca” dá origem à “Falca de Baixo” e “Falca de Cima”. O mesmo acontece com o sítio da “Levada”: “Levada de Baixo” e “Levada de Cima”. Na nossa análise, verificámos a ocorrência frequente de repetições, especialmente em vias que conectam os diferentes “sítios”. Desta forma, elaborámos a seguinte tabela que compila o topónimo e o número de vezes que aparece repetido na Lista 1.

Topónimos	Ocorrências
Caminho Coadá	2
Caminho Pastel	2
Caminho Escola da Calçada	2
Caminho Esmoitada da Ribeira	2
Caminho Lamaceiros	2
Escaleira das Paredes	2
Estrada Vista do Senhor do Bom Jesus	2
Estrada Cabo Ribeira	2
Estrada Manuel Vicente Xavier	2
Estrada Municipal Lombadinha	2
Estrada Municipal Serra de Água	2
Estrada Municipal São Cristóvão	2
Rua Barreira	2
Rua Vale	2
Vereda Lombo da Achada Grande	2
Estrada Cardo	3
Estrada Municipal Pastel	3
Estrada Regional Banda do Sol	4
Estrada Falca	4
Estrada Achada do Castanheiro	4
Estrada Regional Pedro Gomes de Galdo	8

Tabela 3 - Número de repetições dos topónimos da Lista 1

Fonte: elaborado pela autora

A análise dos dados revela uma variedade de tipos de vias, desde caminho, estrada, rua, vereda e escaleira. A coluna 2, da tabela 3 indica que 15 topónimos foram encontrados duplicados, o que significa que a extensão de território que atravessam é menor comparativamente aos outros topónimos presentes na tabela. Dois topónimos encontram-se triplicados e outros três, quadruplicados. É de destacar a via que apresenta

uma extensão considerável, como a “Estrada Pedro Gomes Galdo”, que atravessa oito sítios distintos. Quanto às denominações de alguns locais: o mesmo local pode receber diferentes denominações nas diversas listas, muito usualmente há concordância entre a Lista 1 e 3, sendo que a Lista 2, do Projeto SIGA, é a que mais diverge. Por exemplo, no sítio da Achada do Castanheiro, o topónimo “Ladeira das Laranjeiras” é denominado, pela Lista 2, de “Caminho das Laranjeiras”. Encontrámos mais exemplos como o “Caminho do Lombo da Falca” e o “Caminho do Lombo do Urzal” que na Lista 2 foram denominados como Ruas - “Rua do Lombo da Falca” e “Rua do Lombo do Urzal”. Um aspeto curioso é a ausência de preposições nos topónimos da Lista 1. Ao invés de “Ladeira das Laranjeiras”, encontramos simplesmente “Ladeira Laranjeiras” ou “Caminho Encontro”. Confirmámos a utilização de abreviaturas na Lista 2. Por exemplo, o topónimo “Estrada Municipal de São Cristóvão”, na Lista 2, encontra-se como “Estrada Municipal de S. Cristóvão”.

A análise comparativa das listas revelou uma característica interessante: não há uma correspondência exata entre elas. Essa discrepância gerou a seguinte dúvida: todos os topónimos listados estão de facto presentes na toponímia local? Para responder a essa questão, elaborámos a tabela 4 que reúne os topónimos presentes apenas numa lista e em casos excepcionais, aparecem em duas listas, como “Caminho do Poço”; “Rua da Falca” e “Caminho do Pé da Fonte”. Porém, não constam na toponímia local.

Observámos que a Lista 1 abriga quatro topónimos que não constam nas demais listas e que fazem parte da toponímia local, são eles: “Caminho José Vicente Neves”, “Caminho Fonte da Falca”, “Caminho Meio da Falca” e “Rua Caminho Real da Falca”. A Lista 2, por sua vez, possui um número significativamente maior de topónimos “exclusivos”, 31. Apenas três deles foram encontrados na toponímia local: a “Entrada do Lombo do Urzal” que substituiu a “1ª Entrada do Lombo do Urzal” / “2ª Entrada do Lombo do Urzal”. A “Entrada da Travessa” que substituiu a “1.ª Entrada da Travessa” / “2.ª Entrada da Travessa” e a “Travessa da Achadinha”. A Lista 3 contém apenas um topónimo que não consta nas outras listas, a “Ladeira das Laranjeiras”, que se confirma como existente. Apesar de constarem nas Listas 2 e 3, os topónimos “Caminho do Pé da Fonte”, “Caminho do Poço” e “Rua da Falca” não foram identificados na toponímia da freguesia da Boaventura. Para uma análise mais precisa e completa, elaborámos uma nova lista consolidada que reúne todos os topónimos encontrados nas visitas à freguesia. Será realizada uma análise quantitativa e qualitativa, mais adiante, neste capítulo. Estas singularidades evidenciam a riqueza e a complexidade da toponímia. Afinal, os nomes

dos lugares não são meros rótulos, mas reflexos da memória coletiva, carregados de significado e identidade cultural. Importa-nos fazer uma análise toponímica, direcionando o nosso olhar para os elementos mais específicos da freguesia, os microtopónimos.

Topónimo	Lista 1	Lista 2	Lista 3	Topónimo existente na freguesia
1. ^a Entrada da Travessa		X		sim (Entrada da Travessa)
1. ^a Entrada do Lombo do Urzal (Lombo do Urzal)		X		sim (Entrada do Lombo do Urzal)
2. ^a Entrada da Travessa		X		não
2. ^a Entrada do Lombo do Urzal (Lombo do Urzal)		X		não
Caminho da Água		X		não
Caminho da Escola da Falca		X		não
Caminho da Fonte Velha		X		não
Caminho da Partilha		X		não
Caminho da Trincha		X		não
Caminho da Vereda da Fajã		X		não
Caminho das Esmoitadas do Perdigal		X		não
Caminho do Fontanário		X		não
Caminho do Pé da Barranca		X		não
Caminho do Pé da Fonte		X	X	não
Caminho do Poço		X	X	não
Caminho do Redondo		X		não
Caminho Fonte da Falca	X			sim
Caminho Fonte Soneca		X		não
Caminho José Vicente Neves	X			sim
Caminho Meio da Falca	X			sim
Entrada dos Casais da Achada do Castanheiro		X		não
Estrada da Rossada		X		não
Ladeira das Laranjeiras			X	sim
Rua Caminho Real da Falca	X			sim
Rua da Achada Grande		X		não
Rua da Beira da Achada		X		não
Rua da Falca		X	X	não
Rua Direita		X		não
Rua do Cemitério		X		não
Rua do Fundo do Tanque		X		não
Rua do Lombo da Falca		X		não
Rua do Lombo do Urzal		X		não
Rua do Ribeirinho		X		não
Travessa da Achadinha		X		sim
Travessa da Fonte		X		não
Travessa do Carmo		X		não
Travessa do Poço		X		não

Vereda da Levada		X		não
Vereda da Serra de Água		X		não

Tabela 4 - Verificação de existência dos microtopónimos na freguesia

Fonte: elaborado pela autora

2.2. Microtoponímia: uma janela para o passado

Ao contrário dos macrotopónimos que definem grandes áreas, a microtoponímia concentra-se em locais menores, como becos, ruas, travessas e veredas. Através da análise desses elementos, podemos desvendar detalhes sobre a história, a cultura e a organização espacial de uma comunidade. A microtoponímia, ao concentrar-se nos nomes de locais específicos, como becos e ruas, dota-nos de ferramentas para compreendermos a história de um local. Neste estudo, exploraremos a riqueza e a complexidade da microtoponímia, revelando o seu papel fundamental na preservação do património cultural e do património linguístico.

Com um valor inestimável, a toponímia conecta com o passado de maneira tal que reconta, por vezes, a identidade dos espaços e revela a diversidade linguística da comunidade em função das suas vivências. Numa passagem do livro *Perfil Toponímico de Ponta Delgada (contributos para a sua identificação)* (Mendes, 2008, 7), está escrito que Néilson Veríssimo entende a toponímia como “fonte de referência para a compreensão da História de uma localidade. Porque espelha a memória coletiva, é também património cultural a estudar e preservar.” Na realidade, os nomes dos locais comportam uma história, porque advêm de vários fatores que fazem, por vezes, compreender e até conhecer um pouco mais do passado. Envolvem acontecimentos históricos, personalidades (que por lá passaram e tiveram um importante contributo para a sociedade), eventos geológicos, qualidades ou características dos solos, plantas, árvores, etc. presentes no local, incluindo outros que desapareceram e se mantiveram na memória coletiva, através dos nomes, pela tradição oral. A língua joga aqui um papel fundamental. Esta afirmação é corroborada pela definição de toponímia fornecida pelo Projeto SIGA, que ressalta a sua importância como elemento fundamental na preservação da “identidade cultural” que, no entender do autor (Gomes, 2012, 9) não deve ser descaracterizado:

A toponímia de um lugar reflecte os sentimentos e a personalidade das pessoas que aí habitam e, ao perpetuarem valores, factos, figuras de relevo, épocas, usos e costumes, assumem-se como um dos aspectos mais relevantes da preservação da nossa identidade cultural, que importa não descaracterizar.

Mais do que simples nomes de ruas, caminhos, veredas, etc., os topónimos carregam a história local, na qual estão incluídas as suas gentes, os costumes, as tradições, assim como a geografia e a paisagem do território. Para a freguesia, mas também para o concelho, o projeto SIGA revelou-se fundamental. A partir dele, temos acesso a uma listagem dos topónimos. Apesar de não ser a maior lista de topónimos para o espaço em estudo, comporta os topónimos de todo o concelho. Nem esta, nem as restantes listas a que tivemos acesso são completas porque não incluem a toponímia ligada às serras (zonas não habitadas) que é da tradição oral. As entidades que conceberam as listas preocuparam-se apenas com o espaço povoado. Como já referido, a lista SIGA foi concebida por questões práticas de atribuição e sinalização da designação toponímica e do número de polícia e, por isso, concentrou-se na vertente habitada do espaço, já que a parte referente às serras é nomeada pela população através de vários topónimos que não figuram em nenhum dos levantamentos escritos, nem, por conseguinte, na listagem camarária. No entanto, apesar de não constarem nas três listagens, os topónimos veiculados pela tradição oral recolhidos, incluímo-los na Lista 4, em apêndice, por serem peculiares e merecerem registo.

Importa, neste ponto, referir o projeto *Toponímia de Galicia*, uma iniciativa da Xunta de Galicia. Trata-se de uma “plataforma de recolha online, georreferenciação e divulgação da microtoponímia galega” de estudo, preservação e divulgação dos nomes de lugares na Galiza, região no noroeste da Espanha. Qualquer agente cultural tem o “poder” de adicionar os topónimos do local onde vive, segundo metodologia pré-definida. O objetivo deste projeto é centralizar e organizar os dados sobre os nomes de lugares galegos, promovendo o uso e a proteção da toponímia tradicional, além de garantir que esses nomes sejam usados de maneira correta e padronizada. O projeto também visa preservar o património cultural da Galicia e fomentar o conhecimento sobre os seus topónimos.

Relativamente aos antropónimos, que, em conjunto com os topónimos, constituem a onomástica, identificámos na toponímia da Boaventura uma diversidade significativa de nomes que evidenciam a história e as personalidades vinculadas à freguesia. Encontrámos referências a figuras como Manuel Vicente Xavier, que cedeu terrenos para a construção de uma estrada, e Pedro Gomes Galdo, o primeiro sesmeiro. Outros nomes, como Caminho dos Pitas e Caminhos dos Quicos, evocam famílias que habitaram a freguesia. A tradição oral, preservada na entrevista conjunta realizada na Casa do Povo

(cf. entrevista 4, em apêndice), revela que o nome “Caminho Ponte da Paulinha” está ligado à história de duas irmãs ricas, conhecidas como Paulinhas. A ponte, que dava acesso à casa das jovens, nomeou o caminho. A Rua da Casa do Povo passou a ser identificada como “Prof. Helena Nunes”, uma homenagem a uma figura importante para o desenvolvimento local. A atribuição do nome de Pedro Gomes Galdo à Estrada Regional 101, embora não tenha sido unânime, demonstra a importância de reconhecer as raízes históricas da freguesia. Durante a coleta de dados, através dos questionários, encontramos divergências sobre a homenagem, com algumas pessoas a questionar se Pedro Gomes Galdo teria sido, de facto, o primeiro sesmeiro e até duvidando da existência do mesmo. Essa situação demonstra que a mudança de nome de um local nem sempre é bem aceite, especialmente quando existe um apego ao nome tradicional. A estrada em questão é a mais extensa, visto que atravessa vários sítios: “Travessa”; “Silveira”; “Serrão”; “Pomar”; “Igreja”; “Fajã Grande”; “Fajã do Penedo” e “Achadinha”. Os boaventurenses²⁴ viram, assim, este “nome estranho” a fazer parte do quotidiano. Há um facto curioso, ainda sobre os antropónimos presentes nos topónimos, que merece ser abordado, embora não esteja relacionado diretamente com a freguesia em estudo. O Artigo 10, disponível no projeto SIGA (2012, 14), refere: “3. Não serão atribuídas designações antropónimicas com o nome de pessoas vivas, salvo em casos extraordinários em que se reconheça que, por motivos excepcionais, esse tipo de homenagem e reconhecimento deve ser prestado durante a vida da pessoa e seja aceite pela própria”. Não encontramos, na freguesia em estudo, nenhum caso que contrarie este artigo. Apenas na freguesia de São Vicente, mais concretamente nas Ginjas, há um caminho que homenageia o antigo Presidente da Câmara Municipal de São Vicente, Duarte Mendes, que em vida tem esse reconhecimento: “Caminho Professor João Duarte Mendes”.

Dito isto, após a análise comparativa das listas, iremos proceder à análise quantitativa e qualitativa da microtoponímia, com foco na nova lista, a “Lista 4” (cf. Lista 4, em apêndice), que reúne os levantamentos dos topónimos da freguesia, inclusive os que “desapareceram”, os das levadas e os das serras, da Boaventura. Devido ao facto de serem apenas sugestões e nunca terem sido parte da toponímia local, certos topónimos da Lista 2 foram excluídos desta nova lista. A Lista 4 resulta da compilação das três listas existentes, da consulta de bibliografia e das entrevistas, resultando, acreditamos, num conjunto de dados mais preciso e completo sobre a toponímia local.

²⁴ Consoante a informação recolhida, achamos pertinente optar pelo gentílico “boaventurenses”.

2.3. Microtoponímia: análise quantitativa e qualitativa

A Lista 4, apresentada em apêndice, resulta da intersecção dos dados contidos nas Listas 1, 2 e 3. Os topónimos recolhidos através das Referências Bibliográficas (R.B) ou da Recolha Oral (R.O) referem-se tanto à área não habitada da freguesia como a topónimos já extintos. Embora esta lista inclua topónimos associados a serras, levadas, áreas não habitadas e topónimos extintos, o nosso foco centrar-se-á exclusivamente na análise dos topónimos relacionados com a área habitada, sendo que o primeiro topónimo, de cada linha, é como está representado na toponímia local. Deste modo, para a área habitada, a lista contém: “Caminho” (84); seguidos por “Estrada” (22) das quais oito são Municipais; “Travessa” (12); “Entrada” (10). Completam a lista, mas em menor número: “Vereda” (10); “Rua” (8); “Ladeira” (5); “Escada” (2); “Escaleira” (1) e “Impasse” (1). Procedemos, também, à contabilização da frequência dos nomes: “Achada”; “Achadinha”; “Cabeço”; “Cabo”; “Fajã”; “Fajãzinha”; “Ladeira”; “Lanço”; “Lombo” e “Quebradas”, compilada no gráfico abaixo.

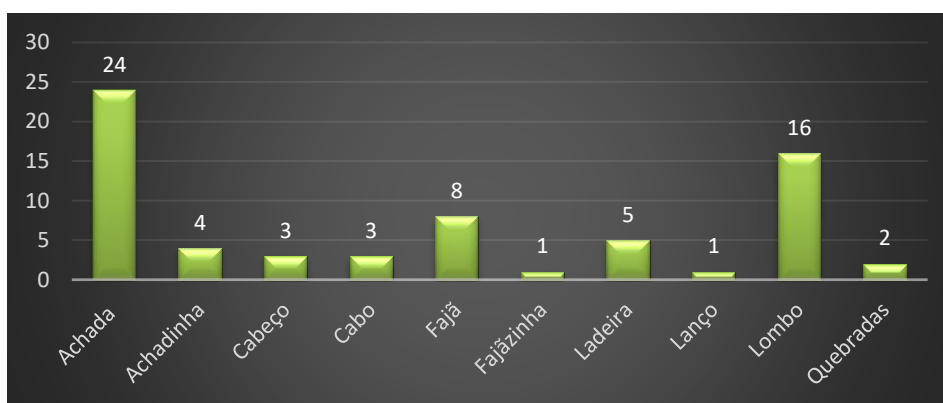


Gráfico 7 - Contabilização de nomes

Fonte: elaborado pela autora

A análise do gráfico demonstra a predominância de nomes relacionados a formações geográficas na freguesia da Boaventura. “Achada”, com 24 ocorrências, destaca-se como o mais utilizado, dos analisados, seguido de “Lombo” com 16. Em contrapartida, nomes como “Fajãzinha” e “Lanço” aparecem apenas uma vez, indicando uma menor frequência de ocorrência. O topónimo “Fajã”, comum em toda a Macaronésia²⁵, apresenta oito ocorrências. Embora seja um número menor, em relação à “Achada” e ao “Lombo”, a sua presença é notória, por se tratar apenas de uma freguesia.

²⁵ In “O Topónimo “Fajã”: um Património Linguístico da Macaronésia?”, dissertação de Mestrado de Gabriel Jardim Gouveia (2021)

Esta análise dos dados comprova que as características geológicas da região exercem uma influência expressiva na atribuição de nomes aos locais. Com o objetivo de categorizar os topónimos simples ou compostos, de forma sistemática, recorreremos à taxonomia desenvolvida por Maria Vicentina Amaral Dick, responsável por estudos sistemáticos da toponímia no Brasil. Esta classificação organiza os topónimos em duas grandes categorias: topónimos de natureza física e topónimos de natureza antropológico-cultural. A aplicação desta metodologia resultou no seguinte gráfico.

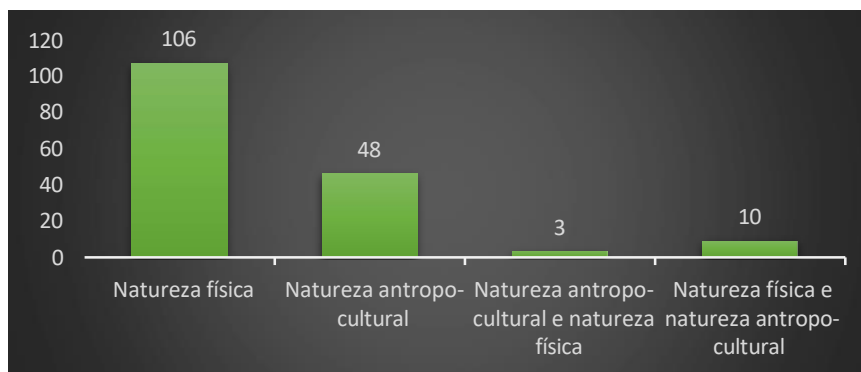


Gráfico 8 - Taxonomia dos topónimos da freguesia da Boaventura (natureza física e natureza antropológico-cultural)

Fonte: elaborado pela autora

Podemos observar uma grande predominância de topónimos de natureza física, ou seja, topónimos que se referem a elementos naturais, como: Astrotopónimos (corpos celestes); Cardinotopónimos (posições geográficas); Cromotopónimos (cor); Dimensiotopónimos (dimensão); Fitotopónimos (flora); Geomorfotopónimos (formas topográficas); Hidrotopónimos (água); Litotopónimos (minérias e solo) e Zootopónimos (fauna). A categoria antropológico-cultural engloba os topónimos que se relacionam a aspetos humanos e culturais: Animotopónimo (cultura espiritual); Antropotopónimo (nomes próprios); Ecotopónimo (habitações); Ergotopónimo (cultura material); Hierotopónimo (nomes sagrados); Historiotopónimo (história); Hodotopónimo (vias de comunicação) e Sociotopónimo (profissões e/ou pontos de encontro). Apesar de haver mais categorias de taxes, enumeramos apenas as que utilizamos para a classificação. As categorias completas como as suas definições encontram-se na tabela em anexo (cf. anexo 11).

A distinção entre as categorias de topónimos “física-antropológico-cultural” e “antropológico-cultural-física”, conforme observado no gráfico, reside na ordem dos elementos que

compõem o topónimo. Em topónimos compostos, a análise da estrutura revela que o primeiro elemento classificado se enquadra na categoria física, enquanto o segundo se encaixa na categoria antro-po-cultural. É importante referir que para podermos proceder a essa classificação nem todos os topónimos foram analisados com base na sua origem etimológica, mas pela sua história.

Com o objetivo de organizar a informação de forma mais clara, classificamos os topónimos referentes aos sítios, ou como já referimos, topónimos intermédios. Na Lista 4, constam 27 “sítios”, incluindo os subtopónimos, como “Falca de Baixo”, “Falca de Cima”, “Levada de Baixo” e “Levada de Cima”, aos quais atribuímos as respetivas classificações.

Observámos que os vinte e cinco sítios correspondem a taxas diversas, conforme detalhado na tabela abaixo. Apenas um sítio se enquadra como hodotopónimo, ou seja, o seu nome está relacionado a vias de comunicação. Neste caso, o sítio da “Travessa”, que, de acordo com a definição apresentada no Projeto SIGA, se refere a “rua estreita que estabelece a ligação entre duas ou mais vias urbanas”, daí a atribuição dessa classificação, onde estão classificados os sítios de acordo com o modelo taxonómico de Dick.

Achada da Madeira	Geomorfotopónimo e Fitotopónimo
Achada do Castanheiro	Geomorfotopónimo e Fitotopónimo
Achada do Pereiro	Geomorfotopónimo e Fitotopónimo
Achada Grande	Geomorfotopónimo e Dimensiotopónimo
Achadinha	Geomorfotopónimo
Cabeço	Geomorfotopónimo
Cabo da Ribeira	Geomorfotopónimo e Hidrotopónimo
Esmoitada da Ribeira	Sociotopónimo e Hidrotopónimo
Fajã do Penedo	Geomorfotopónimo e Geomorfotopónimo
Fajã Grande	Geomorfotopónimo e Dimensiotopónimo
Falca de Baixo	Cardinotopónimo
Falca de Cima	Cardinotopónimo
Igreja	Egotopónimo
Lamaceiros	Hidrotopónimo

Levada de Baixo	Hidrotopónimo e Cardinotopónimo
Levada de Cima	Hidrotopónimo e Cardinotopónimo
Lombadinha	Geomorfotopónimo
Lombo do Urzal	Geomorfotopónimo e Fitotopónimo
Pomar	Fitotopónimo
Quebradas	Geomorfotopónimo
Rossada	Ergotopónimo
São Cristóvão	Hagiotopónimo
Serra de Água	Hidrotopónimo
Silveira	Fitotopónimo
Travessa	Hodotopónimo

Tabela 5 - Classificação taxonómica dos sítios da freguesia da Boaventura

Fonte: elaborado pela autora

Verificámos que há uma clara predominância de geomorfotopónimos, os quais estão relacionados com as características físicas ou geomorfológicas do terreno, como por exemplo: “Achada”; “Cabeço”; “Cabo”; “Fajã”; “Lombadinha”; “Lombo” e “Serra”. Em destaque estão também, os fitotopónimos que derivam de elementos associados à vegetação ou à flora, como “Pomar” ou “Silveira”. Optámos por classificar “Lamaceiros” como hidrotopónimo visto se tratar de um local com lama, ou seja, indica a presença de água em excesso. Os sítios do “Pastel” e do “Serrão” não foram incluídos na tabela, pois não foi possível classificá-los devido à falta de informações sobre a origem etimológica ou histórica dos seus nomes. Apesar de não conseguirmos classificar “Falca”, esta encontra-se como topónimo composto “de Cima” ou “de Baixo” e devido a essa especificação atribuímos a taxa de cardinotopónimo.

Após analisarmos os topónimos dos sítios, focamo-nos na análise dos topónimos referentes às vias de comunicação, os hodotopónimos, ou seja, todos os topónimos iniciados por “Caminho”; “Entrada”; “Escadas”; “Escaleira”; “Estrada”; “Ladeira”; “Rua”; “Travessa” e “Vereda”, totalizando 155 para categorização. Realizamos a análise desses hodotopónimos, classificando os demais elementos que compõem o topónimo, resultando no seguinte gráfico, relativo à natureza física e à natureza antro-po-cultural.

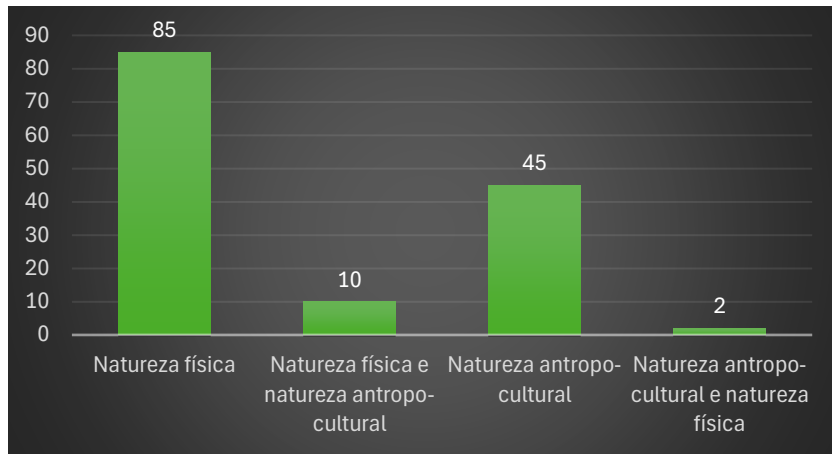


Gráfico 9 - Categorias dos topónimos referentes a vias de comunicação com base na natureza física e antropol-cultural

Fonte: elaborado pela autora

Observámos que a maioria dos topónimos, 85, se referem à natureza física, enquanto 45 são de natureza antropol-cultural. Em menor número, encontram-se os topónimos que combinam a natureza física e antropol-cultural (9) e aqueles que combinam natureza antropol-cultural e física (2). Primeiramente, vamos analisar as categorias referentes à natureza física.

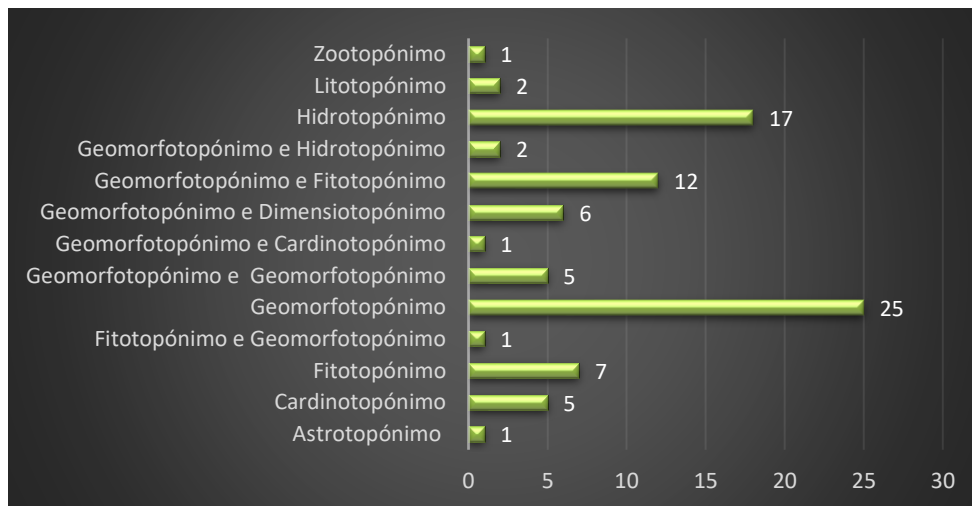


Gráfico 10 - Categorização dos topónimos das vias com base na natureza física

Fonte: elaborado pela autora

A análise do gráfico revela que o geomorfotopónimo se destaca como a categoria predominante, com 30 ocorrências. É importante salientar que o topónimo “Caminho da Achadinha”, apesar de o nome poder sugerir uma relação com tamanho, “Achadinha” não se encontra na categoria de dimensiotopónimo, visto ser uma variante de “Achada” que

se refere a um terreno plano numa área montanhosa, sendo, por isso, classificado como geomorfotopónimo.

Em classificação conjunta com os geomorfotopónimos, os fitotopónimos também se mostram relevantes, com doze classificações. Os hidrotopónimos merecem destaque, embora em menor número, 12. Temos um zootopónimo, “Caminho dos Currais”, nome que evoca a atividade de criação de gado no local; um geomorfotopónimo e cardinotopónimo: “Ladeira Achadinha de Baixo”; um fitotopónimo e geomorfotopónimo: “Caminho das Laranjeiras – Portal da Serra”, um astrotopónimo, “Estrada da Banda do Sol”. Com dois topónimos, temos a classificação de litotopónimos: “Caminho das Lajinhas” e “Caminho da Pedra dos Bonitos”, nomes que remetem para as características do solo, com a presença de lajes e pedras. Temos também geomorfotopónimos com hidrotopónimos: “Caminho Antigo do Cabo da Ribeira” e “Estrada do Cabo da Ribeira”. Com cinco ocorrências, podemos visualizar a categoria geomorfotopónimo e geomorfotopónimo, que por se tratar de topónimos compostos por vários elementos apresentam desafios de classificação, como “Caminho do Lombo da Fajã do Penedo”. Embora cada um de seus elementos (“Lombo”, “Fajã”, “Penedo”) possa ser considerado um geomorfotopónimo, optamos por o inserir na categoria conjunta geomorfotopónimo e geomorfotopónimo. Poderíamos ter simplificado a análise e ser classificado como um todo, por apenas geomorfotopónimo, mas tratando-se de um nome revelador das diversas características do local, não quisemos “ofuscar” a riqueza de informações contidas em cada um dos elementos.

Após a análise dos dados referentes aos microtopónimos das vias de natureza física, procedemos à análise dos topónimos cujo significado se insere em ambas as categorias, física e antro-po-cultural.



Gráfico 11 - Categorização dos topónimos das vias com base na natureza física e antro-po-cultural

Fonte: elaborado pela autora

Comprovámos que nove topónimos se enquadram nesta classificação, distribuídos por sete taxes. Uma dessas taxes destaca-se por conter três topónimos, enquanto as demais incluem um. Os topónimos classificados como geomorfotopónimos e sociotopónimos são: “Caminho do Lombo dos Ferreiros”, “Caminho Pico da Vigia” e “Entrada do Lombo dos Ferreiros”. A classificação de “Caminho do Lombo dos Ferreiros” e “Entrada do Lombo dos Ferreiros” como geomorfotopónimos e sociotopónimos é evidente, visto que “Lombo” se refere a um elemento geomorfológico e “Ferreiros” está ligado à profissão antiga bem conhecida. Porém, “Caminho Pico da Vigia” não é assim tão claro. A sua classificação primária como geomorfotopónimo é clara, dada a referência ao “Pico”, uma formação geológica. No entanto, o topónimo pode ser considerado como sociotopónimo. A tradição oral local revela que o pico era utilizado como ponto de vigia pelos senhorios, que de lá “vigiam” as suas terras. Assim, classificámos esse topónimo no sentido de ser ponto de encontro para determinada atividade, neste caso, a “vigia”. O “Caminho da Fonte” e “Caminho da Fonte da Falca” enquadram-se na categoria de hidrotopónimo, relacionado com elementos hídricos. No entanto, considerando que antigamente o ato de ir à fonte era um momento de convívio social, também podem ser inseridos na categoria de sociotopónimo. Dessa forma, propõe-se a dupla classificação: hidrotopónimo e sociotopónimo. Com apenas um topónimo, temos a taxa hidrotopónimo e animotopónimo que corresponde ao “Caminho Fonte Boneca”. A sua classificação primária como hidrotopónimo é inquestionável, dada a presença de fonte. No entanto, a história detrás do nome revela outro significado. O termo “Boneca” remete, como vimos, para uma história ligada à cultura espiritual e religiosa, o que justifica a sua classificação como animotopónimo.

Na sequência da análise das categorias respeitantes à natureza física, procedemos à análise das categorias de natureza antro-po-cultural, as quais, embora em menor número, se encontram compiladas no gráfico abaixo. Numa primeira observação, há três categorias que se destacam, hidrotopónimos, ergotopónimos e sociotopónimos, referentes a vias de comunicação, a elementos da cultura material, e a profissões ou pontos de encontro da comunidade, respetivamente. Alguns topónimos, como “Caminho Antigo da Travessa”, “Caminho da Passada” ou “Entrada da Portada” são classificados duplamente como hidrotopónimos, pois ambos os nomes remetem para vias de comunicação. Alguns topónimos, categorizados por ergotopónimos, requerem uma explicação mais detalhada, como é o caso de “Caminho Porta Cantana”. Optamos por atribuir uma única classificação, mesmo que o topónimo seja composto por dois elementos. A falta de

informações sobre a origem ou significado de “Cantana” impede-nos de determinar a sua natureza toponímica. Dessa forma, restringimos a classificação ao elemento “Porta”, enquadrando-o assim como ergotopónimo, por se referir a uma construção humana.

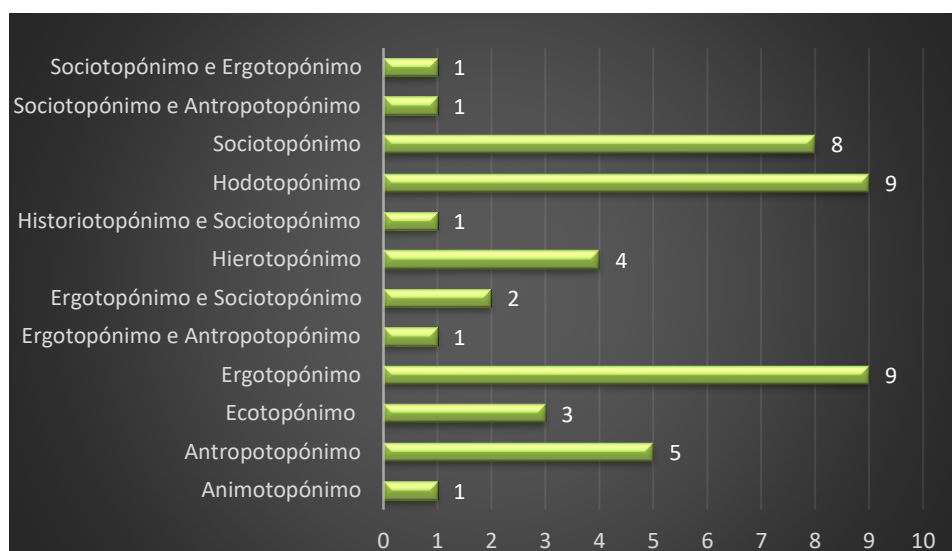


Gráfico 12 - Categorização dos topónimos das vias com base na natureza antro-po-cultural

Fonte: elaborado pela autora

A classificação de “Rossada” como ergotopónimo também se justifica pela sua relação com a ação humana. Se o terreno desmatado, referido por “Rossada”, estiver associado a uma obra humana, como a criação de uma área agrícola, a intervenção humana no local torna-se o elemento determinante para a classificação como ergotopónimo. Relativamente ao topónimo “Caminho da Siqueada”, a informação recolhida oralmente indica que se trata de um local onde “faz eco”. Com base nesse dado, a origem ou significado de “Siqueada” revela-se de difícil classificação. Uma hipótese plausível é a relação com o termo galego “Siquear”, que significa “secar”. Essa conexão evoca a prática de secagem de produtos agrícolas ao sol, como o trigo, o que faz sentido dada a proximidade do “Caminho da Siqueada” com o “Caminho da Eira”, ambos localizados no sítio da Silveira. Dessa maneira, a classificação do topónimo como ergotopónimo justifica-se pela relação com a atividade humana de secagem de produtos agrícolas.

Com nove topónimos, a categoria sociotopónimo também merece algumas explicações. O topónimo “Caminho da Escola” ilustra a diversidade na categorização.

A sua relação com a construção em si e o contexto social aproximam sociotopónimo e ecotopónimos. No entanto, ao associarmos com a profissão de professor e o papel da escola como ponto de encontro e socialização, optamos por o classificar como sociotopónimo. Essa escolha, porém, não exclui a sua outra dimensão, a de estar relacionado com a cultura material, o que demonstra que um topónimo se pode inserir em mais do que uma categoria e, por isso, em mais do que uma taxa. Os topónimos “Entrada do Serrão” e “Travessa do Serrão” enquadram-se na categoria de sociotopónimo, estando relacionados com a profissão de serração. Esta atividade, de acordo com o livro, *A Vila de São Vicente Evocação dos Duzentos e Cinquenta anos* (1994, 104), era de grande importância para o concelho: “As espécies existentes – aderno, pau-branco, teixo, vinhático, til e cedro (...) – eram de grande utilidade, provocando o desenvolvimento de uma importante indústria de serração”. O topónimo “Caminho da Entrosa” não foi classificado segundo a etimologia, pois apesar de o nome poder estar associado ao formato de uma roda dentada (cf. tabela 2), optámos por o classificar segundo a sua origem histórica. Por se tratar de um troço do Caminho Real 23, considerámo-lo um sociotopónimo, uma vez que era um ponto de encontro entre as pessoas que utilizavam esse caminho. A mesma lógica foi aplicada ao “Caminho Real da Falca”, que também foi classificado como sociotopónimo, devido ao seu significado histórico e ao facto de ter sido um local de encontro para todos aqueles viandantes que por lá se cruzavam. Quanto a “Eirinha”, sendo um derivado de “Eira”, um espaço plano destinado à secagem de grãos, assim como as “Escadas da Eirinha” e a “Rua da Eirinha”, foram, os três, classificados como sociotopónimo. Podemos dar o exemplo do “Caminho do Moinho”, em relação à dupla categorização ergotopónimo e sociotopónimo. É um ergotopónimo por se referir a um elemento da cultura material, o moinho. Simultaneamente, é um sociotopónimo por estar relacionado com a moagem de grãos, uma atividade ligada à profissão de agricultor, e ser também ponto de encontro.

Com a categorização dos topónimos por natureza antropocultural, identificamos a prevalência de hodotopónimos, ergotopónimos e sociotopónimos. Resta-nos refletir sobre os topónimos relativos às vias da freguesia que se enquadram nas categorias de natureza antro-po-cultural e natureza física, sendo apenas dois e de fácil categorização, dada a etimologia dos seus nomes. Como sociotopónimo e fitotopónimo, temos o “Caminho da Eira da Silveira”, “eira” já vimos anteriormente e “silveira” está relacionado com as silvas que, ainda hoje, se destacam no verde da paisagem. Em relação à categoria de sociotopónimo e hidrotopónimo, temos o “Caminho da Esmoitada da Ribeira”. Cremos

que “esmoitada” é uma área de terreno cultivada após o corte do mato enquanto “ribeira” está, claramente, relacionada com recursos hídricos.

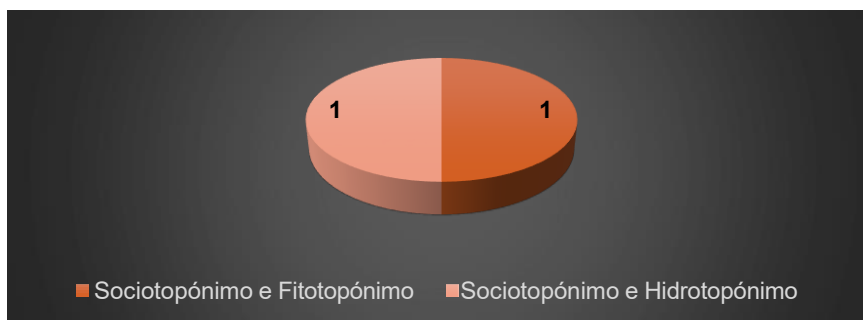


Gráfico 13 - Categorização dos topónimos das vias com base na natureza antroponomica e natureza-fisica

Fonte: elaborado pela autora

Finalizada esta parte da classificação, apresentamos uma reflexão sobre alguns topónimos mais difíceis de interpretar. Durante a análise toponímica, deparamo-nos com um grupo de topónimos cuja classificação se mostrou desafiadora, devido à falta de informações sobre a sua origem etimológica ou histórica. Assim sendo, criámos a categoria “dúvidas” que conta com 13 topónimos: “Caminho da Terra Tinho”; “Caminho do Arrebentão”; “Caminho do Aviso”; “Caminho do Ulheiro”; “Caminho do Pastel”; “Ladeira do Pastel”; “Caminho do Saltinho”; “Caminho do Serrado”; “Escadas do Serrado”; “Estrada da Falca”; “Estrada Municipal Pastel”; “Impasse Partilha” e “Rua da Barreira”. A ausência de dados sobre o significado de alguns topónimos, como “Tinho”; “Arrebentão”; “Ulheiro”; “Saltinho” e “Pastel”, impede a mais adequada identificação da categoria toponímica. No caso específico de “Falca”, a falta de informações sobre a sua origem etimológica é um entrave à sua classificação. Apesar das definições de dicionários (cf. tabela 2), sugerirem uma possível relação com o corte na madeira, o ato de falquejar, consideramos esta suposição demasiado vaga. Desta forma, optámos por nos concentrar na menção à sua localização, “de cima” e “de baixo”, o que nos permitiu inserir o topónimo numa taxa.

Dito isto, e finalizada a classificação, a análise realizada revela que a escolha dos topónimos na freguesia da Boaventura reflete uma conexão com as suas características físicas, bem como com os aspetos históricos, culturais e sociais. No entanto, destacamos que a motivação para a atribuição dos topónimos é predominantemente influenciada pelas características físicas do local. A geografia, a água e a fauna desempenham um papel

crucial na denominação dos topónimos, evidenciando a importância destes elementos. A presença de geomorfotopónimos, hidrotopónimos e fitotopónimos demonstra a atenção dada às características físicas do terreno que moldaram a paisagem e influenciaram a denominação dos locais. A análise à toponímia permite-nos mergulhar na história e na cultura de uma comunidade, através dos nomes dos seus lugares. Ao compreender o significado dos topónimos e a sua motivação, foi possível enriquecer o conhecimento sobre a freguesia.

Conclusão

Boaventura, do passado ao presente, revela uma história que levanta incertezas. Além dos limites territoriais, questões como a escolha da grafia correta e a existência (ou não) de um gentílico específico contribuem para as dúvidas que envolvem esta freguesia, pertencente ao concelho de São Vicente, na ilha da Madeira. Há alguma divergência que podemos verificar nas fontes consultadas, incluindo órgãos de poder local, como a Junta de Freguesia e a Casa do Povo, autoridades regionais e até internacionais. No Brasil, por exemplo, encontram-se ambas as formas de grafia, Boa Ventura / Boaventura, o que reforça a complexidade da questão. A presença do topónimo em diversos estados e municípios brasileiros sugere origens já conhecidas, como a referência religiosa a São Boaventura. No entanto, o nome também pode estar associado a significados como “boa sorte” ou “prosperidade”, derivados da junção das palavras em latim *bona* (boa) e *ventura* (sorte). Outra hipótese é que o topónimo tenha sido inspirado no nome de uma figura histórica que marcou a região, perpetuando a sua memória através da toponímia.

Após analisarmos a forma de escrita utilizada por diferentes entidades: locais, regionais, nacionais e internacionais, voltámos à freguesia para compreender a preferência da população quanto à grafia através de um questionário. Os resultados revelaram uma predominância da grafia aglutinada, “Boaventura”, especialmente entre indivíduos com maior nível de escolarização. Observámos que, a partir da “4.ª classe” (equivalente ao 4.º ano do Ensino Básico), há uma tendência clara para a aglutinação, possivelmente influenciada pelo ensino sistematizado e pelas recomendações dos docentes, prática comum ainda na década de 1990 no concelho de São Vicente.

A língua portuguesa passou por diversas mudanças fonéticas e ortográficas ao longo do tempo, o que pode explicar a evolução da grafia da “Boa Ventura” para “Boaventura”. No entanto, a falta de documentação histórica consistente dificulta a determinação da forma original. Registos oficiais e mapas antigos apresentam ambas as grafias, o que reforça a falta de consenso. Diante desta dualidade, optámos pela forma aglutinada, “Boaventura”, por ser a mais predominante no questionário, na paisagem linguística local e por não termos dados concretos, factuais, sobre a origem do nome e a grafia etimológica. Esta escolha alinha-se com o ensino tradicional na região e com a prática atual, embora reconheçamos que ambas as formas: “Boaventura” e “Boa Ventura” são válidas e utilizadas pela comunidade. Acreditamos que é importante que as entidades

locais adotem uma grafia única, de forma a preservar a identidade da freguesia, independentemente da escolha individual. No que diz respeito ao gentílico, 50% dos inquiridos afirmaram não saber qual seria a forma correta, enquanto 28% optaram por “boaventurenses” (forma aglutinada) e 6% por “boa venturenses” (forma justaposta). Apesar de “boaventurenses” ser a escolha mais comum, a dualidade persiste, refletindo uma questão ortográfica que remonta a um passado distante e que, até hoje, não parece ter uma solução definitiva.

As festividades, lendas e tradições locais, assim como o vocabulário próprio utilizado na Fajã do Penedo, local que abriga o primeiro templo do mundo dedicado ao Imaculado Coração de Maria, reforçam a riqueza do património imaterial da freguesia, do concelho e da região. Os solares, que são testemunhos do tempo e figuras imponentes na paisagem, adquirem um duplo sentido, integrando-se também no plano imaterial. A freguesia possui um património rico e multifacetado, que abrange componentes naturais, culturais e linguísticos, este último é evidente na paisagem linguística e na toponímia local. No capítulo 3, focámo-nos na toponímia da freguesia, utilizando três listas, duas das quais foram extraídas do Projeto SIGA, a Lista 1 e a Lista 3. A análise comparativa dessas listas revelou uma característica interessante: não há uma correspondência exata entre elas. Essa discrepância levantou a questão: todos os topónimos listados estão, de facto, presentes na toponímia local? Para garantir uma análise mais precisa e completa, elaborámos uma Lista 4 (em apêndice), consolidada a partir do cruzamento das listas iniciais. Esta lista abrange toda a toponímia da freguesia, incluindo áreas habitadas e não habitadas, bem como sítios já extintos.

Os nomes dos locais carregam consigo uma história, uma vez que derivam de diversos fatores que nos permitem compreender e, por vezes, reconstruir parte do passado. Assim, procedemos à análise da parte habitada da freguesia, com base na taxonomia de Maria Amaral Dick. Após o tratamento dos dados, verificámos uma grande predominância de topónimos relacionados com a geografia, que, com as suas características únicas, exerceu uma influência significativa na criação dos topónimos, como “Achada” e “Fajã”, que revelam a profunda conexão entre as comunidades e o ambiente natural. A toponímia local também reflete a influência de personalidades que se destacaram na freguesia, como evidenciado nos nomes da Rua da Casa do Povo, homenagem a Helena Nunes, e da estrada mais longa, que perpetua a memória de Pedro Gomes Galdo, o primeiro sesmeiro. Também são comuns topónimos que refletem características específicas do solo, da flora (plantas e árvores) e de outros elementos

naturais, muitos dos quais estão diretamente relacionados com atividades tradicionais, como a agricultura. Nesse contexto, a água, elemento essencial para a prática agrícola, também se destaca como um fator determinante na denominação de diversos locais. Essa diversidade de influências demonstra como a toponímia é um reflexo da interação entre o homem, a história e a natureza. Podemos ainda afirmar que a toponímia da Boaventura reflete a íntima ligação entre o património natural e cultural, por meio do linguístico, pois carrega histórias e memórias que fazem parte da identidade local. Um claro exemplo é a Entrosa, marco identificativo da freguesia e do concelho. Pode ser categorizada como um património linguístico, natural e imaterial. O nome carrega um significado histórico e cultural. Geograficamente, a Entrosa representa um património natural de grande valor, resultado de processos geológicos únicos que a fazem “viajar” além-fronteiras como “postal” turístico da Região Autónoma da Madeira. Além disso, as histórias e memórias associadas ao local, especialmente às pessoas que percorreram o antigo caminho, Caminho Real 23, transformam-na num património imaterial de inestimável valor.

Ao analisar a evolução dos topónimos, verificámos a dinâmica constante das línguas, que, por vezes, leva ao desaparecimento de certos topónimos. A Lista 4, em apêndice, ilustra claramente esse fenómeno, apresentando topónimos que, embora constem em fontes bibliográficas, não existem na toponímia local. Nessa mesma listagem, identificámos topónimos associados às serras, preservados pela tradição oral e mantidos vivos na memória coletiva. A documentação com registo desses nomes visa contribuir não apenas para a preservação da identidade local, mas também para a salvaguarda de um conhecimento ancestral sobre a paisagem e os seus recursos, preservados na toponímia. Dessa forma, assegura-se que esse legado cultural e histórico permaneça acessível às gerações futuras.

Referências Bibliográficas

- Brilha, J. (2005). *Património Geológico e Geoconservação: A Conservação da Natureza na sua Vertente Geológica*. Palimage Editores.
- Brum da Silveira, A., Prada, S., Ramalho, R., Madeira, J., Fonseca, P., Canha, E., & Brilha, J. (2012). *Inventariação do Património Geológico da Ilha da Madeira* (Relatório Final). Secretaria Regional do Ambiente e Recursos Naturais.
- Carvalhinhos, P. (2003). Onomástica e Lexicologia: O Léxico Toponímico Como Catalisador e Fundo De Memória. Estudo De Caso: Os Sociotopónimos De Aveiro (Portugal). *Revista USP*, (56), 172-179.
- Carvalhinhos, P., & Lima, T. A. (2023). Toponímia, teoria e método. Retratos de tradição e inovação. *Linha D'Água*.
- Costa, J. A., & Melo, A. S. (2013). *Dicionário da Língua Portuguesa* (5ª ed.). Porto Editora.
- Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa. (2001). *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa* (Vol. II). Editorial Verbo.
- Dick, M. V. de P. do A. (1980). *A Motivação Toponímica – Princípios Teóricos e Modelos Taxeonomícos* [Tese de doutorado, Universidade de São Paulo]. Repositório da USP.
- Dick, M. V. de P. do A. (1990). Os vocábulos toponímicos básicos no vocabulário na língua brasílica e sua relação geográfica. *Rev. IJllt. Eat. Bras.*, (31), 95-111.
- Enciclopédia Verbo Luso-Brasileira de Cultura. (2022). *Enciclopédia Verbo Luso-Brasileira de Cultura: Edição Século XXI* (Vol. 22). Editorial Verbo.
- Góis, F. L. de. (2010). *Aspectos económicos-sociais do meio rural madeirense*. Edição de autor.
- Gouveia, H. B. de. (2000, 25 de abril). A Ribeira do porco. *Jornal da Madeira*, p. 25.
- Grande Dicionário Enciclopédico Ediclube. (1996). *Grande Dicionário Enciclopédico Ediclube* (Vols. IV, V, VI, X, XI, XIV, XX, XXII, XXIV, XXVIII, XXX). Ediclube.
- Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira. (1989). *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* (Vol. V e X). Enciclopédia – Limitada.
- Heberle, M., & Machado, N. T. G. (2018). As contribuições de Dick para o estudo da

- toponímia brasileira. *ANTARES: Letras e Humanidades*, V.10(n.º21), 70-85.
- Lucas, P., & Seide, M. (2020). Reflexões sobre a taxonomia toponímica: do ponto de chegada ao ponto de partida. *Domínios de Linguagem*, V.14 (n.º4), 1273–1296.
- Machado, J. P. (1991). *Grande Dicionário da Língua Portuguesa* (Vol. IV). Publicações Alfa, S. A.
- Machado, J. P. (1993). *Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa*. Livros Horizonte.
- Matos, M. A. (2003). *Boaventura: Evangelização, devoção e património cultural (subsídios para a história da sua paróquia)*. Diocese do Funchal.
- Matos, S. A. de. (2003). *Deixas para a História de Boaventura*. S.A.
- Mendes, D. (2008). *Perfil Toponímico de Ponta Delgada: Contributos para a sua identificação*. Edição do Autor.
- Nova Enciclopédia Larrouse. (1983). *Nova Enciclopédia Larrouse* (Vols. 1, 2). Editora Delta SA.
- Nunes, H. M. (1999). *Crónicas de Dentro e de Fora da Ilha: Dez anos de recordações, 1987-1997*. Câmara Municipal de São Vicente.
- Nunes, N. (1996). *Antroponímia primitiva da Madeira (séculos XV e XVI)* [Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa].
- Nunes, N. (2012). A contribuição da linguística para o estudo da rota e da terminologia açucareiras: do Mediterrâneo ao Atlântico. In *Centro de Estudos de História do Atlântico* (pp. 214-258).
- Rebelo, H. (2016). Os nomes das receitas: um património linguístico regional, nacional ou internacional?: uma análise. In J. Pinheiro & C. Soares (Coords.), *Patrimónios alimentares de quem e além-mar* (pp. 283-311). Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Rebelo, H. (2021). A toponímia como Paisagem Linguística e Património Linguístico. Ruivós, no cruzamento de rotas para a Madeira? *Sabucale – Revista do Museu do Sabugal*, (12), 113-131.
- Rebelo, H. (2021). Da paisagem linguística como património ou da prática à teoria: para uma tipologia da paisagem linguística. *Confluência, Revista do Instituto de Língua Portuguesa*, (60), 198-221.
- Rebelo, H., & Nunes, N. (2015). Regionalismos Madeirense. In *Aprender Madeira* –

Dicionário Enciclopédico da Madeira.

Ribeiro, J. (1990). Os primeiros 100 anos da Igreja de Santa Quitéria (Boaventura). *Diário de Notícias.*

Ribeiro, J. (2005). *S. Vicente: Subsídios para a história do concelho.* Câmara Municipal de São Vicente.

Sarmiento, A. A. (1954). *Freguesias da Madeira.* Junta do Distrito Autónomo do Funchal.

Silva, F. A. da. (1934). *Dicionário Corográfico do Arquipélago da Madeira.* Edição do autor.

Silva, F. A. da. (1944). *As Levadas da Madeira.* Edição da Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal.

Silva, F. A. da. (1950). *Vocabulário Madeirense.* Edição da Junta Geral do Funchal.

Silva, F. A. da, & Meneses, C. A. de. (1984). *Elucidário Madeirense: I Volume.* Secretaria Regional de Turismo e Cultura, Direcção Regional dos Assuntos Culturais.

Vasconcelos, J. L. de. (1928). *Antroponímia portuguesa: Tratado comparativo da origem, significação, classificação, e vida do conjunto dos nomes próprios, sobrenomes, e apelidos, usados por nós desde a Idade Média até hoje.* Imprensa Nacional.

Vieira, A. dos P. (2012). Elevação a Paróquia de Boaventura (São Vicente, Madeira): 18 de novembro de 1836. *Islenha*, (50), 119-126.

Vieira, A. (1994). *A Vila de São Vicente Evocação dos Duzentos e Cinquenta anos (1744-1994).* Câmara Municipal de São Vicente.

Vieira, A. (1996). *Roteiro para uma visita e Descoberta do concelho de S. Vicente.* Câmara Municipal de São Vicente.

Vieira, A. (1997). *S. Vicente – Um século de vida municipal (1868-1974).* CEHA.

Vieira, J. M. (2011). *Memórias e Narrativas de Boaventura (Madeira, 1950-1960).* Fernando Mão de Ferro.

Vieira, J. M., & Vieira, A. dos P. (2019). *O Padre Valente da Boaventura.* Editora Madeirense.

Webgrafia

- Aprender a Madeira. (s.d.). Gentílicos e alcunhas coletivas. Consultado em 19 de novembro de 2024, de <https://aprenderamadeira.net/article/genticos-e-alcunhas-coletivas>
- Aprender a Madeira. (s.d.). Guanches. Consultado em 19 de novembro de 2024, de <https://aprenderamadeira.net/article/guanches>
- Aprender a Madeira. (s.d.). Regionalismos madeirenses. Consultado em 12 de junho de 2023, de <https://aprenderamadeira.net/article/regionalismos-madeirenses>
- Associação dos Amigos do Museu Carlos Machado. (2020, março). Engenhos. Consultado em 1 de dezembro de 2024, de <https://amc-cgm.blogspot.com/2020/03/engenhos.html>
- Câmara Municipal da Ribeira Brava. (s.d.). História. Junta de Freguesia da Boaventura. Consultado em 9 de fevereiro de 2024, de <https://jfboaventura.ifreg.pt/historia/>
- Cidade-Brasil. (s.d.). Boa Ventura. Consultado em 1 de junho de 2024, de <https://www.cidade-brasil.com.br/municipio-boa-ventura.html>
- Conselho da Cultura Madeirense. (s.d.). Historial da emigração. Consultado em 4 de janeiro de 2024, de <https://ccmm.madeira.gov.pt/index.php/emigracao/historial-da-emigracao>
- Diário da República Eletrónico. (1991, 23 de abril). Resolução da Assembleia da República n.º 1/91, de 23 de Abril. Consultado em 21 de abril de 2024, de <https://diariodarepublica.pt/dr/legislacao-consolidada/resolucao-assembleia-republica/1991-859540312>
- Dos Algarves. (s.d.). [Artigo sobre toponímia]. Consultado em 10 de junho de 2024, de <https://www.dosalgarves.com/rev/N16/9rev16.pdf>
- Earth.Google. (s.d.). Boaventura. Consultado em 16 de abril de 2024, de https://earth.google.com/web/search/Boaventura/@32.81730405,-16.97316205,296.0513583a,1920.78202832d,35y,-186.14213151h,45t,0r/data=CngaShJECiQweGM2MDQzM2IxM2E0ZWQzYjoweDcxZmJIMThkYTAxZDk0OTUZ7ysg_qtoQEAhPgXAeAb5MMAqCkJvYXZlbnR1cmEYAiABIYKJAITNE-KxGxAQBGW2TqIyj5AQBldLxwqJ0wwCGmUO_TwEwxwEICCAE6AwoBMEICABKdQj8BEAA

Filologia.org.br. (s.d.). [Artigo sobre toponímia]. Consultado em 19 de novembro de 2024, de http://www.filologia.org.br/xxii_cnlf/cnlf/tomo02/060.pdf

Geneall.net. (s.d.). Madeira. Consultado em 16 de abril de 2024, de <https://geneall.net/pt/mapa/20/madeira/>

Geneall.net. (s.d.). São Vicente. Consultado em 16 de abril de 2024, de <https://geneall.net/pt/mapa/325/sao-viceinte/>

Grifon. (s.d.). Boa Ventura de São Roque - PR. Consultado em 1 de junho de 2024, de <https://grifon.com.br/noticias/boa-ventura-de-sao-roque---pr-34522>

História de Boa Viagem. (s.d.). Assentamento Boa Ventura. Consultado em 1 de junho de 2024, de <https://www.historiadeboaviagem.com.br/assentamento-boa-ventura/>

IBGE Cidades. (s.d.). Boa Ventura (PB): Panorama. Consultado em 1 de junho de 2024, de <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/boa-ventura/panorama>

IBGE Cidades. (s.d.). Boa Ventura de São Roque (PR): Panorama. Consultado em 1 de junho de 2024, de <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/boa-ventura-de-sao-roque/panorama>

Istockphoto. (s.d.). Map of Madeira 19th Century. Consultado em 16 de abril de 2024, de <https://www.istockphoto.com/pt/vetorial/map-of-madeira-19th-century-gm1002411062-270892706>

Jornal da Madeira. (s.d.). Freguesia da Boaventura celebra 188.º aniversário. Consultado em 19 de novembro de 2024, de <https://www.jm-madeira.pt/regiao/freguesia-da-boaventura-celebra-188-aniversario-JP17091558>

Madeira Gentes e Lugares. (2008, março). [Publicação de blog sobre a Madeira]. Consultado em 1 de dezembro de 2024, de https://madeira-gentes-lugares.blogspot.com/2008/03/blog-post_01.html

Observador. (2021, 28 de julho). Censos 2021 revelam que Portugal tem menos 214 mil residentes do que em 2011. Consultado em 30 de janeiro de 2024, de <https://observador.pt/2021/07/28/censos-2021-revelam-que-portugal-tem-menos-214-mil-residentes-do-que-em-2011/>

Pordata. (2024). Perfil da População. Consultado em 30 de janeiro de 2024, de https://www.pordata.pt/docs/07/PR%20DIA%20POPULA%C3%87%C3%83O%202024_VF.pdf

Rebelo, H., & Nunes, N. (2015). Regionalismos Madeirenses. Repositório da

Universidade de Lisboa. Consultado em 12 de junho de 2023, de https://repositorio.ulisboa.pt/bitstream/10451/33173/1/2015_Regionalismos_Madeirenses_Helena%20Rebelo%20e%20Naidea%20Nunes.pdf

UFMG. (s.d.). Toponímia Histórica Mineira. Consultado em 1 de dezembro de 2024, de <https://www.ufmg.br/rededemuseus/crch/toponimiahistoricamineira/index.php/toponimos>

UNESCO Portugal. (s.d.). Património Cultural Imaterial. Consultado em 30 de janeiro de 2024, de <https://unescoportugal.mne.gov.pt/pt/temas/proteger-o-nosso-patrimonio-e-promover-a-criatividade/patrimonio-cultural-imaterial>

UNESCO World Heritage Centre. (s.d.). World Heritage List. Consultado em 30 de janeiro de 2024, de <https://whc.unesco.org/en/list>

Universidade de Lisboa. (2019). Insularidades. Repositório da Universidade de Lisboa. Consultado em 12 de junho de 2023, de https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/42063/1/Insularidades_Naidea%20Nunes_2019.pdf

Universidade de Coimbra. (s.d.). [Documento de arquivo sobre toponímia]. Consultado em 1 de dezembro de 2024, de <http://hdl.handle.net/10400.13/3302>

Visit Boaventura. (s.d.). [Página de informação sobre a Boaventura]. Consultado em 2 de fevereiro de 2025, de https://visitboaventura.weebly.com/?fbclid=IwY2xjawIXXNBleHRuA2FlbQIxMAABHQibHfUefT8u6cx8OFzQ8nO0TFgtIl_2EbvzDRaZB6Hu8OOqF6KA7M9_eQ_aem_dbrpN-yah3X-z6sI0p18Cg

Viana, A. J. (s.d.). A estrutura do signo toponímico. [Artigo académico]. Consultado em 2 de dezembro de 2024, de [file:///C:/Users/andreia.sousa/Downloads/zeluiz,+20+A+estrutura+do+signo+toponimico%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/andreia.sousa/Downloads/zeluiz,+20+A+estrutura+do+signo+toponimico%20(1).pdf)

Secretaria Regional do Turismo e Cultura. (s.d.). [Informação consultada]. Consultado em 16 de abril de 2024.

Apêndice



FACULDADE DE ARTES
E HUMANIDADES

DEPARTAMENTO DE
LÍNGUAS, LITERATURAS E CULTURAS

Inquérito no âmbito da obtenção do grau de Mestre em Estudos Regionais e Locais

M

F

Idade: ____

Habilitações literárias: _____

Boaventura

Boa Ventura

Como se chama o habitante da Boaventura

LISTA 4

Lista completa da toponímia presente na freguesia – 302 topónimos da área habitada e não habitada

Elaborada pela autora, 2024

Siglas:

R.O – Recolha oral

R.B – Recolha Bibliográfica

L.1 – Topónimo presente na Lista 1

L.2 – Topónimo presente na Lista 2

L.3 – Topónimo presente na Lista 3

Achada da Madeira (sítio) (L.1)

Achada de Riba (R.O)

Achada do Castanheiro (sítio) (L.1)

Achada do Moledo (R.O) - sítio extinto

Achada do Pereiro (sítio)

Achada do Teixeira (R.O)

Achada do Touco (R.O)

Achada dos Juncos (R.O)

Achada Grande (sítio) (L.1)

Achadinha (sítio) (L.1)

Aquada (R.O)

Aquada do Ouro (R.O)

Areal da Aquada (R.O)

Areal do Coelho (R.O)

Areal do Urzal (R.O)

As Lajinhas (R.O)

As Moitadas (R.O)

Assomadouro (R.O)

Beira (R.O) - sítio extinto

Boca da Achadinha (R.O)

Boca da Assoladinha (R.O)
Boca da Tapaginha (R.O)
Boca das Fontes (R.O)
Boca das Lapinhas (R.O)
Boca das Torrinhas (R.O)
Boca das Voltas (R.O)
Cabeço (sítio) (L.1)
Cabo da Queimada (R.O)
Cabo da Ribeira (sítio) (L.1)
Cabo Verde (R.O)
Cabouco da Carapita (R.O)
Calhau da Boaventura (R.B)
Caminho Antigo da Falca de Cima (L.1; L.2; L.3)
Caminho Antigo da Igreja (L.1; L.2; L.3)
Caminho Antigo da Serra de Água (L.1; L.2; L.3)
Caminho Antigo da Travessa (L.2; L.3) / Caminho Antigo da Travessa (L.1)
Caminho Antigo do Cabo da Ribeira (L.2; L.3) / Caminho Antigo do Cabo da Ribeira (L.1)
Caminho Antigo do Cemitério (L.1; L.2; L.3)
Caminho Antigo do Pomar (L.2; L.3) / Caminho Antigo do Pomar (L.1)
Caminho Antigo dos Lamaceiros (L.3) / Caminho Antigo dos Lamaceiros (L.1)
Caminho da Achada (L.3) / Caminho Achada (L.1)
Caminho da Achada do Linho (L.2 / L.3) / Caminho Achada do Linho (L.1)
Caminho da Achada do Pereiro (L.2; L.3) / Caminho Achada do Pereiro (L.1)
Caminho da Achada Grande (L.2; L.3) / Caminho Achada Grande (L.1)
Caminho da Achadinha (L.2; L.3) / Caminho Achadinha (L.1)
Caminho da Beira (L.2; L.3) / Caminho Beira (L.1)
Caminho da Beira da Achada (L.2; L.3) / Caminho Beira da Achada (L.1)
Caminho da Beira da Achada do Castanheiro (L.2; L.3) / Caminho Beira da Achada do Castanheiro (L.1)
Caminho da Bica (L.2; L.3) / Caminho Bica (L.1)
Caminho da Casa do Meio (L.2; L.3) / Caminho Casa do Meio (L.1)
Caminho da Coada (L.2; L.3) / Caminho Coada (L.1) (atravessa os sítios do Serrão e Travessa)

Caminho da Cova (L.2; L.3) / Caminho Cova (L.1)
Caminho da Eira (L.3) / Caminho Eira (L.1)
Caminho da Entrosa (L.2; L.3) / Caminho Entrosa (L.1)
Caminho da Escola (L.2; L.3) / Caminho Escola (L.1)
Caminho da Escola da Calçada (L.2; L.3) / Caminho Escola da Calçada (L.1) (atravessa os sítios da Igreja e Serrão)
Caminho da Esmoitada da Ribeira (L.2; L.3) / Caminho Esmoitada da Ribeira (L.1) (atravessa os sítios da Achada do Pereiro e Esmoitada da Ribeira)
Caminho da Fonte (L.2; L.3) / Caminho Fonte (L.1)
Caminho da Fonte Boneca (L.3) / Caminho Fonte Boneca (L.1) / Caminho da Fonte Boneca (L.2)
Caminho da Fonte da Falca (R.B) / Caminho Fonte da Falca (L.1)
Caminho da Laje Vermelha (L.2; L.3) / Caminho Laje Vermelha (L.1)
Caminho da Levada do Cano (L.2; L.3) / Caminho Levada do Cano (L.1)
Caminho da Levada dos Tornos (L.2; L.3) / Caminho Levada dos Tornos (L.1)
Caminho da Passada (L.2; L.3) / Caminho Passada (L.1)
Caminho da Ponte da Paulinha (L.3) / Caminho Ponte da Paulinha (L.1)
Caminho da Porta Cantana (L.2; L.3) / Caminho Porta Cantana (L.1)
Caminho da Rocha do Sabino (L.2; L.3) / Caminho Rocha do Sabino (L.1)
Caminho da Rossada (L.2; L.3) / Caminho Rossada (L.1)
Caminho da Sagrada Família (L.2; L.3) / Caminho Sagrada Família (L.1)
Caminho da Serra (L.2; L.3) / Caminho Serra (L.1)
Caminho da Serra (R.O)
Caminho da Siqueada (L.2; L.3) / Caminho Siqueada (L.1)
Caminho da Terra do Trigo (L.3) / Caminho da Terra de Trigo (L.2) / Caminho Terra do Trigo (L.1)
Caminho da Terra Tinho (L.3) / Caminho Terra Tinho (L.1)
Caminho das Casas (L.2; L.3) / Caminho Casas (L.1)
Caminho das Fontes (R.O)
Caminho das Lajinhas (L.3) / Caminho Lajinhas (L.1)
Caminho das Laranjeiras - Portal da Serra (L.2; L.3) / Caminho Laranjeiras (L.1)
Caminho das Quebradas (L.2; L.3) / Caminho Quebradas (L.1)
Caminho de Baixo (L.2; L.3) / Caminho Baixo (L.1)

Caminho de São Cristóvão (L.3) / Caminho São Cristóvão (L.1) / Caminho Antigo de S. Cristóvão (L.2)

Caminho do Arrebentão (L.2; L.3) / Caminho Arrebentão (L.1)

Caminho do Aviso (L.2; L.3) / Caminho Aviso (L.1)

Caminho do Cabouco (L.2; L.3) / Caminho Cabouco (L.1)

Caminho do Casal da Achada do Castanheiro (L.3) / Caminho Casal da Achada do Castanheiro (L.1) / Caminho dos Casais da Achada do Castanheiro (L.2)

Caminho do Encontro (L.3) / Caminho Encontro (L.1)

Caminho do Fundo da Fajã Grande (L.2; L.3) / Caminho Fundo da Fajã Grande (L.1)

Caminho do Fundo do Ulheiro (L.2) / Caminho Fundo do Ulheiro (L.1) / Caminho Antigo do Fundo do Ulheiro (L.3)

Caminho do Lanço (L.2; L.3) / Caminho Lanço (L.1)

Caminho do Lombo (L.2; L.3) / Caminho Lombo (L.1)

Caminho do Lombo da Achada do Castanheiro (L.2; L.3) / Caminho Lombo da Achada do Castanheiro (L.1)

Caminho do Lombo da Fajã do Penedo (L.2; L.3) / Caminho Lombo da Fajã do Penedo (L.1)

Caminho do Lombo da Falca (L.3) / Caminho Lombo da Falca (L.1) / Caminho do Lombo da Falca (L.3)

Caminho do Lombo do Serrão (L.2; L.3) / Caminho Lombo do Serrão (L.1)

Caminho do Lombo do Tanque (L.2; L.3) / Caminho Lombo do Tanque (L.1)

Caminho do Lombo do Urzal (L.3) / Caminho Lombo do Urzal (L.1)

Caminho do Lombo dos Ferreiros (L.2; L.3) / Caminho Lombo dos Ferreiros (L.1)

Caminho do Meio (L.2; L.3) / Caminho Meio (L.1)

Caminho do Moinho (L.2; L.3) / Caminho Moinho (L.1)

Caminho do Pastel (L.2; L.3) / Caminho Pastel (L.1) - sítios: Igreja e Pastel

Caminho do Pico (L.2; L.3) / Caminho Pico (L.1)

Caminho do Pico da Vigia (L.2; L.3) / Caminho Pico da Vigia (L.1)

Caminho do Rego (L.2; L.3) / Caminho Rego (L.1)

Caminho do Ribeirinho (L.2; L.3) / Caminho Ribeirinho (L.1)

Caminho do Saltinho (L.2; L.3) / Caminho Saltinho (L.1)

Caminho do Serrado (L.3) / Caminho Serrado (L.1)

Caminho dos Casais (L.2; L.3) / Caminho Casais (L.1)

Caminho dos Currais (L.2; L.3) / Caminho Currais (L.1)

Caminho dos Lamaceiros (L.2; L.3) / Caminho Lamaceiros (L.1) (atravessa os sítios dos Lamaceiros e Quebradas)

Caminho dos Pitas (L.3) / Caminho Pitas (L.1) / Caminho dos Pita (L.2)

Caminho dos Quicos (L.3) / Caminho Quicos (L.1)

Caminho dos Rochões (L.2; L.3) / Caminho Rochões (L.1)

Caminho Eira da Silveira (L.1; L.3) / Caminho da Eira da Silveira (L.2)

Caminho José Vicente Neves (L.1)

Caminho Meio da Falca (L.1)

Caminho Novo da Fajã do Penedo (L.1; L.3)

Caminho Pedra dos Bonitos (L.1; L.3) / Caminho da Pedra dos Bonitos (L.2)

Caminho Vista da Levada (L.1; L.2; L.3)

Canto das Voltas (R.O)

Carapita (R.O)

Casa do Meio (R.O) - sítio extinto

Casa do Urzal ou Venda (R.O)

Cascata do Fôjo (R.B)

Cascata Ribeira dos Moinhos (R.B)

Cerquinhas (R.O)

Chaminé (R.O)

Chão dos Juncos (R.O)

Coquim (R.O) - sítio extinto

Cóva (RO) - sítio extinto

Cova da Cerejeira (R.O)

Cova do Lanço (R.O)

Curral Ganhão (R.O)

Entrada da Achada do Castanheiro (L.3) / Entrada Achada Castanheiro (L.1)

Entrada da Fajã Grande (L.3) / Entrada Fajã Grande (L.1; L.2)

Entrada da Portada (L.2; L.3) / Entrada Portada (L.1)

Entrada da Travessa (L.2; L.3) / Entrada Travessa (L.1)

Entrada do Lombo (L.2; L.3) / Entrada Lombo (L.1)

Entrada do Lombo do Urzal (R.B) (não está presente nas listas, mas consta da toponímia local)

Entrada do Lombo dos Ferreiros (L.2; L.3) / Entrada Lombo dos Ferreiros (L.1)

Entrada do Pomar (L.2; L.3) / Entrada Pomar (L.1)

Entrada do Serrão (L.2; L.3) / Entrada Serrão (L.1)

Entrada dos Lamaceiros (L.2; L.3) / Entrada Lamaceiros (L.1)

Escada da Pousada (R.O)

Escadas da Eirinha (L.3) / Escadas Eirinha (L.1) / Escada da Eirinha (L.2)

Escadas do Serrado (L.3) / Escada do Serrado (L.2) / Escadas Serrado (L.1)

Escalreira das Paredes (L.1; L.2; L.3)

Esmoitada da Ribeira (sítio) (L.1)

Estrada da Achada da Madeira (L.2; L.3) / Estrada Achada da Madeira (L.1)

Estrada da Achada do Castanheiro (L.2; L.3) / Estrada Achada do Castanheiro (L.1)
(atravessa os sítios da Achada do Castanheiro; Cabo da Ribeira e Pomar)

Estrada da Achada Grande (L.3) / Estrada Achada Grande (L.1) / Rua da Achada Grande
(L.2)

Estrada da Banda do Sol / Estrada Regional Banda do Sol (L.1) / (E.R 220 – Banda do
Sol (L.3) (atravessa os sítios da Achada do Castanheiro; Levada de Baixo; Levada de
Cima; Pomar)

Estrada da Falca / Estrada Falca (L.1) / ER 232 Estrada da Falca (L.2; L.3) (atravessa os
sítios da Fajã do Penedo; Falca de Baixo; Falca de Cima e Lombo do Urzal)

Estrada da Levada (L.2; L.3) / Estrada Levada (L.1)

Estrada do Cabo Ribeira (L.2; L.3) / Estrada Cabo Ribeira (L.1) (atravessa os sítios da
Achada do Castanheiro e Cabo da Ribeira)

Estrada do Cardo (L.2; L.3) / Estrada Cardo (L.1) (atravessa os sítios da Cabeço e Fajã
Grande)

Estrada do Cemitério (L.3; L.2) / Estrada Cemitério (L.1)

Estrada do Fundo do Tanque (L.2; L.3) / Estrada Fundo do Tanque (L.1)

Estrada do Portal da Serra (L.2; L.3) / Estrada Portal da Serra (L.1)

Estrada Manuel Vicente Xavier (L.1; L.2; L.3) (atravessa os sítios da Achada Grande e
Falca de Cima)

Estrada Municipal da Lombadinha (L.2; L.3) / Estrada Municipal Lombadinha (L.1) -
(atravessa os sítios da Levada de Baixo e Lombadinha)

Estrada Municipal da Serra de Água (L.2; L.3) / Estrada Municipal Serra de Água (L.1)
(atravessa os sítios da Quebradas e Serra de Água)

Estrada Municipal da Travessa (L.2; L.3) / Estrada Municipal Travessa (L.1)

Estrada Municipal do Cabeço (L.2; L.3) / Estrada Municipal Cabeço (L.1)

Estrada Municipal dos Lamaceiros (L.2; L.3) / Estrada Municipal Lamaceiros (L.1)

Estrada Municipal Pastel (L.3) / Estrada Municipal do Pastel (L.2) / Estrada Municipal Pastel (L.1) (atravessa os sítios da Cabo da Ribeira; Pastel e Rossada)

Estrada Municipal São Cristóvão (L.1) / Estrada Municipal de S. Cristóvão (L.2) / Estrada Municipal de São Cristóvão (L.3) (atravessa os sítios da São Cristóvão e Serrão)

Estrada Municipal Silveira (L.1) / Estrada Municipal da Silveira (L.2; L.3)

Estrada Pedro Gomes de Galdo (L.3) / Estrada Regional Pedro Gomes de Galdo (L.1) / ER 101 – Pedro Gomes Galdo (L.2) (atravessa os sítios da Achadinha; Fajã do Penedo; Fajã Grande; Igreja; Pomar; Serrão; Silveira e Travessa)

Estrada Vista do Senhor do Bom Jesus (L.1) / Estrada da Vista do Senhor Bom Jesus (L.3) (atravessa os sítios da Lombadinha e Pomar)

Fajã do Penedo (sítio) (L.1)

Fajã Grande (sítio) (L.1)

Falca de Baixo (sítio) (L.1)

Falca de Cima (sítio) (L.1)

Fôjo (R.O)

Furna do Corre Cachaço (R.O)

Igreja (sítio) (L.1)

Ilhéu da Ribeira do Porco (R.B)

Ilhéu Preto (R.B)

Ilhéu Vermelho (R.B)

Impasse Partilha (L.1) / Caminho da Partilha (L.2)

Ladeira da Achada (L.2; L.3) / Ladeira Achada (L.1)

Ladeira da Achadinha de Baixo (L.2; L.3) / Ladeira Achadinha de Baixo (L.1)

Ladeira da Travessa (L.2; L.3) / Ladeira Travessa (L.1)

Ladeira das Laranjeiras (L.3) / Ladeira Laranjeiras (L.1)

Ladeira do Pastel (L.2; L.3) / Ladeira Pastel (L.1)

Lajinhas (R.O)

Lamaceiros (sítio) (L.1)

Lapa de Alrboredó (R.O)

Lapa do Areal do Urzal (R.O)

Lapas (R.O)

Levada da Achada dos Alves (R.B)

Levada da Achada Grande (R.O)

Levada da Achada ou do Serrão (R.B)

Levada das Faias (R.B)
Levada de Baixo (sítio) (L.1)
Levada de Cima (sítio) (L.1)
Levada dos Tornos (R.B)
Levada Grande (R.B)
Lombadinha (sítio) (L.1)
Lombinhos do Meio (R.O)
Lombo das Pingas (R.O)
Lombo do Bailante (R.O)
Lombo do Urzal (R.O)
Lombo do Urzal (sítio) (L.1)
Maquinhas (R.O)
Miradouro da Antena (R.B)
Miradouro da Beira da Achada (R.B)
Miradouro da Boca das Voltas (R.B)
Miradouro da Roça (R.B)
Miradouro da Santinha (R.B)
Miradouro das Laranjeiras (R.B)
Miradouro de São Cristóvão (R.B)
Miradouro do Bom Jesus (R.B)
Miradouro do Calhau (R.B)
Miradouro do Cemitério (R.B)
Miradouro do Pastel (R.B)
Miradouro do Pico (R.B)
Passada das Lajinhas (R.O)
Passada do Louro (R.O)
Passinho (R.O)
Pastel (sítio) (L.1)
Pedra da Lagartixa (R.O)
Picaroto (R.O)
Pico (R.O) - sítio extinto
Pico Canário (R.O)
Pico da Achada (R.O)
Pico do Meio Dia (R.O)

Poço Búzio (R.O)
Poço da Casas ou Poço dos Namorados (R.B)
Poço do André (R.O)
Poio Comprido (R.O)
Poio da Ponte (R.O)
Poio das Cerquinhas (R.O)
Poio das Fontes (R.O)
Poio das Margaridas (R.O)
Poio do Gabriel (R.O)
Poio do Porco de Baixo (R.O)
Poio do Porco de Cima (R.O)
Poio dos Bodes (R.O)
Poio dos Louros (R.O)
Poio Verde (R.O)
Pomar (sítio) (L.1)
Ponte dos Ganchos (R.O)
Quebrada (R.O) - sítio extinto
Quebradas (sítio) (L.1)
Relvinha (R.O)
Ribeira das Mouquinhas (R.O)
Ribeira do Cascalho (R.O)
Ribeira do Porco (R.B)
Ribeira do Urzal (R.O)
Ribeira dos Moinhos (R.O) - sítio extinto e atual ribeira
Ribeira João Fernandes (R.O)
Ribeiro do Fôjo (R.O)
Ribeiro dos Agriões (R.O)
Rocha Alta (R.O)
Rossada (sítio) (L.1)
Rua Caminho Real da Falca (L.1)
Rua Casa do Povo - Prof. Helena Nunes (L.2; L.3) / Rua Casa do Povo (L.1)
Rua da Barreira (L.2; L.3) / Rua Barreira (L.1) (atravessa os sítios do Pomar e São Cristóvão)
Rua da Eirinha (L.2; L.3) / Rua Eirinha (L.1)

Rua da Falca (L.1; L.2; L.3) - não consta na toponímia atual
Rua da Portada (L.2; L.3) / Rua Portada (L.1)
Rua do Calvário (L.2; L.3) / Rua Calvário (L.1)
Rua do Solar (L.2; L.3) Rua Solar (L.1)
Rua do Vale (L.2; L.3) / Rua Vale (L.1) (atravessa os sítios da Igreja e Serrão)
Sabugueiros (R.O) - sítio extinto
São Cristóvão (sítio) (L.1)
Serra das Torrinhãs (R.O)
Serra de Água (sítio) (L.1)
Serrão (sítio) (L.1)
Silveira (sítio) (L.1)
Tôpo (R.O)
Torrinhãs (R.O)
Travessa (sítio) (L.1)
Travessa da Achadinha (L.2)
Travessa da Beira da Achada (L.2; L.3) / Travessa Beira da Achada (L.1)
Travessa da Fajã do Penedo (L.2; L.3) / Travessa Fajã do Penedo (L.1)
Travessa da Fajã Grande (L.2; L.3) / Travessa Fajã Grande (L.1)
Travessa da Falca de Cima (L.2; L.3) / Travessa Falca de Cima (L.1)
Travessa da Levada (L.3) / Travessa Levada (L.1)
Travessa da Portada (L.2; L.3) / Travessa Portada (L.1)
Travessa do Fundo da Achada (L.2; L.3) / Travessa Fundo da Achada (L.1)
Travessa do Lombo (L.3) / Travessa Lombo (L.1) / Travessa do Lombo da Fajã do Penedo (L.2)
Travessa do Pomar (L.2; L.3) / Travessa Pomar (L.1)
Travessa do Ribeirinho (L.2; L.3) / Travessa Ribeirinho (L.1)
Travessa do Serrão (L.2; L.3) / Travessa Serrão (L.1)
Uveiras (R.O)
Vale da Carapita (R.O)
Vereda da Achada da Madeira (L.2; L.3) / Vereda Achada da Madeira (L.1)
Vereda da Achadinha (R.O)
Vereda da Fajãzinha (L.2; L.3) / Vereda Fajãzinha (L.1)
Vereda da Origem da Levada (L.3) / Vereda Origem da Levada (L.1; L.2)
Vereda da Portada (L.2; L.3) / Vereda Portada (L.1)

Vereda da Serra (L.2; L.3) / Vereda Serra (L.1)

Vereda da Tapajinha (R.O)

Vereda das Laranjeiras (L.3) / Vereda Laranjeiras (L.1)

Vereda do Cabeço (L.2; L.3) / Vereda Cabeço (L.1)

Vereda do Firme ou Variado (R.O)

Vereda do Lombo (L.3) / Vereda Lombo (L.1)

Vereda do Lombo da Achada Grande (L.2; L.3) / Vereda Lombo da Achada Grande (L.1)
(atravessa os sítios da Achada Grande e Falca de Cima)

Vereda do Lombo do Urzal (L.3) / Vereda Lombo do Urzal (L.1)

Vinha (R.O) - sítio extinto

Transcrição das entrevistas

Declaro que obtive a autorização dos informantes para realizar a transcrição das suas entrevistas e utilizar o material para fins de pesquisa académica.

Informante nr.1

Sexo: feminino

Idade: 95 anos

Local e data da recolha: Boaventura, 21/ 10 / 2022

- Lembra-se do ano em que veio para a Boaventura?

Vim em 1959 para a Boaventura, em janeiro.

- Quando veio para a Boaventura, como era a Boaventura?

A Boaventura era muito atrasada do que é hoje (...).²⁶

- Quando veio para a Boaventura, foi para o Centro de Saúde?

Fui para o Centro de Saúde. Era só aqui. Era só aqui. Era a única (...). Havia muita tuberculose nessa altura. Havia muita tuberculose. A febre tifóide, que eu tive internados acolá em baixo. Onde era o solar, tive 15 de uma vez, internados no solar...15 doentes internados porque havia internamentos, mas quem cuidava era só eu. O senhor Doutor, o Diretor, perguntava se eu queria alguma pa m'ajudar. Eu disse que não, senhor doutor. Porque, se tivesse uma a m'ajudar, dava o dobro do trabalho. Ela não sabia onde tava a compressa; não sabia onde tava uma pinça; não sabia onde tava o tabuleiro. Tá acolá, tá ali, tá ali. Eu cansava-me mais, assim vou lá buscar e já fazia.

- Mas essas pessoas, era com febre?

Era com febre tifoide. Muito pesada! era febre tifoide e dava com diarreia e vómitos, que eles tinham essa febre tifoide. É febre e diarreia e vómitos.

- E nenhum morreu, não foi?

Nunca me morreu nenhum. No meu tempo, não morreu ninguém.

²⁶ O sinal (...) indica que a informante se desviou do assunto principal. Não sendo relevante, não se transcreveu.

- E teve alguma história que aconteceu durante a sua vida aqui na Boaventura?

A vida na Boaventura, havia altos e baixos que havia. Havia altos e baixos, mas a minha vida foi uma vida muito pesada. Trabalhava no centro. Ia dar a vacina antigamente. Eles agora vêm a casa, mas antigamente eu ia às escolas. Eu é que ia às escolas vacinar. Era um trabalho pesado que eu tinha de manhã à noite e à hora da consulta. Os dias da consulta que era 3 dias por semana, e a essa hora não podia caminhar, mas depois na parte da tarde ia. A minha vida era esta. Era diariamente isto. Fazia suturas, muitas vezes, porque os doutores levavam muito caro e as pessoas não tinham. Que ele não podia levar consulta porque ele tava ganhando por conta do Estado como eu, e as pessoas, nessa altura, os homens ganhavam 5 escudos. Já viu 5 escudos?! E a consulta era 20 escudos. Ora, um dia de trabalho que deu para sustentar a casa de família com esse dinheiro e pagar a consulta não dava. Eles viviam muito... muito... muito pobres, muito pobrezinhos.

- Era tudo na agricultura, não era?

Era tudo na agricultura. Havia a escola mas as escolas era para meia dúzia de professores, nem sequer, era 2 escolas que havia. Era acolá além uma. Era 2 escolas que haviam: uma na Fajã do Penedo e uma na Lombadinha.

- Os professores vinham de outro lado?

Vinham de outro lado.

- Não tinha ninguém aqui da Boaventura?

Aqui tinha uma só mas que vinha no Funchal que era a Dona Helena. Era a única que vinha de fora. Aqui não havia nenhuma. Pois ela casou também aqui e ficou como eu também. Não, mas era uma boa professora. Batia muito nos alunos, mas os alunos que iam com ela podiam sair livres, bons alunos, porque a papice também não dá (...).

- As pessoas trabalhavam na agricultura e os que tinham trabalhos?

Não havia; não havia trabalho isto quando a Câmara de São Vicente, mas era lá para os filhos do senhor presidente, afilhados do senhor presidente. Hoje em dia tá muito diferente e tinha que mudar.

- Que meio de transporte utilizou quando veio para a Boaventura?

No horário, na camioneta.

- Não havia estas estradas todas?

Não havia, cá nada. Só havia um táxi que era do Senhor Crispim; era o único. Tinha um táxi, um, mas não havia carros nenhuns.

- Quando andava nas escolas era tudo a pé?

Era tudo a pé. Ah, rico tempo que foi esse! Quem me dera ter esse tempo hoje. (...)

- Algum acontecimento na Boaventura... mau ou bom?

Mau? Havia muita pancadaria nessa altura. As pessoas andavam à pancadaria, os homens, essa canalha. Por tudo e por nada era pancadaria para baixo. A pobreza chama a pancadaria. Além da pobreza, ainda tem mais essa.

- Houve um desastre para aqui, uma derrocada que veio...

Ah, lá em cima! Morreram 9 pessoas de uma vez. Na Fajã da Grande. Cá lembra-me isso. Choveu muito em janeiro, no dia 21 de janeiro, parece-me. Foi a 21 de janeiro, mas não me lembra a data. Morreu 9 e que aterrou um carro que era o senhor padre Antó... padre Agostinho que ia para o Funchal e depois tava lá um senhor e disse: o carro passou, o horário passou e ele também passou. O rapaz, esse que era um padre que tava na Ponta Delgada também passou, mas chegou lá e já não podia passar. Já tava cheio de quebradas. Voltaram para trás pa ir pa Ponta Delgada. Nessa altura já havia carros pequenos e tava lá um senhor e disse, não passa. É melhor ir para trás e não passar aí porque a terra tá a tremer. E upois o bilheteiro do corgo (antigamente havia aqueles bilheteiros, os cobradores) e respondeu: para trás só caranguejo! A terra tremeu, que era de baixo. Começou foi de baixo.

- Não foi um tremor de terra?

Não foi! Tava correndo um ribeirão de água, mas aquilo foi cavando; foi cavando e veio. Aquilo abaixou a quebrada veio para cima e quando aquilo abaixou ninguém deu para fugir. Quem tava lá aterrou. E esse senhor padre trazia 9 pessoas: 9... 6! era 6. Daqui de cima foi 2, de lá debaixo foi 7. Ele trazia tudo dentro do carro armados para ir embora para casa, e lá foram todos e só apareceu um pequeno, lá em baixo, no calhau.

- os outros nunca apareceram?

Nunca apareceram, naquela enxurrada. Alguns ainda podem tar para lá metidos, mas isso foi uma tristeza nessa altura. E teve mais de um ano para fecharem isso. Veio carros, material que não podiam passar. Tinham que dar; os daqui iam para lá e os de lá vinham para acolá e tinham que eles ir buscar rocha a São Jorge e ao Arco e trazendo rocha, pneus enormes, e ir deitando por aqueles buracos abaixo, pa aterrar que não aterrava, mas, udepois olhe nosso Senhor foi andando, e ficou bom e tá tudo bem graças a Deus, as coisas cada vez melhor, mais pessoal para trabalhar e é assim.

- Lembra-se do Solar da Silveira?

Já, tava em ruínas. (...) Mas olhe, eu vim para aqui; eu tou aqui há 60 anos. Mas gostei; eu gostei da Boaventura. Disseram, Rosa, não vás para lá que aquela gente são muito maus e não vás para lá. Não, eu vou que sou da Ilha de São Jorge, mas, como era mais pertinho, eu queria vir para aqui e dei-me bem e hoje em dia tou bem.

- Foi a primeira enfermeira?

Não foi. Foi a menina Jardim, uma do Arco que já tinha morrido. Eu fui no principio qu'isto abriu. Ela teve 1 ano ou foi 2; depois, eu vim e cá fiquei, à conta de Deus. Não havia outros trabalhos aqui, senão a agricultura e essas 2 escolas, mai nada.

- Para comprar coisas?

Não havia. Acolá lém, a do senhor Manel, inda havia uma vendinha.

- O Joaquim, o presidente da Casa do Povo, disse-me que havia umas pessoas que viviam ali na Ribeira do Porco, naquela furna.

Isso é lá em baixo, sim. Eu lembro-ma; eu fui lá comprar ovos, ainda. Eu também não sei se eles vendiam por aqui, mas como lá em baixo havia mais galinhas a gente ia-se lá baixo comprar galinhas.

- Na Ribeira do Porco?

Na Ribeira do Porco.

- Vinham os barcos?

Não é, eles tinham. Aquilo vendiam ali na ribeira, no calhau, na areia. Eles faziam o seu comer lá e viviam lá nas furnas. Os pequenos foram casando; foram caminhando aqui

para cima e já morreram todos. Ah, mas eu lembra-me; eu lembra-me disso. Ainda tá lá, havia um engenho que ainda tá lá o material. As rodas, mas isto há...

- Havia, também, uma fábrica de aguardente, lembra-se disso?

Era lá em baixo. Não, isso não me lembro, já tava em ruínas. Havia a fábrica de aguardente. Havia esse, o engenho que era de moer canas, que havia muita cana aqui. Havia muita cana, mas isto tudo vai com o tempo.

- Havia cana e vimes?

E vimes que era o negócio desta terra; era canas e vimes. Os vimes lá foram todos, canas já lá foram.

- Ficou a agricultura?

A agricultura lá tem ido. A juventude foi caminhando. Tem meia dúzia de velhos aí (...).

- A Ribeira do Porco lembra-se só as ruínas. Chegou a ver barcos?

Havia um barco que era o Bútio mas também não me lembra. Esse barco trazia o material do Funchal, para fazer qualquer coisa aqui, construção, que não havia estas casas. Havia uns palhocos por aí, casas de restolho, essas coisas assim, com pedras. Mas havia telha, mas era uma telha que também faziam lá em baixo numa fábrica de telha. Sim! na Ribeira do Porco. Que era daquela telha que se chamava barro, que ainda há casas, que se vê pelo Funchal, vê-se as telhas. Não é desta telha, é uma telha... aqui também há.

- Então, a Ribeira do Porco era importante?

Exato! as pessoas que mandavam buscar ele... chamava; o barco apitava. E as pessoas, como sabiam que já tava a chegar iam buscar as suas coisas.

- Sabia se ele vinha todas as semanas ou não?

Ah, não, não!

- Ainda sobre as pessoas da furna, era um casal?

Era uma família.

- Não tinham uma casa?

Não, não tinham. Era lá; viviam lá; não sei. Depois vieram aqui pra cima todos. Cá antão, eu alembra-me deles. Aqui pra cima na Achada²⁷ vivia outros.

- Pediram ajuda para sair de lá de baixo?

Ah, nesse tempo não havia ajudas. Era eles de braço, que arranjavam os seus palheirinhos pa viver.

- É engraçado, naquela furnita?

Tinha lá 2 furnas, que eles dormiam lá. Dormiam; faziam comer e trabalhavam lá numas cercas que havia. Era uma tristeza.

- Quando veio para aqui, já havia luz?

Não havia luz. Não havia luz. Era o candeeiro.

- Lembra-se quando veio a eletricidade?

Isso cá eu lembra-me. Foi um alevanto das pessoas, um gosto, e eu também. Quando veio a televisão, também para mim, também eu gostei. Eu comprei também a minha televisão.

- Qual foi a sensação quando veio a eletricidade?

Foi a alegria; foi a alegria do povo. A alegria que as pessoas tiveram.

- Antes o candeeiro era...

Era a bruxinha, que se chamava, uma de folha... era a bruxinha que se acendia para comer na cozinha. Então para ir para a casa que era separada, as pessoas tinham um candeeirinho. Quem podia! quem não podia continuava com a bruxinha.

- A cozinha era separada da...

Da casa! era um palheirinho ao lado; era uma furninha que faziam ali, uma furninha. Não tinha cozinhas ainda por aí boas... tudo com forno de amassar que havia muito trigo e as pessoas amassavam muito. Havia muito trigo. Agora não há nada.

- Portanto, Boaventura, trigo, cana, vimes...

Exato! o desenvolvimento daqui era cana e vimes e trigo. Havia muito trigo também.

²⁷ Também conhecido como sítio da Igreja.

- Quando veio para aqui já tinha a igreja grande?

Tinha a igreja.

- E não havia aquela Capela de São Cristóvão?

Já não existia, mas tá lá para fazer. Tá acolá um rapaz na Achada que gosta muito de São Cristóvão e qu'ofereceu São Cristóvão lá para baixo. Tá lá numa capelinha. Numa capelinha que ele fez na rua. Mas a capela é ao descer à esquerda na curva, numa cerca que tá ali, era a capela.

- Quando veio para aqui essas terras todas, isso foi que as pessoas foram... Isto é minha? Isto é minha? não é?

Quem tinha isto mais eram os cabecilhas, como o senhor Germão, o senhor João Sabino, o senhor Tenente Duarte, esses senhores importantes que tinha aquele terreno acolá. Não é que fosse deles, mas, como tava acolá abandonado, chamaram deles e tomaram posse disso. Depois a senhora era pobre. Eu era pobre. Aquela é pobre. Queriam trabalhar e não tinham. Iam lá para ele dar aquele bocado de terra para poder trabalhar e tá pagando um dia pa tar lá.

- E as coisas que tinham da terra era para eles também?

Era pa eles... pa partir... eles não tinham direito mas sim quem era os chefes, os senhorios, chamavam-se os senhorios. Ainda tão lá em cima chões abandonados, que era deles.

- Estas terras todas aqui por baixo eram de senhorios?

Aquele terreno acolalém, aquele chão que fica ao pé da igreja, aquela casa tá tapando, que é da Casa do Povo para lá, este chão era do senhor Tenente do Arco. É do senhor Tenente, e eu sei lá se era dele...

- Ele chegou e disse, isto é meu, não é?

É. E cala-te! Coitado de quem era pobre!

- E como se chama aqui às pessoas da Boaventura? Que nome acha? Um apelido que as pessoas tinham? Por exemplo, em São Vicente são vicentinos e na Boaventura?

Não sei.

- Há pessoas que dizem, boaventurenses...

Boaventurenses, eu nunca ouvi esse nome.

- Não tem nome?

Não tem. É Boaventura (...).

- Boaventura, como escrevia, tudo junto ou separado?

Olhe, alguns fazem Boa Aventura; outros fazem pegado. Eu faço pegado, mas há outros que fazem separado. O direito não sei.

- Quando veio para aqui, como é que era?

Era tudo junto. Hoje em dia ainda, ainda hoje em dia, há pessoas a escrever separado mas não sei.

- Porque acha que se chama Boaventura, porque tem este nome?

Não sei esse sentido o que é.

- A Lucibel disse-me que a professora Helena, disse na altura, que uns espanhóis vinham por aqui por cima. Chegaram e viram, então disseram que era uma Boa aventura, que tinham tido uma Boa aventura.

Será?

- que tinha sido uma buena aventura. Não se sabe.

Também nunca ouvi isso.

- Eu li num livro que era um santo, santo Boaventura

Ah, santo Boaventura, esse cá tá aqui.

- Que é um santo italiano!

Não sei. São Boaventura cá tem na igreja, uma imagem assim grande.

(...)

- Começaram a dizer às pessoas para não ter tantos filhos?

Exatamente.

-Porquê?

Que não queriam por causa da pobreza. E depois ela tava sempre a batalhar. (...) um dia ela disse à mulher os seus problemas. o marido chateado veio à consulta mais a mulher. Começou a mandar vir e o rapaz disse, se a senhora Doutora não quer que a minha mulher tenha, eu vou-lhe fazer um filho. Foi bem feito! Foi para ela não ser malcriada. Ela era muito astuciosa. Ela vivia no Arco, mas dava consulta em São Vicente.

(...)

- Há 25 / 30 anos?

Havia muita pobreza, muita gente.

- A maneira de tentarem controlar foi dizer isso?

(...)

- Fazia partos?

Isso cá eu fazia. Cheguei a fazer partos.

- Ia às casas fazer?

Ah, não, não! chegavam ali.

- Mas ainda quando era no Solar?

Acolá em baixo no Solar, quando eu trabalhava só.

- Porque eles mudaram do Solar para ali?

Porque eles queriam uma casa. Aquilo foi vendido. Era do senhor Germão aquilo foi vendido e o dono que comprou aquilo queria pôr um Solar e o terreno era dele e a casa era dele. E então, passaram tudo acolá pralém, pa não pagar renda, que o Estado tava pagando renda. Então passaram tudo acolá pralém e o dono tomou conta da casa. Isso tá certo.

- E o Centro de Saúde na altura, quando foi para o Solar como era?

Tinha escritório e tinha tudo. Tinha camas, só camas, tinha 15 camas. A casa era grande. Senhor Doutor tinha o escritório, eu tinha o meu; a secretária e havia as cadeiras de espera, tava bom; eu gostava.

- Um caso muito grave, não consegue ser atendido no Centro tinha que ir para São Vicente?

Tinha que ir para o Porto Moniz, pa Seixal.

- Nessa altura era um táxi?

Era um táxi que levava. Chamavam. Os doentes que ficavam no Centro eu dava-lhe comer.

- Essa gente não podia andar vinha de rede?

O doente pagava às pessoas que traziam na rede.

- Mais ou menos quanto dinheiro?

Nunca soube.

- Por exemplo, os da rede viviam aqui para baixo?

Eles iam para trás com a rede e ficavam acolá para noutro não virem para baixo outra vez. Tinha que andar para baixo e para cima, para baixo e para cima. E para eles não pagarem tanto, por caridade, eu dizia que eles ficassem cá que eu dava-lhe comer e são estas coisas assim.

- Os homens da rede era o trabalho deles?

Só isso.

- Para chamar os homens da rede, era a mesma história? ia um familiar chamar?

Era a família. Eles andavam lá no sítio deles, Lombo do Urzal e Achada da Madeira. Tão longe daqui, lá eram 2 horas de caminho. Era um tempo triste.

- Depois de o táxi aparecer acabou esses homens?

Acabou, mas há quem ainda tem redes em casa, de recordação.

- Havia muitos homens desses?

Cá nada, havia qualquer pequeno pegava na rede. Não tinha importância, qualquer um.

Informante nr.2

Sexo: masculino

Idade: 87 anos

Local e data da recolha: Boaventura, 17/ 05/ 2024

- Como é que era a Boaventura antigamente?

Filha, já havia outros antes de mim. No meu tempo, olhe, havia o dobro da gente que há agora. O dobro!

- Mas havia muita pobreza, não era?

Havia muita gente. Tem morrido...outros têm embarcado. Nesse tempo ninguém embarcava pa um lado e pa outro como agora. Já andam de lá pra cá. Sim senhora!

- O senhor vivia em que sítio?

O primeiro que foi pra fora de lá do nosso sítio²⁸, era Joaquim...Joaquim Adriano, morava lá no Lombo, na casa, na última de lá. Aquilo chama-se o Lombo das Casas e er... o meu sítio é a Falca de Cima! e a fazenda passou também no meu qué...no nosso terreno pa Achada Grande, antes de chegar ao de meu primo Xavier.

- Porque se chama Boaventura? Sabe porquê?

Isso foi um nome...dos antigos que quando descobriram isso por aí abaixo acharam isto aqui um terreno bom. Bôa. Boa Ventura!²⁹ e ficou esse nome gravado. Boaventura!

- E o senhor como é que escreve Boaventura? Tudo junto ou separado?

A Boaventura é Boa Ventura!

- Separado?

Não! Pode ser tudo junto e pode ser separado, mas é Boa Ventura! Primeiro é Bôa e depois Ventura.

- Mas sabe que há uma confusão que há pessoas que escrevem tudo junto e há pessoas que escrevem separado?

²⁸ Sítio da Falca.

²⁹ O nome está transcrito justaposto devido à pausa que o informante faz ao referir o nome.

Sim senhora mas é... bem...é conforme... os Notários. Conforme... a práca³⁰ que eles têm a escrever.

- Na sua opinião, a forma tudo junto ou a forma separada não é errado nem certo?

Mas o melhor era tudo junto! Boa Ventura... cá quando escrevo é assim: Boa Ventura!

- Como se chama as pessoas que vivem na Boaventura. Por exemplo, os de São Vicente são vicentinos e os de Boaventura têm algum nome?

Olhe...tem um nome, mas é um nome tontos...um nome tontos que adizia-se naquele tempo...eu nem sequer digo porque na fica bem.

- Mas existe também um nome que é: Boaventurenses...

O nome correto é Boaventura!

- Lembra-se de algum evento/acometimento que marcou a história da Boaventura?

Algum conhecimento?

- Assim algum acontecimento...

Olhe! Meu pai, dês lhe dê o céu! Meu pai já morreu há anos! Ele disse que...no Lombo do Urzal; na Achada da Madeira; a primeira casa que houve foi lálém num sítio que chama-se Lapa de Alboredo. Houve aí uma casinha; foi a primeira coisa; no sítio da Achada da Madeira. E udepois o povo foi corren...foi acrescentando e fizeram aquele sítio. Aumentaram o sítio. Mas nesses...cá diz que antigamente... os primeiros que viviam lá era desses...lá...coisa...estranhos...lá...a gente...ora...ninguém era conhecido; e depois eles veram aqui pra baixo visitar; veram pra baixo; ver o povo; porí abaixo e veio outros...acho quisso queram ladrões. Viviam do gado da serra. Pa se alimentaram. Eles vieram atrás e pegaram-lhe lume na casa. Quando eles chegaram lá tinha a casa ardida.

- Lembra-se quando chegou a luz?

Ah! A luz! A luz, já foi no meu tempo! Já tava casado! Foi em 57 que eu... coisa... e a luz chegou, foi em 70!

- A vida mudou com a luz ou não?

³⁰ Mesmo que prática.

O primeiro a pôr luz lá por cima foi um senhor da Ribeira Brava, quera o senhor Vasco. Tinha uma firma grande... essa firma do senhor Vasco (...) ³¹. Eu andava trabalhando na fazenda, lá em cima que fica longe, uma vez que tá no Lombo do Urzal; e aí depois ali; então disseram-lhe onde é que andava; andava-se lá... andava-se apanhando cevada; não sei se conhece, o que é cevada?

- Sei, sei, sei o que é cevada, sei.

Eles chegaram lá e perguntaram: senhor Vicente? Assim...mas praquê...o que vem a ser? Eles sabiam o meu nome; andava nesse terreno quera de meu pai do céu; antigamente; queu herdei. Se quer pôr luz dentro de casa? Eu disse: ora seu queria; mas ora! Deus do céu! Adepois ele já escreveu o meu nome e coisa; no outro dia a seguir já mandou os empregados lá me pôr luz em casa.

- Mas era preciso pagar?

Ah filha, então?

- Para a instalação?

Sim senhora! Foi 8 contos! Sim senhora! nesse tempo...era escudos. Antes era reises mas depois passou para o escudo (...).

- O que fazia antigamente? Era agricultura?

Era agricultura desde pequeno. Ca enxada e foice na mão! E...olhe...e descalço até depois de ter 20 anos. Não havia botas de água, nesse tempo. Pa regar; era tudo descalços; de dia e de noite. Em cima do silvado; em cima da neve, que nesses tempos dava neve, por aqui quera uma coisa; isto ficava tudo raso de neve; esses picos, por aí afora. E nas casas; nos terreiros; por um lado e por outro; sim senhora. Olhe, e as televisões, não havia, lá em cima. Foi então quando eles meteram aquela antena de televisão no pico do Arco (...). Eu ganhava 600 escudos (...) o tal de meu primo, veio a casa minha, aqui na Boaventura: primo José, quer ir comigo pa se fazer uma casa? E depois eu fui assim: e como é que vai me pagar? Eu pago-lhe a 1000 escudos; comer; beber; água e luz. Ora, meu Deus do Céu, larguei o trabalho aqui e ála prá lá (...).

³¹ O sinal (...) indica que o informante se desviou do assunto principal. Não sendo relevante, não se transcreveu.

- A que horas acordava para ir trabalhar?

Era ao amanhecer... quando tava amanhecendo, já a gente tratava de ir dar dias fora. Cá nesse tempo, era de sol a sol. Não era como agora! Não havia hora de reservas...era de manhã à porta do dono (...) nesse tempo era a matina; matina e ceia; era a matina; almoço; jantar e ceia. A ceia era a última coisa quando se vinha para casa. (...).

- Os terrenos antigamente, nem todos tinham dono. As pessoas é que foram tomando conta, não foi?

Sabe o que era? O que é que aconteceu nesse tempo? os mais ricos, havia uns meninos da Ponta Delgada, que tinham aqui umas partes, em Boaventura. E, tinham os terrenos, e estes pobres que não tinham como pagar o terreno, foram fazendo... a partir...ou arrendado...ou o que desse. Metade era para o dono e metade era para quem trabalhava. O vinho...tudo! Era tudo partido. E depois então, quando veio esta Revolução do 25 de Abril, os que tavam na terra é que tomarem conta das terras. Sabe?... E aqui, Boaventura era mandado pela Ponta Delgada. Ponta Delgada é que mandava aqui, Boaventura. Então quando houve a separação, os outros foram simhora e aqui em cima, ficou separado. (...).

- As pessoas o que faziam para ganhar dinheiro? Era a agricultura, só?

Era a agricultura! E a nossa fartura, aqui em cima, era os vimes. Havia muitos vimes, nesse tempo... eles vinham comprar, pa levar pá Camacha. Pa um lado e pa outro. Isso era uma fortuna! Mas olhe, os vimes foram s'imbora; deu à costa; o vinho também nesse tempo, vendia-se, a muita gente, que compravam por 5 litros ou 1 litro; uma coisa assim... mas agora, isso foi tudo deitado abaixo. É proibido vender; é preciso ter o papel da agricultura (...).

- E a Ribeira do Porco? O que tem a dizer da Ribeira do Porco?

Eu penso que foi um porco; daquele tempo; que veio pela ribeira abaixo, numa enchente; antes havia porcos na serra; era porcos; e ovelhas; e cabras; e então a ribeira trouxe um porco e ficou gravado, a Ribeira do Porco.

- Mas aquilo lá, havia muita coisa... era uma fábrica de aguardente e de telha, não era?

Antes...a gente, fervia aguardente. Eu também ainda cheguei a ferver, graças a Deus! Tinha um caldeiro de ferver! Os aparelhos foram feitos no Estreito de Câmara de Lobos (...) chamava-se a bicha, e a passadeira, e a coisa de tapar o caldeiro, outra vez, uma

tampa! De tapar o caldeiro. E para sair a aguardente da passadeira pa ir pa bicha. A bicha, era uma ponte com água e uepois ia saindo aguardente.

- E havia lá o barco?

Os barcos era ali no Calhau. A carga. Antes eles serravam, os serradores, serravam nas serras. Por lá, tis grandes; uma coisa enorme; e vietagueiros, antes era proibido. Era preciso uma licença.

- Serravam o quê? vietagueiros?

Vietagueiros, era como a madeira de mogno; madeira vermelha; quiço era uma coisa...aaah! Os ladrões dos guardas não queriam que cortasse. Era preciso a licença, eles iam marcar; era daqui, dacolá; e então, mas bem... e então, acartavam a madeira; aqueles chaprões digraçados, pa travejamentos de casa e pa armações; pa armar e coisa; e acartavam às costas ali pa Ribeira do Porco.

- e depois ia no barco?

Onde tava o engenho; lá havia um engenho antes de moer cana; aqui daqui destes sítios, coisa enorme; e lá em cima também havia.

- E depois ia no barco?

Sim senhora, era.

- O Senhor lembra-se do barco?

Lembra-me mas eu era pequeno (...) era o Bútio e o Falcão, era a carvão, nesse tempo.

- E os barcos, só traziam cargas ou pessoas?

Traziam era comeres; de fora; do Funchal; mesmo no Funchal, antigamente, não havia carros nenhuns. Meu pai do céu, contava que quando veio o primeiro carro, do continente, aqui para a Madeira, foi lá uma mostra no Funchal, foi gente de todos os sítios, ver o triste do carro. Antes era tudo acartado a cavalo, cargas. E havia um comboio, o comboio do Funchal, lá pra cima para o Monte (...). Pa comprar alguma coisa, um tinha que ir pela serra lá pelo Curral das Freiras (...).

- Chegou a ir a São Vicente ou nem sequer era preciso?

Ai meu Deus, então? A pé!

- O que ia fazer a São Vicente?

Era cando era preciso. A primeira vez que fui lá...eu já tinha ido antes; foi quando fui à Junta (...).

- O Solar da Silveira?

Mas veja, tinha lá uma casa antiga, cando a gente andava na escola; em pequenos; a gente ia lá; acolá pela Silveira fora; ao cabo do coisa fora; pela Fajã Grande e por lá fora, pa ir lá, visitar essa casa. Ainda chegou a ter lá escola, nessa casa, Eles diziam que isso era pa fazer um centro, como aqui³², pa vir praqui; era pa fazer lá; mas isso foi deitado abaixo; ainda tá lá as paredes; ainda tá lá; tá lá abandonado (...).

- Há umas pessoas da Silveira que dizem que aparecia uma mulher nas janelas? Ouviu falar nisso?

(...) uns dizem isso mas olhe, depois da pessoa morrer pa aparecer, ninguém pode ver. Ahhh!

- Sabe de mais alguma lenda que contam...dessas?

Lendas? Aqui a nossa capela...a primeira capela que teve-se em Boaventura foi São Cristóvão (...) A igreja do Imaculado Coração de Maria, foi a primeira feita no mundo. Havia outras mais velhas; igrejas mais velhas; de Nossa Senhora, mas o Imaculado Coração de Maria, foi a nossa, a primeira! O inimigo, nesse tempo, oh meu Deus! quando era vivo meu pai do céu e os outros todos.

- Quem era o inimigo?

O inimigo incendiou aquilo tudo porcolá fora!

- Ah, era um senhor que se chamava inimigo?

O inimigo era o diabo! O demónio! Incendiou isso por aí fora que era para devorar a capela de Nossa Senhora. Adepois o senhor Bispo veio ali à beira, chama-se a Beira da Coadá, aqui no caminho antigo, e deitou a bênção e lá foi o inimigo s'ímbora; nesse tempo. Tá vendo?

- E lembra-se de mais alguma história assim?

³² Casa do Povo da Boaventura.

Isto foi contado por meu pai do céu, e minha mãe e os outros, mais velhos. Tudo viram, essa digrécia. Isso deu um incêndio, uma coisa por aí fora, levava vento; levava o lume de um lado para o outro pa devorar o sítio. Sabe?

(...)

- o senhora acha que desde o seu tempo, até agora, ouve muito desenvolvimento na Boaventura?

Oh muito! O que fez desenvolver Boaventura, foi a Venezuela, naquele tempo. Os primeiros que foram pra lá, foram de barco que não havia avião, era de barco e então deram em poipar o dinheiro que lá dava bastante (...)

- Sítio da Coadá sabe porque se chama esse nome?

(...) sempre impinado pra cima, quer dizer, não é sempre seguido, dá aí as voltas então chama-se a Coadá; o sítio que fica escuante, pra baixo; a Coadá.

(...)

- Caminho da Siqueada?

Da Siqueada? Sabe o que é? Agente fala aqui e retine na outra parte lálém (...)

- Ah, faz eco? Sim...

É como lá em cima na Carapita; um que chega lá, na rocha alta, a caminho de ir pá serra, pau Funchal a gente fala lá e retine lálém, parece um altifalante.

- Estrada do Portal da Serra?

Ora o Portal da Serra; era lá em cima; era ali no... a seguir da Falca de Cima, diz que havia lá uma cancela, nesse terreno que a gente temos lá, pa tapar o gado, daí pra cima, o Lombo do Urzal e Achada da Madeira, era tudo cabras e ca...o gado que havia aí, e então áqu' eles deram em fazer as casas lá em cima, e ainda meu pai contava que tava lá a cancela perque o gado não vir cá pa baixo (...). Meu pai, «»³³ tristeza era aquilo, pa levar uma rede, uma pessoa doente daqui, pa descer o Curral das Freiras e subir à Boca dos Namorados e pa ir pau Estreito de Câmara de Lobos pau só doutore. (...) Chegavam lá

³³ Impercetível.

com o ombro a escorrer sangue. Aqui era duas pessoas: um à frente e outro atrás; e ia um de folga pa levar um ou outro, no caminho. Depois de passar tanto terreno digraçado.

Entrevista conjunta ³⁴

Local e data da recolha: Boaventura, 24/05/2024

Informante nr. 2³⁵

Sexo: masculino

Idade: 87 anos

Informante nr. 3

Sexo: feminino

Idade: 95 anos

Informante nr. 4

Sexo: feminino

Idade: 76 anos

Informante nr. 5

Sexo: feminino

Idade: 79 anos

- Caminho José Vicente Neves

O lombinho era só daquela família.

- Caminho Ponte da Paulinha

Era uma senhora que lá vivia. Havia duas meninas Paulinhas (ricas) aí ficou a ponte da Paulinha porque era a Ponte que ia para a casa dela.

- Estrada Municipal Banda do Sol

Assim que o sol nasce do sol.

- Caminho Fonte Boneca

³⁴ A entrevista conjunta teve como objetivo principal investigar a possível origem de alguns nomes que são topónimos da freguesia; o conhecimento que têm da Casa da Silveira, como escrevem o nome e o motivo da freguesia se chamar Boaventura. Apenas a resposta foi transcrita.

³⁵ Informante da Entrevista 2.

Muitos anos, uma senhora tinha uma menina doente e ofereceram-lhe uma boneca que falou à menina. Atualmente está na igreja em que a informante nr. 3 julga que é a Nossa Senhora do Carmo.

- Caminho Pitas

Porque vivia a família dos Pitas em que a informante nr. 4 é dessa família

- Cabouco

Fica num ribeiro. É um cabouco

- Escaleira das Paredes

Porque é tudo a subir. Antigamente, não utilizavam Escaleira. Era somente Paredes. Ao colocarem as placas toponímicas, acrescentaram escaleira.

- Caminho Pico da Vigia

Antigamente era terra dos senhorios e provavelmente onde se colocavam para ver os outros terrenos.

- Caminho da Achada do Linho

Onde semeavam o linho. Pela Fajã do Penedo colocavam a courar na ribeira. Faziam cobertas e toalhas de linho.

- Rossada

Não sabem porque se chama assim.

- Terra Tinho

Nas finanças estava Terra Ratinho e cortaram o nome

- Serra de água

Consideram nome antigo, desconhecendo o motivo.

- Sítio da Silveira

Desconhecem o motivo.

- Caminho Quicos

Eram umas pessoas que se chamavam Quicos.

- Casa da Silveira

Havia gente que iam para lá passar. A informante nr. 4 recorda-se que quando foi saloia esteve lá pois receberam o Divino Espírito Santo, mas não recorda quem foram os donos. O Informante nr. 2 refere que lá havia uma escola e ainda refere que era com a professora Susana.

- Como escrevem Boaventura

Informante nr. 2; nr. 4 e nr. 5 referem que escrevem aglutinado.

- Hipótese porque acham que Boaventura tem o seu nome.

Informante nr. 4 e nr. 5 não sabem. Informante nr. 2 refere que os fidalgos que vieram e chegaram à Boca das Torrinhas e apanharam aquele ar puro e assim chamaram Boa aventura...

Perante a sugestão de que o nome da freguesia se deve a um santo, São Boaventura, a Informante n.º 4 afirma que o orago da freguesia é Santa Quitéria, apesar de São Boaventura estar presente na igreja.

ANEXOS

REPÚBLICA PORTUGUESA

CÉDULA PESSOAL

Ano de /

N.º 142568 (Série A)

NASCIMENTO

Manoel Gomes dos Santos
filho de Francisco Gomes dos Santos
e de Francisca ...
nasceu em Boa Ventura ...
aos 20 de Agosto de 1899 como se
vê do registo n.º 60 a fl. 29 do ano de 1899
São Vicente, em ... 20 de
Novembro de 1924

Junta do Registo Civil,
J. T. ...

Imprensa Nacional

Anexo 1 - Cédula de nascimento, 1924

“Manoel Gomes dos Santos filho de Francisco Gomes dos Santos e Francisca ... nasceu em Boa Ventura... aos 20 de agosto de 1899 como se vê no registo nº 60 a fl. 29 do ano 1899 São Vicente, em ..., 20 de novembro 1924”

Fonte: Junta de Freguesia de Boaventura, 2024

JUNTA DE FREGUESIA DE BOAVENTURA

Edital

Brasão, bandeira e selo branco

Maria Helena Nunes, presidente da Junta de Freguesia de Boaventura, município de São Vicente, Região Autónoma da Madeira:

Torna pública a ordenamento heráldica do brasão, bandeira e selo branco da freguesia de Boaventura, tendo em conta o parecer emitido pela Comissão de Heráldica da Associação dos Arqueólogos Portugueses, nos termos da Lei n.º 53/91, de 7 de Agosto, e que foi aprovada, sob proposta da Junta de Freguesia, em sessão da Assembleia de Freguesia, efectuada a 28 de Agosto de 1996.

Brasão — escudo de prata, ilhéu de três picos de negro, realçado do campo é movente de um pé ondeado de verde e prata, acompanhado de dois cachos de uvas de púrpura, folhados de verde, alinhados em faxixa; em chefe, uma palma verde posta em faixa. Coroa mural de prata de três torres. Listel branco com a legenda a negro, em maiúsculas «BOAVENTURA».

Bandeira — verde. Cordão e borlas de prata e verde. Haste e lança de ouro.

Selo — nos termos da lei, com a legenda «Junta de Freguesia de Boaventura — São Vicente».

Junta de Freguesia de Boaventura, 28 de Agosto de 1996. — A Presidente, *Maria Helena Nunes*. 1-1-4262

Anexo 2 - Edital do Diário da República - III SÉRIE, 23-1096

Fonte: Junta de Freguesia da Boaventura, 2024

DIA DA FREGUESIA
de Boa Ventura
18 DE NOVEMBRO
Música nas Ruínas

PROGRAMA

17H00 Recepção das entidades na Junta de Freguesia
18H00 Missa Solene na Igreja Paroquial da Boaventura
20H00 Concerto "Música nas Ruínas" – Grupo Xarabanda – Edifício da Casa do Povo de Boaventura
21H00 Convívio com a população

ORGANIZAÇÃO
 **LOCAL: CASA DO POVO DE BOAVENTURA**

Anexo 3 - Dualidade de grafia no cartaz produzido para o aniversário da Freguesia

Fonte: Rede Social da Junta de Freguesia, 2024

TRAIL BOA VENTURA 2024

INSCRIÇÕES ABERTAS

ACEDA AO SITE
WWW.TRAILBOAVENTURA.COM

CIRCUITO TRAIL MADEIRA

14 JANEIRO 2024

TC - Electrolouro 10km 09:15H Centro de Boa Ventura	TL - North Gardens 25km 09:00H Centro de Boa Ventura
--	---

ORGANIZAÇÃO:  PARCEIROS:  APOIOS:  ASSOCIAÇÕES/CIRCUITOS: 

www.trailboaventura.com   [trailboaventura](https://www.instagram.com/trailboaventura)

Anexo 4 - Grafia justaposta do topónimo “Boa Ventura” no cartaz do Trail, 2024

Fonte: Rede Social da Junta de Freguesia, 2024

Orientação

Boa Ventura | Fajã do Penedo

07 de abril de 2024

Partidas a partir das 10:30h


Ranking Regional Madeira 2024


Urbano




Percursos Abertos para Iniciantes na modalidade
(individual ou em grupo)

Mais informações e inscrições

 <https://www.retoica.com>

 <https://www.facebook.com/retoica>

 associacaoretoica@gmail.com



Anexo 5 - Cartaz da Junta de Freguesia da prova de orientação onde está patente a grafia justaposta

Fonte: Rede Social da Junta de Freguesia, 2024



Anexo 6 - Cartaz produzido para a Casa do Povo da Boaventura onde está patente a grafia aglutinada

Fonte: Casa do Povo da Boaventura, 2024

BOAVENTURA FEIRA DAS SOPAS DO CAMPO 2024

ORGANIZADO PELA CASA DO POVO DE BOAVENTURA

15 DE JUNHO SÁBADO

- 13H00 - ABERTURA
- 13H30 - DUPLA AVELINO E DANIEL
- 15H00 - GRUPO O BRINQUINHO
- 16H00 - GRUPO DE CORDAS DA FAJÁ DA OVELHA
- 17H00 - ABERTURA COM AS ENTIDADES OFICIAIS
- 17H30 - BANDA FILARMÓNICA
- 18H00 - GRUPO DE FOLCLORE MONTE VERDE
- 19H00 - GRUPO SECA PIPAS
- 20H00 - MICAELA SETIM
- 21H30 - GRUPO SECA PIPAS
- 22H00 - SONS DO MINHO
- 23H30 - GRUPO MUSICAL AMIGOS DA MÚSICA

16 DE JUNHO DOMINGO

- 12H00 - REABERTURA
- 13H00 - HOMENAGEM AOS ANCESTRAIS DA FREGUESIA DE BOAVENTURA
- 14H00 - FITNESS TEAM
- 15H00 - BANDA FILARMÓNICA
- 15H30 - GRUPO DE FOLCLORE DA CASA DO POVO DE GAULA
- 16H30 - BANDA FILARMÓNICA
- 17H00 - D'REPENTE
- 18H30 - JORGE GUERREIRO
- 19H45 - BANDA FILARMÓNICA
- 20H00 - TRIOVA VOICES

Artistas e Grupos em Destaque:

- D'REPENTE (17H00)
- JORGE GUERREIRO (18H30)
- TRIOVA VOICES (20H00)
- SECA PIPAS (19H00)
- MICAELA SETIM (20H00)
- SONS DO MINHO (22H00)

Logotipos de Apoio e Patrocínio:

- Organização: Casa do Povo de Boaventura
- Patrocínio: Município de São Vicente
- Apoio: Associação de Municípios da Região de Alentejo, Associação de Municípios da Região de Alentejo, Associação de Municípios da Região de Alentejo
- Patrocínio: adrama
- Financiamento: Portugal 2020

Anexo 7 - Evento organizado pela Casa do Povo. Podemos verificar a grafia aglutinada

Fonte: Casa do Povo da Boaventura, 2024

Relatório Códigos Postais associados a Postos de Recenseamento
311001 Ilha da Madeira > São Vicente > Boa Ventura

9240 011 - BOA VENTURA	
Achada da Madeira	A
Estrada Achada da Madeira, Achada da Madeira	A
Vereda Achada da Madeira, Achada da Madeira	A
9240 012 - BOA VENTURA	
Achada do Castanheiro	-
Caminho Beira da Achada do Castanheiro, Achada do Castanheiro	-
Caminho Bica, Achada do Castanheiro	-
Caminho Casal da Achada do Castanheiro, Achada do Castanheiro	-
Caminho Casas, Achada do Castanheiro	-
Caminho Currais, Achada do Castanheiro	-
Caminho José Vicente Neves, Achada do Castanheiro	-
Caminho Lajinhas, Achada do Castanheiro	-
Caminho Lombo da Achada do Castanheiro, Achada do Castanheiro	-
Caminho Ponte da Paulinha, Achada do Castanheiro	-
Entrada Achada do Castanheiro, Achada do Castanheiro	-
Estrada Achada do Castanheiro, Achada do Castanheiro	-
Estrada Cabo Ribeira, Achada do Castanheiro	-
Estrada Regional Banda do Sol, Achada do Castanheiro	-
Ladeira Laranjeiras, Achada do Castanheiro	-
Vereda Lombo, Achada do Castanheiro	-
9240 013 - BOA VENTURA	
Achada do Pereiro	-
Caminho Achada do Pereiro, Achada do Pereiro	-
Caminho Esmoitada da Ribeira, Achada do Pereiro	-
Caminho Levada do Cano, Achada do Pereiro	-
Caminho Lombo dos Ferreiros, Achada do Pereiro	-
Entrada Lombo dos Ferreiros, Achada do Pereiro	-
Vereda Serra, Achada do Pereiro	-
9240 014 - BOA VENTURA	
Achada Grande	A
Caminho Achada Grande, Achada Grande	A
Caminho Cova, Achada Grande	A
Caminho Lombo do Tanque, Achada Grande	A
Caminho Terra do Trigo, Achada Grande	A

Relatório Códigos Postais associados a Postos de Recenseamento

311001 Ilha da Madeira > São Vicente > Boa Ventura

9240 014 - BOA VENTURA

Estrada Achada Grande, Achada Grande	A
Estrada Fundo do Tanque, Achada Grande	A
Estrada Manuel Vicente Xavier, Achada Grande	A
Vereda Lombo da Achada Grande, Achada Grande	A

9240 015 - BOA VENTURA

Achadinha	A
Caminho Achadinha, Achadinha	A
Caminho Baixo, Achadinha	A
Caminho Encontro, Achadinha	A
Caminho Meio, Achadinha	A
Estrada Cardo, Achadinha	A
Estrada Regional Pedro Gomes de Galdo, Achadinha	A
Ladeira Achadinha de Baixo, Achadinha	A
Vereda Laranjeiras, Achadinha	A
Vereda Portada, Achadinha	A

9240 017 - BOA VENTURA

Cabo da Ribeira	-
Caminho Antigo do Cabo da Ribeira, Cabo da Ribeira	-
Caminho Casais, Cabo da Ribeira	-
Caminho Fonte Boneca, Cabo da Ribeira	-
Caminho Fonte, Cabo da Ribeira	-
Caminho Pitas, Cabo da Ribeira	-
Caminho Saltinho, Cabo da Ribeira	-
Caminho Serra, Cabo da Ribeira	-
Estrada Achada do Castanheiro, Cabo da Ribeira	-
Estrada Cabo Ribeira, Cabo da Ribeira	-
Estrada Municipal Pastel, Cabo da Ribeira	-

9240 022 - BOA VENTURA

Caminho Esmoitada da Ribeira, Esmoitada da Ribeira	A
Esmoitada da Ribeira	A

9240 023 - BOA VENTURA

Caminho Arrebentão, Fajã do Penedo	A
Caminho Lanço, Fajã do Penedo	A
Caminho Lombo da Fajã do Penedo, Fajã do Penedo	A
Caminho Lombo, Fajã do Penedo	A
Caminho Novo da Fajã do Penedo, Fajã do Penedo	A

Relatório Códigos Postais associados a Postos de Recenseamento**311001 Ilha da Madeira > São Vicente > Boa Ventura****9240 023 - BOA VENTURA**

Caminho Ribeirinho, Fajã do Penedo	A
Entrada Portada, Fajã do Penedo	A
Estrada Falca, Fajã do Penedo	A
Estrada Regional Pedro Gomes de Galdo, Fajã do Penedo	A
Fajã do Penedo	A
Ladeira Achada, Fajã do Penedo	A
Rua Portada, Fajã do Penedo	A
Travessa Fajã do Penedo, Fajã do Penedo	A
Travessa Lombo, Fajã do Penedo	A
Travessa Portada, Fajã do Penedo	A
Travessa Ribeirinho, Fajã do Penedo	A
Vereda Fajãzinha, Fajã do Penedo	A

9240 025 - BOA VENTURA

Caminho Fundo da Fajã Grande, Fajã Grande	A
Entrada Fajã Grande, Fajã Grande	A
Escadas Serrado, Fajã Grande	A
Estrada Cardo, Fajã Grande	A
Estrada Regional Pedro Gomes de Galdo, Fajã Grande	A
Fajã Grande	A
Travessa Fajã Grande, Fajã Grande	A
Travessa Fundo da Achada, Fajã Grande	A

9240 026 - BOA VENTURA

Caminho Beira, Falca de Baixo	A
Caminho Fonte da Falca, Falca de Baixo	A
Caminho Meio da Falca, Falca de Baixo	A
Caminho Moinho, Falca de Baixo	A
Caminho Sagrada Família, Falca de Baixo	A
Estrada Falca, Falca de Baixo	A
Falca de Baixo	A
Impasse Partilha, Falca de Baixo	A
Rua Caminho Real da Falca, Falca de Baixo	A

9240 027 - BOA VENTURA

Caminho Antigo da Falca de Cima, Falca de Cima	A
Caminho Rochões, Falca de Cima	A
Estrada Falca, Falca de Cima	A
Estrada Manuel Vicente Xavier, Falca de Cima	A

Relatório Códigos Postais associados a Postos de Recenseamento
311001 Ilha da Madeira > São Vicente > Boa Ventura

9240 027 - BOA VENTURA

Falca de Cima	A
Travessa Falca de Cima, Falca de Cima	A
Vereda Lombo da Achada Grande, Falca de Cima	A

9240 028 - BOA VENTURA

Caminho Antigo da Igreja, Igreja	-
Caminho Antigo do Cemitério, Igreja	-
Caminho Beira da Achada, Igreja	-
Caminho Cabouco, Igreja	-
Caminho Escola da Calçada, Igreja	-
Caminho Escola, Igreja	-
Caminho Lombo do Serrão, Igreja	-
Caminho Pastel, Igreja	-
Caminho Pico, Igreja	-
Estrada Achada do Castanheiro, Igreja	-
Estrada Cemitério, Igreja	-
Estrada Regional Pedro Gomes de Galdo, Igreja	-
Igreja	-
Ladeira Pastel, Igreja	-
Rua Calvário, Igreja	-
Rua Vale, Igreja	-
Travessa Beira da Achada, Igreja	-

9240 030 - BOA VENTURA

Caminho Achada, Lamaceiros	A
Caminho Antigo dos Lamaceiros, Lamaceiros	A
Caminho Lamaceiros, Lamaceiros	A
Caminho Levada dos Tornos, Lamaceiros	A
Entrada Lamaceiros, Lamaceiros	A
Estrada Municipal Lamaceiros, Lamaceiros	A
Lamaceiros	A

9240 032 - BOA VENTURA

Escaleira das Paredes, Levada de Baixo	-
Caminho Achada do Linho, Levada de Baixo	-
Caminho Pico da Vigia, Levada de Baixo	-
Estrada Municipal Lombadinha, Levada de Baixo	-
Estrada Regional Banda do Sol, Levada de Baixo	-
Levada de Baixo	-

Relatório Códigos Postais associados a Postos de Recenseamento

311001 Ilha da Madeira > São Vicente > Boa Ventura

9240 033 - BOA VENTURA

Escaleira das Paredes, Levada de Cima	-
Caminho Vista da Levada, Levada de Cima	-
Estrada Levada, Pares de 14 a 28, Levada de Cima	-
Estrada Regional Banda do Sol, Pares de 8 a 8, Levada de Cima	-
Travessa Levada, Levada de Cima	-

9240 035 - BOA VENTURA

Caminho Aviso, Lombadinha	-
Caminho Casa do Meio, Lombadinha	-
Caminho Rego, Lombadinha	-
Estrada Municipal Lombadinha, Lombadinha	-
Estrada Vista do Senhor do Bom Jesus, Lombadinha	-
Lombadinha	-

9240 036 - BOA VENTURA

Caminho Eira, Lombo do Urzal	A
Caminho Lombo da Falca, Lombo do Urzal	A
Caminho Lombo do Urzal, Lombo do Urzal	A
Estrada Falca, Lombo do Urzal	A
Lombo do Urzal	A
Vereda Lombo do Urzal, Lombo do Urzal	A

9240 037 - BOA VENTURA

Caminho Pastel, Pastel	-
Estrada Municipal Pastel, Pastel	-
Pastel	-

9240 041 - BOA VENTURA

Caminho Antigo do Pomar, Pomar	-
Caminho Laje Vermelha, Pomar	-
Caminho Laranjeiras, Pomar	-
Entrada Pomar, Pomar	-
Escadas Eirinha, Pomar	-
Estrada Achada do Castanheiro, Pomar	-
Estrada Portal da Serra, Pomar	-
Estrada Regional Banda do Sol, Pomar	-
Estrada Regional Pedro Gomes de Galdo, Pomar	-
Estrada Vista do Senhor do Bom Jesus, Pomar	-
Pomar	-
Rua Barreira, Pomar	-

Relatório Códigos Postais associados a Postos de Recenseamento

311001 Ilha da Madeira > São Vicente > Boa Ventura

9240 041 - BOA VENTURA	
Rua Eirinha, Pomar	-
Travessa Pomar, Pomar	-
9240 042 - BOA VENTURA	
Caminho Lamaceiros, Quebradas	A
Caminho Quebradas, Quebradas	A
Estrada Municipal Serra de Água, Quebradas	A
Quebradas	A
9240 043 - BOA VENTURA	
Caminho Rossada, Rossada	-
Estrada Municipal Pastel, Rossada	-
Rossada	-
Vereda Origem da Levada, Rossada	-
9240 044 - BOA VENTURA	
Caminho Entrosa, São Cristóvão	-
Caminho São Cristóvão, São Cristóvão	-
Caminho Terra Tinho, São Cristóvão	-
Estrada Municipal São Cristóvão, São Cristóvão	-
Rua Barreira, São Cristóvão	-
São Cristóvão	-
9240 045 - BOA VENTURA	
Caminho Antigo da Serra de Água, Serra de Água	A
Caminho Pedra dos Bonitos, Serra de Água	A
Caminho Porta Cantana, Serra de Água	A
Estrada Municipal Serra de Água, Serra de Água	A
Serra de Água	A
9240 046 - BOA VENTURA	
Caminho Coadá, Serrão	-
Caminho Escola da Calçada, Serrão	-
Caminho Fundo do Ulheiro, Serrão	-
Caminho Passada, Serrão	-
Entrada Lombo, Serrão	-
Entrada Serrão, Serrão	-
Estrada Municipal São Cristóvão, Serrão	-
Estrada Regional Pedro Gomes de Galdo, Serrão	-
Rua Casa do Povo, Serrão	-
Rua Solar, Serrão	-

Relatório Códigos Postais associados a Postos de Recenseamento

311001 Ilha da Madeira > São Vicente > Boa Ventura

9240 046 - BOA VENTURA	
Rua Vale, Serrão	-
Serrão	-
Travessa Serrão, Serrão	-
9240 047 - BOA VENTURA	
Caminho Eira da Silveira, Silveira	A
Caminho Siqueada, Silveira	A
Estrada Municipal Silveira, Silveira	A
Estrada Regional Pedro Gomes de Galdo, Silveira	A
Silveira	A
9240 048 - BOA VENTURA	
Estrada Cardo, Silveira-Cabeço	A
Estrada Municipal Cabeço, Silveira-Cabeço	A
Silveira-Cabeço	A
Vereda Cabeço, Silveira-Cabeço	A
9240 049 - BOA VENTURA	
Caminho Antigo da Travessa, Travessa	-
Caminho Coadá, Travessa	-
Caminho Quicos, Travessa	-
Caminho Rocha do Sabino, Travessa	-
Caminho Serrado, Travessa	-
Entrada Travessa, Travessa	-
Estrada Municipal Travessa, Travessa	-
Estrada Regional Pedro Gomes de Galdo, Travessa	-
Ladeira Travessa, Travessa	-
Travessa	-

Anexo 8 - Relatório de Códigos Postais associados a Postos de Recenseamento da freguesia em estudo. Corresponde à Lista 1.

Fonte: Junta de Freguesia da Boaventura, 2019

Vereda da Achada da Madeira



Eixo viário em vereda rural com piso parcialmente em cimento, parcialmente com iluminação pública e com circulação pedonal que liga a Achada da Madeira ao Lombo do Urzal.



Estrada da Achada da Madeira



Eixo viário com piso em asfalto, com iluminação pública e com circulação automóvel que liga a ER 232 – Estrada da Falca – Estrada da Falca à Achada da Madeira.



Rua do Lombo da Falca



Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e com circulação automóvel que liga a ER 232 – Estrada da Falca à parte mais elevada do Lombo do Urzal.



Rua do Lombo do Urzal



Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e com circulação automóvel que liga Rua do Lombo da Falca ao Lombo do Urzal.



Caminho das Esmoitadas do Perdigal



Eixo viário com piso parcialmente em cimento, parcialmente com iluminação pública e com circulação pedonal que parte do Lombo do Urzal a algumas casas e se prolonga por terrenos agrícolas.





1ª Entrada do Lombo do Urzal



Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e com circulação pedonal que liga a Rua do Lombo do Urzal a algumas casas.



2ª Entrada do Lombo do Urzal



Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e com circulação pedonal que liga a Rua do Lombo do Urzal a algumas casas.

Caminho dos Rochões



Eixo viário que na sua parte urbanizada possui piso em cimento, iluminação pública e circulação automóvel e posteriormente segue para a serra e terrenos agrícolas em vereda.



Travessa da Falca de Cima



Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e com circulação pedonal que liga ER 232 – Estrada da Falca à Estrada Manuel Vicente Xavier.



Estrada Manuel Vicente Xavier



Eixo viário com piso em asfalto, com iluminação pública e com circulação automóvel que liga a ER 232 – Estrada da Falca à Achada Grande.





Vereda do Lombo da Achada Grande

Vereda rural com piso em cimento, com circulação pedonal que liga a Estrada Manuel Vicente Xavier ao Caminho Antigo da Falca de Cima.



Caminho da Terra de Trigo

Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e com circulação pedonal que liga ER 232 – Estrada da Falca ao Caminho da Achada Grande.



Caminho da Achada Grande

Eixo viário com piso parcialmente em cimento, parcialmente com iluminação pública e com circulação pedonal que liga a Achada Grande à Falca.



Caminho da Cova

Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e com circulação pedonal que une dois pontos da Estrada Manuel Vicente Xavier.



Caminho do Lombo do Tanque

Eixo viário que no seu troço urbanizado possui piso em cimento, com iluminação pública e com circulação pedonal que liga Estrada Manuel Vicente Xavier a Rua da Achada Grande.





Rua da Achada Grande

Eixo viário com piso em asfalto, parcialmente com iluminação pública e com circulação automóvel que tem um percurso “circular” na Achada Grande.



Rua do Fundo do Tanque

Eixo viário com piso em asfalto, sem iluminação pública e com circulação automóvel que liga a Rua da Achada Grande ao Fundo do Tanque.



Caminho Antigo da Falca de Cima

Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e com circulação pedonal que percorre a Falca de Cima e liga 2 pontos da ER 232 – Estrada da Falca.



Caminho da Escola da Falca

Eixo viário com piso em asfalto, sem iluminação pública e com circulação automóvel que liga a ER 232 – Estrada da Falca à antiga escola.



Rua da Falca

Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e parcialmente com circulação automóvel que liga 2 pontos da ER 232 – Estrada da Falca atravessando a Falca.





Caminho do Moinho

Eixo viário agrícola com piso em terra, sem iluminação pública e com circulação pedonal que liga a Falca a terrenos agrícolas.



Caminho da Partilha

Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e com circulação pedonal que liga a Rua da Falca ao Caminho Pé da Barranca.



Rua Direita

Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e com circulação pedonal que liga a Rua da Falca ao Caminho Pé da Barranca.



Caminho do Fontanário

Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e com circulação pedonal que liga a Rua da Falca ao Caminho do Redondo.



Caminho da Sagrada família

Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e com circulação pedonal que liga o Caminho do Fontanário ao caminho da Achada Grande.





Caminho do Redondo

Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e com circulação pedonal que liga o Caminho do Fontanário ao Caminho do Pé da Barranca.



Caminho do Poço

Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e com circulação pedonal que liga o Caminho do Redondo à ER 232 – Estrada da Falca.



Travessa do Poço

Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e com circulação pedonal que liga o Caminho do Poço ao Caminho do Redondo.



Caminho do Pé da Barranca

Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e com circulação pedonal que liga o Caminho do Redondo ao Caminho da Partilha.



Caminho da Fonte Velha

Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e com circulação pedonal que liga o Caminho do Poço à Travessa do Carmo.





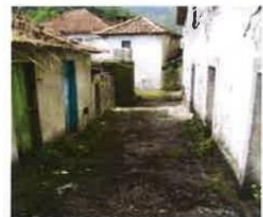
Vereda da Levada

Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e com circulação pedonal que liga o Caminho da Fonte Velha ao Caminho da Achada Grande.



Travessa da Fonte

Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e com circulação pedonal que liga o Caminho da Sagrada Família ao da Fonte Velha.



Travessa do Carmo

Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e com circulação pedonal que liga a Rua da Falca ao Caminho da Sagrada Família.



Caminho da Beira

Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e com circulação pedonal que liga Rua da Falca a algumas casas.



Caminho da Achada Grande

Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e com circulação pedonal que liga a Falca, junto à igreja, à Achada Grande.





**Caminho da
Esmoitada da
Ribeira**

Eixo viário com piso parcialmente em cimento, sem iluminação pública e com circulação pedonal que liga a Falca ao Lombo dos Ferreiros.



**Vereda da
Fajãzinha**

Eixo viário rural com piso em cimento, com circulação pedonal que liga a ER 101 – Pedro Gomes de Galdo ao Caminho Novo da Fajã do Penedo.



Ladeira da Achada

Eixo viário com piso em cimento, em escada e com circulação pedonal que liga o Caminho Novo da Fajã do Penedo a algumas casas e terrenos agrícolas.



Rua do Ribeirinho

Eixo viário com piso em asfalto, com iluminação pública e com circulação automóvel que liga Caminho Novo da Fajã do Penedo a Rua da Portada.



**Caminho do
Arrebetão**

Eixo viário que no seu troço urbanizado com piso em cimento, com iluminação pública e com circulação pedonal que liga Caminho Novo da Fajã do Penedo à ER 232 – Estrada da Falca.





Rua da Portada

Eixo viário com piso em asfalto, com iluminação pública e com circulação automóvel que liga o Caminho Novo da Fajã do Penedo a Rua do Lanço.



Caminho do Lombo da Fajã do Penedo

Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e com circulação pedonal que liga o Caminho Novo da Fajã do Penedo ao Lombo da Fajã do Penedo.



Travessa do Lombo da Fajã do Penedo

Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e com circulação pedonal que cruza perpendicularmente o Caminho do Lombo da Fajã do Penedo.



Entrada do Lombo

Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e com circulação pedonal que cruza perpendicularmente o Caminho do Lombo.



Caminho do Lombo

Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e com circulação pedonal que parte do Caminho Novo da Fajã do Penedo.





Travessa da Fajã do Penedo

Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e com circulação pedonal que liga a Rua da Portada ao Caminho Novo da Fajã do Penedo.



Travessa do Ribeirinho

Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e com circulação pedonal que liga a Rua da Portada a Rua do Ribeirinho.



Entrada da Portada

Eixo viário com piso em cimento, sem iluminação pública e com circulação pedonal que parte da Rua da Portada e serve algumas casas.



Travessa da Portada

Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e com circulação pedonal que liga Rua da Portada a Rua do Ribeirinho.



Caminho do Lanço

Eixo viário com piso em asfalto, com iluminação pública e com circulação automóvel que liga Fajã do Penedo ao Caminho dos Lamaceiros.





Estrada Municipal da Serra de Água

Eixo viário com piso em asfalto, com iluminação pública e com circulação automóvel que liga a Rua do Lanço à Serra de Água.



Caminho Antigo da Serra de Água

Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e com circulação pedonal que liga a Estrada Municipal da Serra de Água ao interior do sítio da Serra de Água.



Vereda da Serra de Água

Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e com circulação pedonal que parte do Caminho Antigo da Serra de Água.



Caminho da Porta Cantana

Caminho com piso parcialmente em cimento, parcialmente com iluminação pública e com circulação pedonal que liga a Serra de Água a um sítio localmente apelidado de "Porto Santo" (por ser isolado).



Caminho da Pedra dos Bonitos

Eixo viário que na sua parte edificada tem piso em cimento, iluminação pública e com circulação pedonal que liga a Serra de Água a casas e terrenos agrícolas.





Caminho dos Lamaceiros

Eixo viário com piso em cimento e asfalto, com iluminação pública e com circulação automóvel que liga a Rua do Lanço às Quebradas e ao centro dos Lamaceiros.



Estrada Municipal dos Lamaceiros

Eixo viário com piso em asfalto, com iluminação pública e com circulação automóvel que parte do Caminho dos Lamaceiros e contorna o sítio dos Lamaceiros.



Caminho da Levada dos Tornos

Eixo viário de serra em terra batida e com circulação automóvel (jipe) que liga Lamaceiros à Levada dos Tornos.



Entrada dos Lamaceiros

Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e com circulação pedonal que parte da Estrada Municipal dos Lamaceiros e serve algumas casas.



Caminho das Quebradas

Eixo viário com piso em cimento, com circulação automóvel que liga Caminho dos Lamaceiros às Quebradas.





Travessa da Fajã Grande

Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e com circulação pedonal que liga o Caminho do Fundo da Fajã Grande à ER 101 – Pedro Gomes de Galdo.



Entrada Fajã Grande

Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e com circulação pedonal que parte da ER 101 – Pedro Gomes de Galdo e serve algumas casas.



Caminho da Trincha

Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e com circulação pedonal que liga ER 101 – Pedro Gomes de Galdo ao Caminho do Meio.



Caminho do Meio

Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e com circulação pedonal que liga o Caminho da Trincha à Ladeira da Achadinha de Baixo.



Travessa da Achadinha

Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e com circulação pedonal que liga o Caminho do Meio ao Caminho de Baixo.





Caminho de Baixo

Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e com circulação pedonal com percurso paralelo ao Caminho do Meio, ligando também à Ladeira da Achadinha de Baixo.



Escada do Serrado

Eixo viário com piso em cimento e empedrado, com circulação pedonal que liga o Caminho de Baixo a Estrada do Cardo.



Caminho das Laranjeiras

Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e com circulação pedonal que liga o Caminho de Baixo a Estrada do Cardo.



Ladeira da Achadinha de Baixo

Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e com circulação pedonal que liga a ER 101 – Pedro Gomes de Galdo ao Caminho das Laranjeiras.



Caminho da Achadinha

Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e com circulação pedonal que parte da ER 101 – Pedro Gomes de Galdo e serve algumas casas e terrenos agrícolas.





Estrada Municipal do Cabeço

Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e com circulação automóvel que parte da ER 101 – Pedro Gomes de Galdo e percorre o sitio do Cabeço.



Vereda do Cabeço

Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e com circulação pedonal que atravessa o Cabeço.



Caminho da Siqueada

Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e com circulação pedonal que liga a ER 101 – Pedro Gomes de Galdo à Silveira.



Estrada Municipal da Silveira

Eixo viário com piso em asfalto, com iluminação pública e com circulação automóvel que liga a ER 101 – Pedro Gomes de Galdo à Silveira.



Caminho da Eira da Silveira

Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e com circulação pedonal que liga a Estrada Municipal da Silveira a algumas casas na Eira da Silveira.





Vereda da Portada

Eixo viário com piso em terra e com circulação pedonal que desce para o Cardo a partir do Solar da Silveira.



Estrada do Cardo

Eixo viário com piso em asfalto, com iluminação pública e com circulação automóvel que liga a ER 101 – Pedro Gomes de Galdo ao calhau junto ao Caminho da Entrosa.



Travessa do Fundo da Achada

Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e com circulação pedonal que liga a ER 101 – Pedro Gomes de Galdo a Estrada do Cardo.



Caminho do Fundo da Fajã Grande

Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e com circulação pedonal que liga 2 pontos da Estrada do Cardo no Fundo da Fajã Grande.



Caminho do Lombo dos Ferreiros

Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e com circulação pedonal que liga a ER 101 – Pedro Gomes de Galdo ao Lombo dos Ferreiros.





Entrada do Lombo dos Ferreiros

Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e com circulação pedonal que liga o caminho do Lombo dos Ferreiros a algumas casas.



Escada do Serrado (Lombo dos Ferreiros-Travessa)

Eixo viário com piso empedrado, com iluminação pública e com circulação pedonal que liga o Lombo dos Ferreiros à Travessa.



Ladeira da Travessa

Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e com circulação pedonal que liga a ER 101 – Pedro Gomes de Galdo à Travessa.



Caminho da Rocha do Sabino

Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e com circulação pedonal que liga ER 101 – Pedro Gomes de Galdo à Travessa.



Caminho da Levada do Cano

Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e com circulação pedonal que liga a ER 101 – Pedro Gomes de Galdo ao Caminho da Achada do Pereiro.





Caminho da Achada do Pereiro

Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e com circulação pedonal com percurso paralelo à ER 101 – Pedro Gomes de Galdo e que passa na Achada do Pereiro e na “Santinha”.



Caminho da Serra

Eixo viário com piso em terra, com iluminação pública e com circulação pedonal que liga o caminho da Achada do Pereiro a algumas casas.

Estrada Municipal da Travessa

Eixo viário com piso em asfalto, com iluminação pública e com circulação automóvel que liga a ER 101 – Pedro Gomes de Galdo ao Sítio da Travessa.



Caminho Antigo da Travessa

Eixo viário com piso em cimento e terra batida, parcialmente com iluminação pública e com circulação pedonal que liga a Travessa ao Caminho da Coadá.



1ª Entrada da Travessa

Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e com circulação pedonal que liga a Estrada Municipal da Travessa a algumas casas.





2ª Entrada da Travessa

Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e com circulação pedonal que liga a Estrada Municipal da Travessa a algumas casas.



Estrada Municipal de S. Cristóvão

Eixo viário com piso em asfalto, com iluminação pública e com circulação automóvel que liga a ER 101 – Pedro Gomes de Galdo ao sítio conhecido por S. Cristóvão.



Rua Casa do Povo – Prof. Helena Nunes

Eixo viário com piso em asfalto, com iluminação pública e com circulação automóvel que liga 2 pontos da Estrada Municipal de S. Cristóvão.



Caminho do Fundo do Ulheiro

Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e com circulação pedonal que parte da Estrada Municipal de S. Cristóvão.



Travessa do Serrão

Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e com circulação automóvel que liga a Estrada Municipal de S. Cristóvão à Rua Casa do Povo – Prof. Helena Nunes.





Entrada do Serrão

Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e com circulação pedonal que liga a Travessa do Serrão a algumas casas.



Entrada do Lombo

Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e com circulação pedonal que parte da Estrada Municipal de S. Cristóvão.



Rua do Solar

Eixo viário com piso empedrado, com iluminação pública e com circulação automóvel que parte da Estrada Municipal de S. Cristóvão paralelo ao Solar.



Caminho da Coada

Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e com circulação pedonal que liga a Estrada Municipal de S. Cristóvão ao Caminho Antigo da Travessa.



Caminho da Passada

Eixo viário com piso empedrado, com iluminação pública e com circulação pedonal que parte da Estrada Municipal de S. Cristóvão.





Caminho da Escola da Calçada

Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e com circulação pedonal que liga a Estrada Municipal de S. Cristóvão ao Caminho Antigo da Igreja.



Caminho do Cabouco

Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e com circulação pedonal que parte do Caminho da Escola da Calçada.



Rua da Barreira

Eixo viário com piso em asfalto, com iluminação pública e com circulação automóvel que liga a ER 101 – Pedro Gomes de Galdo à Estrada Municipal S. Cristóvão.



Caminho Antigo de S. Cristóvão

Eixo viário com piso em terra batida, com iluminação pública e com circulação pedonal que tem percurso paralelo ao da Estrada Municipal S. Cristóvão.



Caminho da Entrosa

Eixo viário de circulação pedonal que liga a foz da Ribeira ao Arco de S. Jorge.





**ER 101 – Pedro
Gomes Galdo**

Via estruturante da freguesia, com iluminação pública e com circulação automóvel. Topónimo refere-se ao que se supõe ter sido 1º sesmeiro da freguesia.



**Rua da Beira da
Achada**

Eixo viário com piso em asfalto/cimento, com iluminação pública e com circulação parcialmente automóvel que liga a ER 101 – Pedro Gomes de Galdo à Estrada da Achada do Castanheiro.



**Estrada da Achada
do Castanheiro**

Eixo viário com piso em asfalto, com iluminação pública e com circulação automóvel que liga o núcleo central da Boaventura à Achada do castanheiro.



Ladeira do Pastel

Eixo viário com piso empedrado, com iluminação pública e com circulação pedonal que liga a Travessa da Beira da Achada a Rua da Beira da Achada.



Caminho da Escola

Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e com circulação pedonal que parte da Rua da Beira da Achada e passa ao lado da antiga escola, actual Junta de Freguesia.





Travessa da Beira da Achada

Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e com circulação pedonal que liga a ER 101 – Pedro Gomes de Galdo à Estrada da Achada do Castanheiro.



Caminho do Pastel

Eixo viário com piso em cimento/asfalto, com iluminação pública e parcialmente com circulação pedonal que liga a Beira da Achada ao Pastel.



Rua do Calvário

Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e com circulação automóvel que liga a Rua do Vale ao Caminho da Escola da Calçada.



Rua do Vale

Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e com circulação automóvel que liga a Rua do Calvário à Casa do Povo.



Caminho Antigo da Igreja

Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e com circulação pedonal que liga a Rua do Calvário ao Caminho do Lombo do Serrão.





Caminho do Pico

Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e com circulação pedonal que parte do Caminho Antigo da Igreja e serve algumas casas.



Caminho Antigo do Cemitério

Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e com circulação pedonal que liga o Caminho Antigo da Igreja à Rua do Cemitério.



Rua do Cemitério

Eixo viário com piso em asfalto, com iluminação pública e com circulação automóvel que liga o Caminho Antigo da Igreja ao Cemitério.



Caminho do Lombo do Serrão

Eixo viário com piso em cimento/empedrado, com iluminação pública e com circulação pedonal que continua o Caminho Antigo da Igreja até à Estrada da Barreira.



Travessa do Pomar

Eixo viário com piso em cimento, com circulação pedonal que liga a ER 101 – Pedro Gomes de Galdo a Rua da Eirinha.





Escada da Eirinha

Eixo viário com piso em cimento, com circulação pedonal que liga a ER 220 – Banda do Sol a Rua da Eirinha.



Caminho Antigo do Pomar

Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e com circulação pedonal que liga a ER 220 – Banda do Sol a Rua da Eirinha.



Estrada do Portal da Serra

Eixo viário com piso em asfalto, com iluminação pública e com circulação automóvel que liga a ER 220 – Banda do Sol ao cruzamento com a Estrada da Achada do Castanheiro e Estrada Municipal do Pastel.



Rua da Eirinha

Eixo viário com piso em asfalto, com iluminação pública e com circulação automóvel que liga a Estrada da Achada do Castanheiro à Estrada do Portal da Serra.



Entrada do Pomar

Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e com circulação automóvel que liga a rua da Eirinha a algumas casas.





Caminho da Laje Vermelha

Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e com circulação pedonal que liga a Estrada da Achada do Castanheiro à Estrada do Portal da Serra.



Caminho das Laranjeiras (Portal da Serra)

Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e com circulação pedonal que liga a ER 220 – Banda do Sol à Estrada do Portal da Serra.



Estrada Municipal do Pastel

Eixo viário com piso em asfalto, com iluminação pública e com circulação automóvel que liga o Pastel ao cruzamento com as estradas do Portal da Serra e Achada do castanheiro.



Caminho dos Casais

Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e com circulação pedonal que parte da Estrada Municipal do Pastel e serve algumas casas.



Caminho da Serra

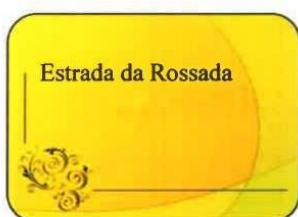
Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e parcialmente com circulação automóvel que liga Estrada Municipal do Paste e Estrada da Achada do Castanheiro.





**Caminho da
Rossada**

Eixo viário com piso em cimento, com circulação pedonal que desce da Estrada Municipal do Pastel para a Rossada.



Estrada da Rossada

Eixo viário com piso em asfalto, com iluminação pública e com circulação automóvel que desce da Estrada Municipal do Pastel para a Rossada.



**Vereda Origem da
Levada**

Vereda pedonal em terra batida que parte da Estrada Municipal do Pastel.



Caminho da Bica

Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e com circulação pedonal que liga 2 pontos da Estrada da Achada do Castanheiro.



**Estrada do Cabo
da Ribeira**

Eixo viário com piso em asfalto, com iluminação pública e com circulação automóvel que liga a Estrada da Achada do Castanheiro ao Cabo da Ribeira.





Caminho Fonte Soneca

Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e com circulação pedonal que parte da Estrada do Cabo da Ribeira e serve algumas casas.



Caminho Antigo do Cabo da Ribeira

Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e com circulação pedonal com percurso paralelo ao da Estrada do Cabo da Ribeira.



Caminho da Água

Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e com circulação pedonal que parte da Estrada do Cabo da Ribeira e serve algumas casas.



Caminho do Saltinho

Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e com circulação pedonal que parte da Estrada do Cabo da Ribeira e serve algumas casas.



Caminho dos Pita

Eixo viário com piso em empedrado/terra batida, com circulação pedonal que parte da Estrada do Cabo da Ribeira e serve algumas casas.





Caminho dos Casais da Achada do Castanheiro

Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e parcialmente com circulação automóvel que parte da Estrada da Achada do Castanheiro e serve algumas casas.



Entrada dos Casais da Achada do Castanheiro

Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e parcialmente com circulação automóvel que parte do Caminho dos casais da Achada do Castanheiro e serve algumas casas.



Caminho dos Currais

Eixo viário com piso em cimento/terra batida, parcialmente com iluminação pública e com circulação pedonal que liga a Achada do Castanheiro à ER 220 – Banda do Sol.



Caminho do Lombo da Achada do Castanheiro

Eixo viário que tem na sua parte urbanizada piso em cimento, iluminação pública e com circulação pedonal que liga a partir do Caminho dos Currais a algumas casas e terrenos agrícolas.



Caminho da Vereda da Fajã

Eixo viário que tem na sua parte urbanizada piso em cimento, iluminação pública e com circulação pedonal que liga a partir da Estrada da Achada do Castanheiro a algumas casas e terrenos agrícolas.





Caminho das Casas

Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e com circulação pedonal que liga o Caminho Pé da Fonte à Estrada da Achada do Castanheiro.



Caminho Pé da Fonte

Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e com circulação pedonal que liga o Caminho das Casas ao Caminho da Bica.



Caminho da Beira da Achada do Castanheiro

Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e com circulação pedonal que liga o Caminho das Casas a terrenos e casas.



Caminho do Lombo

Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e com circulação pedonal que parte da ER 220 – Banda do Sol e serve algumas casas.



Estrada Municipal da Lombadinha

Eixo viário com piso em asfalto, com iluminação pública e com circulação automóvel que parte da ER 220 – Banda do Sol e atravessa o sítio da Lombadinha.





Escaleira das Paredes

Eixo viário com piso em cimento/empedrado, com iluminação pública e com circulação pedonal que desce desde a Estrada da Levada até à Estrada Municipal da Lombadinha.



Caminho da Casa do Meio

Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e com circulação pedonal que liga a Estrada Municipal da Lombadinha à ER 101 – Pedro Gomes de Galdo.



Caminho do Aviso

Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e com circulação pedonal que liga desce da Estrada Municipal da Lombadinha para a ER 101 – Pedro Gomes de Galdo.



Caminho do Rego

Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e com circulação pedonal que liga o Caminho do Aviso ao final da Estrada Municipal da Lombadinha.



Caminho da Achada do Linho

Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e com circulação automóvel que liga a ER 220 – Banda do Sol à Achada do Linho.





Caminho Vista da Levada



Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e com circulação pedonal que liga a Estrada da Levada à ER 220 – Banda do Sol.



Caminho do Pico da Vigia



Eixo viário com piso em cimento, com iluminação pública e com circulação pedonal que liga a ER 220 – Banda do Sol ao Caminho do Aviso.



Estrada da Levada



Eixo viário com piso em asfalto, com iluminação pública e com circulação automóvel que parte da ER 220 – Banda do Sol.



Anexo 9 - Toponímia da freguesia da Boaventura presente no projeto SIGA.

Corresponde à Lista 2.

Fonte: Projeto SIGA, 2012

NOME_ARTERIA	LUGAR	CP4	CP3	CPALF
Caminho Antigo da Falca de Cima	Falca de Cima	9240	027	BOAVENTURA
Caminho Antigo da Igreja	Igreja	9240	028	BOAVENTURA
Caminho Antigo da Serra de Água	Serra de Água	9240	045	BOAVENTURA
Caminho Antigo da Travessa	Travessa	9240	049	BOAVENTURA
Caminho Antigo do Cabo da Ribeira	Cabo da Ribeira	9240	017	BOAVENTURA
Caminho Antigo do Cemitério	Igreja	9240	028	BOAVENTURA
Caminho Antigo do Pomar	Pomar	9240	041	BOAVENTURA
Caminho Antigo dos Lamaceiros	Fajã do Penedo	9240	023	BOAVENTURA
Caminho Antigo dos Lamaceiros	Lamaceiros	9240	030	BOAVENTURA
Caminho da Achada	Lamaceiros	9240	030	BOAVENTURA
Caminho da Achada do Linho	Levada de Baixo	9240	032	BOAVENTURA
Caminho da Achada do Pereiro	Achada do Pereiro	9240	013	BOAVENTURA
Caminho da Achada do Pereiro	Travessa	9240	049	BOAVENTURA
Caminho da Achada Grande	Achada Grande	9240	014	BOAVENTURA
Caminho da Achada Grande	Falca de Baixo	9240	026	BOAVENTURA
Caminho da Achadinha	Achadinha	9240	015	BOAVENTURA
Caminho da Beira	Falca de Baixo	9240	026	BOAVENTURA
Caminho da Beira da Achada	Igreja	9240	028	BOAVENTURA
Caminho da Beira da Achada do Castanheiro	Achada do Castanheiro	9240	012	BOAVENTURA
Caminho da Bica	Achada do Castanheiro	9240	012	BOAVENTURA
Caminho da Casa do Meio	Lombadinha	9240	035	BOAVENTURA
Caminho da Coadá	Serrão	9240	046	BOAVENTURA
Caminho da Coadá	Travessa	9240	049	BOAVENTURA

Caminho das Lajinhas	Achada do Castanheiro	9240	012	BOAVENTURA	
Caminho das Laranjeiras (Portal da Serra)	Pomar	9240	041	BOAVENTURA	
Caminho das Quebradas	Quebradas	9240	042	BOAVENTURA	3
Caminho de Baixo	Achadinha	9240	015	BOAVENTURA	1
Caminho de São Cristóvão	São Cristóvão	9240	044	BOAVENTURA	
Caminho do Arrebetão	Fajã do Penedo	9240	023	BOAVENTURA	3,
Caminho do Aviso	Lombadinha	9240	035	BOAVENTURA	1,
Caminho do Cabouco	Igreja	9240	028	BOAVENTURA	3,
Caminho do Casal da Achada do Castanheiro	Achada do Castanheiro	9240	012	BOAVENTURA	3,
Caminho do Encontro	Achadinha	9240	015	BOAVENTURA	
Caminho do Fundo da Fajã Grande	Fajã Grande	9240	025	BOAVENTURA	17,
Caminho do Fundo do Ulheiro	Serrão	9240	046	BOAVENTURA	3, 5
Caminho do Lanço	Fajã do Penedo	9240	023	BOAVENTURA	1, 3
Caminho do Lombo	Fajã do Penedo	9240	023	BOAVENTURA	3, 5
Caminho do Lombo da Achada do Castanheiro	Achada do Castanheiro	9240	012	BOAVENTURA	1, 5
Caminho do Lombo da Fajã do Penedo	Fajã do Penedo	9240	023	BOAVENTURA	5, 7,
Caminho do Lombo da Falca	Lombo do Urzal	9240	036	BOAVENTURA	21, 2,
Caminho do Lombo do Serrão	Igreja	9240	028	BOAVENTURA	15, 25
Caminho do Lombo do Tanque	Achada Grande	9240	014	BOAVENTURA	
Caminho do Lombo do Urzal	Lombo do Urzal	9240	036	BOAVENTURA	
Caminho do Lombo dos Ferreiros	Achada do Pereiro	9240	013	BOAVENTURA	5
Caminho do Meio	Achadinha	9240	015	BOAVENTURA	
Caminho do Moinho	Falca de Baixo	9240	026	BOAVENTURA	
Caminho do Pastel	Igreja	9240	028	BOAVENTURA	1, 3

Caminho da Cova	Achada Grande	9240	014	BOAVENTURA
Caminho da Eira	Lombo do Urzal	9240	036	BOAVENTURA
Caminho da Eira da Silveira	Silveira	9240	047	BOAVENTURA
Caminho da Entrosa	São Cristóvão	9240	044	BOAVENTURA
Caminho da Escola	Igreja	9240	028	BOAVENTURA
Caminho da Escola da Calçada	Igreja	9240	028	BOAVENTURA
Caminho da Escola da Calçada	Serrão	9240	046	BOAVENTURA
Caminho da Esmoitada da Ribeira	Achada do Pereiro	9240	013	BOAVENTURA
Caminho da Esmoitada da Ribeira	Esmoitada da Ribeira	9240	022	BOAVENTURA
Caminho da Fonte	Cabo da Ribeira	9240	017	BOAVENTURA
Caminho da Fonte Boneca	Cabo da Ribeira	9240	017	BOAVENTURA
Caminho da Laje Vermelha	Pomar	9240	041	BOAVENTURA
Caminho da Levada do Cano	Achada do Pereiro	9240	013	BOAVENTURA
Caminho da Levada dos Tornos	Lamaceiros	9240	030	BOAVENTURA
Caminho da Passada	Serrão	9240	046	BOAVENTURA
Caminho da Ponte da Paulinha	Achada do Castanheiro	9240	012	BOAVENTURA
Caminho da Porta Cantana	Serra de Água	9240	045	BOAVENTURA
Caminho da Rocha do Sabino	Travessa	9240	049	BOAVENTURA
Caminho da Rossada	Rossada	9240	043	BOAVENTURA
Caminho da Sagrada Família	Falca de Baixo	9240	026	BOAVENTURA
Caminho da Serra	Cabo da Ribeira	9240	017	BOAVENTURA
Caminho da Terra do Trigo	Achada Grande	9240	014	BOAVENTURA
Caminho da Terra Tinho	São Cristóvão	9240	044	BOAVENTURA
Caminho das Casas	Achada do Castanheiro	9240	012	BOAVENTURA

Caminho do Pastel	Pastel	9240	037	BOAVENTURA	
Caminho do Pé da Fonte	Achada do Castanheiro	9240	012	BOAVENTURA	
Caminho do Pico	Igreja	9240	028	BOAVENTURA	
Caminho do Pico da Vigia	Levada de Baixo	9240	032	BOAVENTURA	
Caminho do Poço	Falca de Baixo	9240	026	BOAVENTURA	
Caminho do Rego	Lombadinha	9240	035	BOAVENTURA	
Caminho do Ribeirinho	Fajã do Penedo	9240	023	BOAVENTURA	
Caminho do Saltinho	Cabo da Ribeira	9240	017	BOAVENTURA	
Caminho do Serrado	Travessa	9240	049	BOAVENTURA	
Caminho da Siqueada (alterar "do" para "da")	Silveira	9240	047	BOAVENTURA	
Caminho dos Casais	Cabo da Ribeira	9240	017	BOAVENTURA	
Caminho dos Currais	Achada do Castanheiro	9240	012	BOAVENTURA	
Caminho dos Lamaceiros	Lamaceiros	9240	030	BOAVENTURA	
Caminho dos Lamaceiros	Quebradas	9240	042	BOAVENTURA	2
Caminho dos Pitas	Cabo da Ribeira	9240	017	BOAVENTURA	1
Caminho dos Quicos	Travessa	9240	049	BOAVENTURA	
Caminho dos Rochões	Falca de Cima	9240	027	BOAVENTURA	3
Caminho Novo da Fajã do Penedo	Fajã do Penedo	9240	023	BOAVENTURA	27
Caminho Pedra dos Bonitos	Serra de Água	9240	045	BOAVENTURA	
Caminho Vista da Levada	Levada de Cima	9240	033	BOAVENTURA	1, 3
Entrada da Achada do Castanheiro	Achada do Castanheiro	9240	012	BOAVENTURA	1
Entrada da Fajã Grande	Fajã Grande	9240	025	BOAVENTURA	3, 7
Entrada da Portada	Fajã do Penedo	9240	023	BOAVENTURA	
Entrada da Travessa	Travessa	9240	049	BOAVENTURA	3, 5

Entrada do Lombo	Serrão	9240	046
Entrada do Lombo dos Ferreiros	Achada do Pereiro	9240	013
Entrada do Pomar	Pomar	9240	041
Entrada do Serrão	Serrão	9240	046
Entrada dos Lamaceiros	Lamaceiros	9240	030
<i>Estrada</i> ER-101 - Pedro Gomes Galdo	Achadinha	9240	015
ER-101 - Pedro Gomes Galdo	Fajã do Penedo	9240	023
ER-101 - Pedro Gomes Galdo	Fajã Grande	9240	025
ER-101 - Pedro Gomes Galdo	Igreja	9240	028
ER-101 - Pedro Gomes Galdo	Pomar	9240	041
ER-101 - Pedro Gomes Galdo	Serrão	9240	046
ER-101 - Pedro Gomes Galdo	Silveira	9240	047
ER-101 - Pedro Gomes Galdo	Travessa	9240	049
ER 220 - Banda do Sol	Achada do Castanheiro	9240	012
ER 220 - Banda do Sol	Levada de Baixo	9240	032
ER 220 - Banda do Sol	Levada de Cima	9240	033
ER 220 - Banda do Sol	Pomar	9240	041
ER 232 - Estrada da Falca	Fajã do Penedo	9240	023
ER 232 - Estrada da Falca	Falca de Baixo	9240	026
ER 232 - Estrada da Falca	Falca de Cima	9240	027
ER 232 - Estrada da Falca	Lombo do Urzal	9240	036
Escadas da Eirinha	Pomar	9240	041
Escadas do Serrado	Fajã Grande	9240	025
Escaieira das Paredes	Levada de Baixo	9240	032

Escalreira das Paredes	Levada de Cima	9240	033	BOAVENTURA
Estrada da Achada da Madeira	Achada da Madeira	9240	011	BOAVENTURA
Estrada da Achada do Castanheiro	Achada do Castanheiro	9240	012	BOAVENTURA
Estrada da Achada do Castanheiro	Cabo da Ribeira	9240	017	BOAVENTURA
Estrada da Achada do Castanheiro	Igreja	9240	028	BOAVENTURA
Estrada da Achada do Castanheiro	Pomar	9240	041	BOAVENTURA
Estrada da Achada Grande	Achada Grande	9240	014	BOAVENTURA
Estrada da Levada	Levada de Cima	9240	033	BOAVENTURA
Estrada da Vista do Senhor do Bom Jesus	Lombadinha	9240	035	BOAVENTURA
Estrada da Vista do Senhor do Bom Jesus	Pomar	9240	041	BOAVENTURA
Estrada do Cabo da Ribeira	Achada do Castanheiro	9240	012	BOAVENTURA
Estrada do Cabo da Ribeira	Cabo da Ribeira	9240	017	BOAVENTURA
Estrada do Cardo	Achadinha	9240	015	BOAVENTURA
Estrada do Cardo	Fajã Grande	9240	025	BOAVENTURA
Estrada do Cardo	Silveira-Cabeço	9240	048	BOAVENTURA
Estrada do Cemitério	Igreja	9240	028	BOAVENTURA
Estrada do Fundo do Tanque	Achada Grande	9240	014	BOAVENTURA
Estrada do Portal da Serra	Pomar	9240	041	BOAVENTURA
Estrada Manuel Vicente Xavier	Achada Grande	9240	014	BOAVENTURA
Estrada Manuel Vicente Xavier	Falca de Cima	9240	027	BOAVENTURA
Estrada Municipal da Lombadinha	Levada de Baixo	9240	032	BOAVENTURA
Estrada Municipal da Lombadinha	Lombadinha	9240	035	BOAVENTURA
Estrada Municipal da Serra de Água	Quebradas	9240	042	BOAVENTURA
Estrada Municipal da Serra de Água	Serra de Água	9240	045	BOAVENTURA

Estrada Municipal da ...	Silveira	9240	047	BOAVENTURA
Estrada Municipal da Travessa	Travessa	9240	049	BOAVENTURA
Estrada Municipal de São Cristóvão	São Cristóvão	9240	044	BOAVENTURA
Estrada Municipal de São Cristóvão	Serrão	9240	046	BOAVENTURA
Estrada Municipal do Cabeço	Silveira-Cabeço	9240	048	BOAVENTURA
Estrada Municipal do Pastel	Cabo da Ribeira	9240	017	BOAVENTURA
Estrada Municipal do Pastel	Pastel	9240	037	BOAVENTURA
Estrada Municipal do Pastel	Rossada	9240	043	BOAVENTURA
Estrada Municipal dos Lamaceiros	Lamaceiros	9240	030	BOAVENTURA
Ladeira da Achada	Fajã do Penedo	9240	023	BOAVENTURA
Ladeira da Achadinha de Baixo	Achadinha	9240	015	BOAVENTURA
Ladeira da Travessa	Travessa	9240	049	BOAVENTURA
Ladeira das Laranjeiras	Achada do Castanheiro	9240	012	BOAVENTURA
Ladeira do Pastel	Igreja	9240	028	BOAVENTURA
Rua da Barreira	Pomar	9240	041	BOAVENTURA
Rua da Barreira	São Cristóvão	9240	044	BOAVENTURA
Rua da Casa do Povo (Prof. Helena Nunes)	Serrão	9240	046	BOAVENTURA
Rua da Eirinha	Pomar	9240	041	BOAVENTURA
Rua da Falca	Falca de Baixo	9240	026	BOAVENTURA
Rua da Portada	Fajã do Penedo	9240	023	BOAVENTURA
Rua do Calvário	Igreja	9240	028	BOAVENTURA
Rua do Solar	Serrão	9240	046	BOAVENTURA
Rua do Vale	Igreja	9240	028	BOAVENTURA
Rua do Vale	Serrão	9240	046	BOAVENTURA

Travessa da Beira da Achada	Igreja	9240	028	BOAVENTURA
Travessa da Fajã do Penedo	Fajã do Penedo	9240	023	BOAVENTURA
Travessa da Fajã Grande	Fajã Grande	9240	025	BOAVENTURA
Travessa da Falca de Cima	Falca de Cima	9240	027	BOAVENTURA
Travessa da Levada	Levada de Cima	9240	033	BOAVENTURA
Travessa da Portada	Fajã do Penedo	9240	023	BOAVENTURA
Travessa do Fundo da Achada	Fajã Grande	9240	025	BOAVENTURA
Travessa do Lombo	Fajã do Penedo	9240	023	BOAVENTURA
Travessa do Pomar	Pomar	9240	041	BOAVENTURA
Travessa do Ribeirinho	Fajã do Penedo	9240	023	BOAVENTURA
Travessa do Serrão	Serrão	9240	046	BOAVENTURA
Vereda da Achada da Madeira	Achada da Madeira	9240	011	BOAVENTURA
Vereda da Fajãzinha	Fajã do Penedo	9240	023	BOAVENTURA
Vereda da Origem da Levada	Rossada	9240	043	BOAVENTURA
Vereda da Portada	Achadinha	9240	015	BOAVENTURA
Vereda da Serra	Achada do Pereiro	9240	013	BOAVENTURA
Vereda das Laranjeiras	Achadinha	9240	015	BOAVENTURA
Vereda do Cabeço	Silveira-Cabeço	9240	048	BOAVENTURA
Vereda do Lombo	Achada do Castanheiro	9240	012	BOAVENTURA
Vereda do Lombo da Achada Grande	Achada Grande	9240	014	BOAVENTURA
Vereda do Lombo da Achada Grande	Falca de Cima	9240	027	BOAVENTURA
Vereda do Lombo do Urzal	Lombo do Urzal	9240	036	BOAVENTURA

Anexo 10 - Topónimos presentes na freguesia da Boaventura. Corresponde à Lista 3

Fonte: Câmara Municipal de São Vicente, 2024

TAXES DE NATUREZA FÍSICA
Astrotopónimos: nomes de corpos celestes.
Cardinotopónimos: referente às posições geográficas em geral: norte; sul; baixo; cima.
Cromotopónimos: referente às cores.
Dimensiotopónimos: características do acidente: grande; pequeno.
Fitotopónimos: nomes dos vegetais, fauna.
Geomorfotopónimos: referente às formas topográficas.
Hidrotopónimos: acidentes hidrográficos em geral.
Litotopónimo: nomes de minerais e características dos solos ou terrenos.
Meteorotopónimos: fenómenos atmosféricos.
Morfotopónimos: referente às formas geométricas.
Zootopónimos: referente a animais.
TAXES DE NATUREZA ANTROPO-CULTURAL
Animotopónimos ou Nootopónimos: vida psíquica, à cultura espiritual.
Antropotopónimos: Nomes de lugares a partir de designativos pessoais ou famílias
Axiotopónimos: títulos e dignidades de que se fazem acompanhar os nomes próprios individuais.
Hierotopónimos: nomes sagrados de diferentes crenças. Hagiotopónimos diz respeito aos nomes de santos e santas; e Mitotopónimos remete a entidades mitológicas.
Corotopónimos: nomes de cidades, países, estados, regiões e continentes.
Cronotopónimos: indicadores cronológicos, efemérides e datas históricas.
Ecotopónimos: habitações de um modo geral.
Ergotopónimos: elementos de cultura material.
Etnotopónimos: elementos étnicos, isolados ou não (povos, tribos, castas).
Dirrematotopónimos: constituídos por frases ou enunciados linguísticos.
Historiotopónimos: movimentos de cunho histórico-social e aos seus membros, assim como às datas correspondentes.
Hodotopónimos: vias de comunicação rural ou urbana.
Numerotopónimos: adjetivos numerais.
Poliotopónimos: constituídos pelos vocábulos vila, aldeia, cidade, povoação, arraial.
Sociotopónimos: atividades profissionais, aos locais de trabalho e aos pontos de encontro dos membros de uma comunidade.
Somatopónimos: Relação analógica às partes do corpo humano ou de animal

Anexo 11 - Classificação taxonómica dos topónimos

Fonte: Dick, 1992